

manobras para espaços libertários

gabriel augusto de paula bonfim

manobras para espaços libertários

gabriel augusto de paula bonfim

UNIVERSIDADE
DO ESTADO
DE SANTA CATARINA

CENTRO DE ARTES

PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS

Ficha catalográfica elaborada pelo programa de
geração automática da Biblioteca Central/UEDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bonfim, Gabriel Augusto de Paula
Manobras para espaços libertários / Gabriel Augusto
de Paula Bonfim. -- 2021.
232 p.
Orientadora: Sandra Maria Correia Favero
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Gradu-
ação em Artes Visuais, Florianópolis, 2021.
1. Espaço. 2. Cotidiano. 3. Escrita de artista. 4. Pro-
cessos artísticos contemporâneos. I. Favero, Sandra Maria
Correia. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Cen-
tro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais.
III. Título.

manobras para espaços libertários

gabriel augusto de paula bonfim

ILHA DE SANTA CATARINA, 2021

manobras para espaços libertários

gabriel augusto de paula bonfim

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais, na linha de processos artísticos contemporâneos.

Prof.^a Dr.^a Sandra Maria Correia Favero
ORIENTADORA

ILHA DE SANTA CATARINA, 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sandra Maria Correia Favero
(PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS – UDESC)
ORIENTADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Raquel da Silva Stolf
(PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS – UDESC)

Prof.^a Dr.^a Regina Melim Cunha
(PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS – UDESC)

Prof.^a Dr.^a Michelle Farias Sommer
(PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES – UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Telma Scherer
(DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E
LITERATURA VERNÁCULAS – UFSC)

Tenho que falar porque falar salva.
Clarice Lispector em "Água Viva"

Eu gosto de mentiroso que mente por amor à arte.
Ariano Suassuna em entrevista a Jô Soares

Já disse e repito: não me levem a sério; sou
falsa, manipuladora, mentirosa e filha da puta.
Escrevo o que vem na cabeça, só futilidades.
icônico *tweet* de Rita Lee

Eu não sei o que fazer da minha vida
Por isso eu estou triste
E fico vendo tudo em cima da minha cabeça
Em cima do meu corpo
Toda hora me procurando me procurando
E eu já carregada de relação sexual
Já fodida
Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum
Stela do Patrocínio em “Reino dos bichos
e dos animais é o meu nome”

Andrey, Anna, Anny, Antonio, Bianca, Bruna, Caio, Chirlei, Claudinho, Cris, Daniela, Daniela, Danillo, Dassuem, Débora, Dilma, Eduardo, Eliane, Elisa, Elke, Ethienny, Fernando, Francisco, Gabriel, Gabriel, Gabriel, Gabriela, Gui, Gustavo, Gustavo, Hélio, Hugo, Hugo, Janaina, Janaina, Joab, João, João, João, João, Jonas, Julia, Julia, Juliana, Katharine, Khetllen, Krigor, Lady Gaga, Leonilson, Loren, Lorena, Lua, Luiz, Luiza, Manoel, Marialice, Marilia, Mario, Marta, Matheus, Michelle, Miguel, Natalia, Nicolas, Nuala, Onicio, Paulo, Pedro, Pedro, Priscila, Raquel, Regina, Sandra, Shirley, Silvana, Simone, Sofia, Tainara, Tavito, Telma, Tereza, Thais, Tulio, Vinicius.

Agradeço.

ABSTRACT

Maneuvers to liberating spaces is configured as a research in contemporary artistic processes in which the different written pieces by the artist lead the interlocutor on a tour among the public and private contexts of the city and the everyday life, therefore executing an exercise of approximation and estrangement between these places. This tour occurs through a narrative with different textual tones, which interlace the private spaces of the bedrooms where the author had lived (Rooms 1 and 2) and still lives (Room 3) to the public spaces where the dimensions of these rooms are placed, enabling pictures and reflections that present themselves as outputs of affective and performative meaning.

KEYWORDS

Space; Daily life; Artist's writing; Contemporary artistic processes.

RESUMO

Manobras para espaços libertários configura-se como uma pesquisa em processos artísticos contemporâneos na qual as diferentes escritas de/do artista conduzem o interlocutor por um passeio entre os âmbitos públicos e privados da cidade e da vida cotidiana, realizando assim um exercício de aproximação e distanciamento entre esses locais. Esse passeio acontece através de uma narrativa com diferentes tons textuais que entrelaça os espaços privados dos quartos onde o autor viveu (Quartos 1 e 2) e vive (Quarto 3) com os espaços públicos onde as dimensões desses quartos são inseridas, gerando imagens e reflexões que se apresentam como produção de sentido afetivo e performativo.

PALAVRAS-CHAVE

Espaço; Cotidiano; Escrita de artista; Processos artísticos contemporâneos.

27 **PRÓLOGO OU NOTA DE FIM**

QUARTO 1

29 **(RUA DOS TAXISTAS, 69)**

37 O primeiro quarto

69

**QUARTO 2
(RUA PROFESSOR**

77 **ELPÍDIO BARBOSA, 248)**

85 Tentativa de esgotamento do meu quarto

113 Meus vizinhos jacarés

125 Eu tive um sonho com Lygia e ela disse...

129 Não tem nada de errado acontecendo

248

QUARTO 3

141 **(SERVIDÃO MAR DO LESTE, 207)**

149 O mundo acabando e
eu sofrendo por amor

165 O mundo continua acabando e
eu continuo sofrendo por amor

173 O quarto do fim do mundo

207

179 **EPÍLOGO OU NOTA DE COMEÇO**

183 **PUXADINHO**

229 **REFERÊNCIAS**

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

É meu

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Também é meu, só que furtado.

Se arte é vida, então vida é arte.

PRÓLOGO

OU NOTA DE FIM

Posso pedir uma coisa? Não leia este texto agora, leia somente no fim! Disseram-me para escrever uma introdução ou espécie de nota de início, porque uma nota dessa natureza seria essencial para entenderem meu trabalho. Não entendi, mas obedeci! Gosto de escrever, e quanto mais escrevo, melhor me sinto. Escrevo sobre a vida, a minha vida, mas que pode ser a vida de qualquer um. Sou um Gabriel qualquer entre quase 1 milhão de gabriéis no Brasil, segundo o censo de 2010. Não tenho a intenção de ser Clarice e escrever um “A hora da estrela”; sou Gabriel, não Macabéa. Sobre o meu trabalho? Falo sobre espaços! Defino o que são eles? Não, mas escrevo sobre espaços, sobre como ocupar espaços, sobre como viver em espaços, sobre espaços que ocupei e ocupo. Uma coisa meio arquitetura do afeto. Isso existe? Acho que sim, e se não existia, agora existe! Sobre a escrita? Bem, existem diferentes modos de escrita: Fabio Morais tem a “Escritexpográfica”, Hélio Oiticica tem os escritos babilônicos, e eu tenho a escrita-cansaço, escrita-sobre-aquilo-que-pode-ser-familiar, escrita-dor-de-cotovelo, escrita-o-prazo-de-entrega-da-dissertação-tá-acabando, escrita-tem-quatro-mil-pessoas-morrendo-de-covid-por-dia, escrita-de-artista, escrita-pedido-de-socorro, escrita-culpa, escrita-espaço, escrita-manobra, escrita-liberdade, escrita-manobras-para-espaços-libertários! Este texto todo é uma manobra, e se eu te conto qual é a manobra, ela deixa de existir. É uma manobra sorrateira, uma manobra em vermelho, uma manobra invisível, uma manobra como prática artística, uma manobra sem aspas e com notas de furto, uma manobra que já começa com avisos ou senhas de leitura. Tenho que falar porque falar salva! Eu gosto do mentiroso que mente por amor à arte! Não me levem a sério, sou falso, manipulador, mentiroso e filho da puta, escrevo só futilidades! Eu não sei o que fazer da minha vida, estou triste, boto o mundo inteiro para gozar e eu sem gozo nenhum! Não estou escondendo nada de ninguém; escrevo como falo, falo porque preciso, escrevo como posso! Perguntaram-me quem é o meu leitor. Eu não sei responder, mas não sou um artista-que-escreve exigente. Só espero que você que me lê seja curioso, porque a curiosidade move o mundo! Espero também que tenha me desobedecido e lido esta nota no começo. E mais do que nunca: fora, Bolsonaro! Vacina para todos já!

MANOBRA

substantivo feminino

1. ação ou efeito de manobrar. 2. qualquer operação manual. 3. série de atitudes ou ações realizadas para se alcançar determinado objetivo. "precisou fazer muitas manobras para comprar este terreno". 4. atitude ou enredo ardiloso; artimanha, astúcia. 5. *m.q.* ILUSIONISMO ('arte de criar ilusão'). 6. MILITAR (TERMO) movimentação de uma tropa em campanha. 7. TEATRO o conjunto dos equipamentos que sustenta e movimenta os cenários e a iluminação do palco. 8. POR EXTENSÃO•TEATRO a movimentação desse equipamento. Origem ETIM fr. *manoeuvre* 'id.' < *lat. medv. manuopĕra, ae* 'trabalho manual'. SEMELHANTES: ardil, ilusionismo, aboiz, alicantina, arapuca, armadilha, arteirice, artifício, artimanha, astúcia, batota, blefe, burla, cambalacho, cilada, conluio, dolo, embromação, embrulho, embuste, endrômina, engano, engenho, engodo, enredo, esparrela, falcatrua, farsa, fraude, golpe, impostura, insídia, intriga, lábia, logro, manha, maquinação, mentira, mutreta, obra, pabulagem, patifaria, perfídia, raposice, ratoeira, sagacidade, trama, tramoia, trapaça, trapalhada, tratantada, treta, truque, velhacaria, subterfúgio, escamoteação, manigância, pelotica, prestidigitação, prestigiação, movimentação, estacionamento, vaga, posicionamento, engenhosidade, habilidade, destreza, indústria, artimanha, macete, estratégia, estratagema, tática, técnica, ação, procedimento, operação, recurso, obra, ardileza, jogo, mutreta, enrolação, manipulação, logro, má-fé, mágica, magia, manuseio, manuseamento, manipulação, manejo, manei, manuseação, evolução, movimento, exercício.

É o que eu faço.

a rua estreita, mamãe, as irmãs, o cunhado,
o padrasto, o bebê, a casa da mãe, a casa
da irmã que era a casa da vó, o bar do seu
zé, a boca de fumo, os traficantes, a vizinha
fofoqueira, as outras vizinhas fofoqueiras,
o pé de manga, a rua estreita, a vizinha
bêbada, o vizinho bêbado, o vizinho gay, a
vizinha sapatão, o cara que acha que é dono
da rua, a senhora que vende geladinhos,
a velhinha que deu o golpe na minha mãe,
os novinhos, as novinhas, as senhoras, os
senhores, as donas de casa, os vagabundos,
os trabalhadores, as crianças, o tempo lento,
os carros velhos, os muros altíssimos, os
barracos, a música alta, os gritos, a sujeira,
os cachorros, os gatos, as galinhas, o cavalo,
a dengue, os padres, a polícia, a imprensa,
a esperança, os churrascos, a saudade



69

FER 1012

O PRIMEIRO QUARTO

Lembro-me de escrever no ar.

Eu era criança e estava em processo de alfabetização. Amava andar de ônibus, mas sempre passava mal quando embarcava. A situação piorou até chegar um momento em que eu precisava ser medicado para entrar em qualquer ônibus, e minha mãe sempre me dava meio comprimido de Dramin antes de viajarmos para a cidade. Sim, eu morava tão longe do centro da cidade que pensávamos que o centro era a cidade e que onde morávamos era outra coisa (mamãe chama o centro de “cidade” até hoje, como a maioria das pessoas do interior). Eu gostava de me sentar à janela, no banco alto, e não tirava os olhos da rua; gostava de quando o ônibus acelerava, mas gostava mais ainda de quando ele ia devagar, porque assim eu podia ler todas as placas e fachadas de loja. Quando eu lia em voz alta, minha mãe não falava nada, mas, quando eu escrevia as palavras no ar, ela brigava comigo, dizendo que isso ainda ia chamar coisa ruim. Nunca entendi.

Lembro-me também do primeiro tombo de bicicleta. Do berço menor que eu. Da fome. Da minha mãe indo trabalhar e eu ficando sozinho. De ir trabalhar com minha mãe. Do pé de manga maior que o mundo que existia ao lado de casa. Do padrasto que batia na minha mãe. Da vez em que meu padrasto desmaiou de bêbado enquanto eu estava sozinho em casa e eu bati muito nele. Da primeira escola em que estudei. Da professora que confundia o nome da minha mãe, Chirlei, com Sheila. Da padaria que vendia sete doces por R\$ 1. Do leite que era R\$ 1. Dos sete pães que também eram vendidos por R\$ 1. Do sertanejo que tocava no nosso radinho de fita sempre sintonizado na Igapó FM. Do meu pai que não existia. De quando destronquei o dedão na escola e pensei que ia morrer. De ser o melhor aluno da sala. De ser o segundo melhor aluno da sala, depois que o Paulo Henrique Lima de Abreu começou a cair na mesma sala que eu todos os anos. Do nosso cachorro Bidu, que não gostava de mim e me mordida. Da nossa gatinha Duda, que era completamente

apaixonada pelo vapor expelido pela panela de pressão na hora que a mãe tirava a pressão da panela dentro da pia. Da vó Tereza, que tanto discutia com a mãe. De quando empurrei a Ethienny, minha irmã mais velha, em uma porta de vidro e ela cortou a perna. De quando a passagem de ônibus era R\$ 1,95, então a mãe me dava R\$ 2 para pagar o ônibus e eu comprava cinco balas de 1 centavo com o troco toda vez. De quando achei R\$ 20 no banco do ônibus e dei para o cobrador na esperança de que ele devolvesse ao dono. Da nota de R\$ 10 de plástico. Da eleição do Lula.

Tenho muitas memórias da infância. Talvez seja por causa da minha pouca idade (hoje tenho 22 anos), já que esse período da vida ainda não é tão distante para mim. Recordo-me principalmente das minhas peraltices, carinhosa e agressivamente chamadas por minha mãe, dona Chirlei, de “artes”; pois bem, desde pequeno, sempre fui arteiro.

Ah, já que falei de mamãe, tenho uma história de família no mínimo curiosa sobre o nome dela. Minha mãe se chama Chirlei; sim, Chirlei com “ch” (um erro de registro do cartório ou de escrita dos meus avós, analfabetos funcionais). Ela nasceu em Londrina; na verdade, em uma Londrina que não é mais Londrina (foi em Tamarana, que em 1967, quando ela nasceu, era um distrito de Londrina, mas que, a partir de 1995, um ano antes de eu nascer, virou município). Ainda sobre o nome Chirlei, meus avós teriam a chance de corrigi-lo em uma oportunidade futura — pelo menos foi o que eles pensaram, em 1971, quando minha avó deu à luz minhas tias gêmeas. Eles nomearam uma como Sisneide (Tia Pê) e a outra como Shirley (Tia Sirley), com “sh”, em homenagem ao nome “errado” da minha mãe. Para não confundir: o nome da mãe se pronuncia Xirlei, e o dia tia se pronuncia Sirlei. Pelo menos é assim que diferenciamos em casa.

Essa coisa de nome diferente ou errado é moda na minha família. Eu tenho um tio, o tio Hélio, que por toda a vida foi chamado assim. Até o momento em que ele foi matriculado na escola, e descobriram que o Hélio na verdade estava registrado como Edi. Ele acha graça na história. Hoje, tio Hélio trabalha como motorista de ônibus intermunicipal; no crachá se lê Edi, mas todos os colegas o chamam de Hélio. Eu acho essa história engraçada porque no dialeto LGBT, também conhecido como pajubá, edi (ou edy) significa cu.

Outros casos no mínimo interessantes são os dos nomes das minhas irmãs. A mais velha se chama Ethienny, sim, E-T-H-I-I-E-N-N-Y. Minha mãe viu esse nome (Etiene) em uma revista

dessas de costura, que quase toda dona de casa tinha no fim do século passado, e se apaixonou por ele. Era muito difícil para mim, na infância, falar o nome dela; em vez de Ethienny, eu a chamava de Tutu. Por quê? Bem, eu não sei. Minha irmã mais nova se chama Anny, sim, A-N-N-Y; a grafia é para combinar com o nome da minha outra irmã. O nome ocorreu à minha mãe em um sonho no qual, segundo ela, minha bisavó, Cristina, pediu por ele. Por causa disso, minha irmã se chama Anny Cristina.

Você deve estar se perguntando como eu me saí dessa leva de nomes interessantes, não é? Pois é, não foi fácil. Eu me chamo Gabriel, Gabriel Augusto, mas por um preço bem alto. Eu ia me chamar Rayan, sim, R-A-Y-A-N (pronuncia-se Raiã). Pedi ajuda a mamãe por WhatsApp¹ para contar esta história:

[14:50, 28/09/2020] Mãe: Então no dia 17 de dezembro, um dia antes de você nascer eu tinha uma consulta com o doutor Luiz Sato, médico que atendia no hospital São Camilo de Jataizinho, ele também era prefeito da cidade na época, a consulta estava marcada para às 7 horas da manhã, saí de madrugada, porque o hospital era em outra cidade, quando cheguei lá, tive que esperar bastante pra ser atendida, muita gente! Quando o doutor Luiz me atendeu, fez a ultrassom e notou que tinha alguma coisa de diferente com o meu bebê... você não estava conseguindo respirar, daí já veio a notícia: uma cesariana marcada às pressas, para o dia 18 de dezembro às 7 horas da manhã.

[14:52, 28/09/2020] Mãe: Desespero total, fui pra casa, arrumei minhas coisas, já morava no Franciscato com a minha mãe e o Silvio, numa casa de 2 cômodos, horrível.

[14:53, 28/09/2020] Mãe: Fui internada e você nasceu 11 e pouco, nasceu desacordado, com oito meses e cinco dias, com 4 quilos e 54 centímetros, enorme e lindo.

[14:57, 28/09/2020] Mãe: Mas corria risco de morte, você precisava de um balão de oxigênio para neonatal e o hospital não tinha, daí a mãe ligou pra tia Rosalina que conseguiu falar com a irmã dela a Maria

da Selva que era muito amiga do prefeito Cheida de Londrina que liberou uma ambulância pra você, naquela época as ambulâncias não podiam sair de Londrina mas o prefeito era médico e sabendo da sua situação liberou a ambulância.

[15:00, 28/09/2020] Mãe: Daí faltava a vaga pra te internar... no primeiro momento conseguiram uma vaga num hospital de Curitiba, mas você precisava ir de avião, e ninguém tinha condições de bancar eu e você num avião, com balão de oxigênio.

[15:02, 28/09/2020] Mãe: Com muito custo conseguiram uma vaga no hospital infantil de Londrina, saímos de ambulância eu, você e a tia Rosalina.

[15:06, 28/09/2020] Mãe: Daí você foi internado, fez uma cirurgia pra colocar o dreno e tirar toda a água do seu pequeno pulmão, pois você nasceu com broncopneumonia, ficou engolindo água da bolsa durante a gestação.

[15:11, 28/09/2020] Mãe: Foram 3 dias com você lutando pela vida, tinha uma freira que ficava o tempo todo do seu lado, fazendo orações, o médico falou pra mim que tinha feito tudo o que a medicina podia fazer, que agora estava nas mãos de Deus, você lutou bravamente e venceu, foram dias difíceis. Uma criança de 7 meses morreu esperando uma vaga de neonatal, só tinham 6 incubadoras, foi muito triste os pais do bebê só tinham 17 anos, eu vi quando enrolaram o bebê num lençol e colocaram dentro de um caixão minúsculo, foi bem triste.

[15:14, 28/09/2020] Mãe: Você saiu bem no dia de natal, já não corria mais perigo, mas não podia tomar vento e pensa, você nasceu em dezembro, bem no calor e eu não podia nem ligar o ventilador!

[15:15, 28/09/2020] Mãe: Foram 21 dias, indo no posto 3 vezes por dia, de manhã a tarde e noite, você tinha que tomar 3 injeções por dia, pra não pegar nenhuma infecção.

[15:17, 28/09/2020] Mãe: Dias difíceis também, porque tinha que colocar você no carrinho e ir 3 vezes por dia no posto, e eu tinha feito cesariana, estava com a barriga toda costurada, e o posto de saúde era no São Lourenço.

[15:17, 28/09/2020] Mãe: Mas vencemos!!!

[15:18, 28/09/2020] Mãe: Só sobrou essa cicatriz pra contar história

Depois disso, você ainda deve estar se perguntando como Rayan se tornou Gabriel Augusto, certo? A mãe não falou pelo WhatsApp porque não gosta dessa história, mas pode deixar que eu conto aqui. Assim que eu nasci, com todos esses problemas de saúde, mamãe, dona Chirlei Aparecida, fez uma promessa para Nossa Senhora Aparecida, a santa que ela carrega em seu nome. Ela prometeu que, se eu sobrevivesse, me batizaria como Gabriel e me levaria a Aparecida do Norte em forma de agradecimento.

Pois bem, eu sobrevivi e fui batizado como Gabriel Augusto de Paula. Gabriel, pela santa. Augusto, porque era um nome que ela achava muito bonito (há boatos de que foi um namorado dela na adolescência, que não é meu pai). Até hoje nunca fomos a Aparecida do Norte, e ela sempre fica abalada com esse fato. De Paula, porque esse é o sobrenome dela. Sempre penso muito na história desse sobrenome, pois ele foi empurrado para a minha família. Quando meus bisavós foram registrar meu avô, o responsável do cartório sugeriu a eles este sobrenome, de Paula, porque ele era de uma família muito rica de Minas Gerais e, segundo ele, isso atrairia sorte para o bebê. Eu nunca entendi. Meu avô é o único entre seus irmãos, meus tios-avôs, que possui o sobrenome de Paula. Meu bisavô tinha o sobrenome Silveira, que foi passado para meu avô como Silvestre; porém, meu avô não registrou minha mãe com esse sobrenome: minha mãe é de Paula, enquanto minhas tias, suas irmãs, são Silvestre de Paula. Minha família é um exemplo de que a história do povo negro realmente foi apagada do Brasil; não temos direito nem a um sobrenome. Meu bisavô materno, senhor João, contava as histórias de seu pai, meu tataravô, que foi escravizado. Com quase 100 anos, ele me falava sobre as cicatrizes do pai com dor nos olhos; segundo ele, meu tataravô tinha o corpo todo marcado de tanto levar chibatadas e apanhar dos senhores. Nem minha mãe nem minhas tias souberam me dizer o nome do meu

tataravô. Meu bisavô já morreu faz tempo. Meu avô morreu de Covid. Vivo com medo constante de que as histórias da minha família se percam no tempo.

A respeito do sobrenome Bonfim, bem, esta é uma história complicada. Eu, de fato, fui registrado como Gabriel Augusto de Paula e não sabia quem era o meu pai até os 14 anos. Lembro-me de um dia em que cheguei em casa e encontrei minha mãe chorando, sentada na minha cama, dentro do meu quarto. Fiquei chocado pela cena. Ela me olhou e disse que precisava me contar a verdade sobre meu pai. Até então, eu acreditava que meu pai era o pai da minha irmã mais velha, pois essa era a história que minha mãe tinha me contado. Porém, sempre achei estranho o fato de que eu não tinha o mesmo sobrenome da minha irmã mais velha nem o nome do pai nos meus documentos, e que esse meu suposto pai nunca tinha me tratado como filho.

Minha mãe, chorando, olhou para mim e disse que meu pai, na verdade, era outra pessoa; que ela nunca tinha me contado isso porque ele era uma pessoa muito ruim; que quando ela descobriu a gravidez ele fugiu e a abandonou grávida, e que ele tinha cometido um crime muito grave. Eu, criança de tudo, fiquei assustado e empolgado com a notícia. Não me lembro de tudo que ela me contou naquele momento nem de todas as coisas que perguntei. Mas me lembro de ter perguntado o nome dele. E ela me respondeu chorando: Adir Nestor Bonfim.

Na época, eu não tinha computador nem internet em casa. Corri para a *lan house* do bairro, paguei R\$ 1 pela hora e me joguei em buscas. Google. Adir Nestor Bonfim. Pesquisar. Encontrei muitas coisas, muitas coisas mesmo. Descobri que ele era advogado. Descobri que ele tinha cursado Direito na UEL (Universidade Estadual de Londrina). Descobri que ele tinha matado um homem. Não descobri o porquê. Descobri que era possível ele estar vivo. Encontrei um perfil sem foto em uma rede social que poderia ser dele. Não era no Facebook, era no Sonico, uma mistura latino-americana de Facebook com Orkut. Com toda a inocência do mundo, eu escrevi uma mensagem; não me lembro direito do tom que usei (faz mais de 10 anos), mas lembro que perguntei se ele conhecia uma tal de Chirlei e se, sim, era possível ele ser meu pai. Também mandei meu nome, meu telefone e meu endereço. Ele nunca respondeu a mensagem.

Era 2010. Eu estava me arrumando para ir à pré-estreia de “A Saga Crepúsculo: Eclipse” no cinema do shopping com meus amigos do colégio, tinha acabado de sair do banho.

Um homem parou com uma caminhonete branca na frente de casa e começou a bater palmas. Atendi com a toalha enrolada no corpo. Ele me olhou e perguntou se eu era o Gabriel. Eu olhei desconfiado e respondi que sim. Ele sorriu e disse que era meu pai. Eu gritei por minha mãe e disse “mãe, tem um homem aqui dizendo que é meu pai”. Minha mãe apareceu na porta, e sua pele negra ficou branca em 2 segundos. Ela, sem entender nada. Eu, sem entender nada. Eles saíram para conversar e eu fiquei em casa.

Eles voltaram 1 hora depois. Os olhos da minha mãe, cheios de lágrimas. Eu, ainda sem entender nada. Adir me chamou para dar uma volta com eles na caminhonete. Eu entrei, ele começou a andar pelo bairro. Ele me perguntou o que eu queria dele, eu respondi que queria o nome do meu pai nos meus documentos, e ele disse que isso ele podia me dar. Ele perguntou se eu usava drogas, e eu respondi que não. Ele perguntou se eu estava atrás de dinheiro, porque, se eu estivesse, ele sumiria outra vez. Eu respondi que não queria o dinheiro dele.

Eu era tão novo, e estava tão deslumbrado pela ideia de finalmente ter um pai, que na época nem entendi como essa situação foi agressiva comigo e com a minha mãe. Hoje eu me arrependo de ter ido atrás do meu pai. Depois que o conheci, nós fizemos um exame de DNA para confirmar a paternidade; minha mãe disse que não existia a menor possibilidade de dar negativo, já o Adir duvidava um pouco. Pois bem, fizemos o exame e, pronto, 99,9999999986% de chance de ele ser meu pai.

Depois disso nos vimos poucas vezes, em alguns aniversários e dia dos pais em que ele me levava até a casa dele. Junto com o pai, ganhei outros três irmãos; um tempo depois, ainda ganhei mais um irmão, que surgiu da mesma maneira que eu e passou pelo mesmo processo de confirmação de paternidade. Ganhei também alguns tios, tias, primos e uma madrastra.

Meu pai morreu de pancreatite, uma espécie de inflamação no pâncreas, três anos depois de a gente se conhecer. Nunca tivemos uma conversa entre pai e filho; nossa relação nunca passou de encontros de fins de semana. Tenho apenas uma foto com ele e com meus outros irmãos.

Alguns anos depois da morte do meu pai, voltei a pesquisar sobre a vida dele. Eu queria entender tudo que tinha acontecido. Descobri que ele tinha sido preso por matar o filho de um ex-patrão; segundo a matéria do jornal, ele matou o

rapaz porque, supostamente, este tinha dado em cima dele enquanto os dois dividiam um quarto de hotel a trabalho. Um crime de homofobia. E eu, gay. É difícil viver sabendo disso. Às vezes me sinto culpado por isso e nem sei explicar por quê. Fico pensando que eu era um castigo para ele, como um resultado daquelas coisas horríveis que as pessoas falam sobre desejar um filho gay para um homofóbico. Será que a nossa situação era assim? Minha existência era esse castigo? Eu nunca vou saber, ele morreu. Ele não sabia da minha sexualidade, quer dizer, não sabia de mim. Esses tempos, perguntei a minha irmã mais nova, que morava com ele, se ele sabia que eu era gay. Ela disse que, antes de morrer, ele tinha perguntado a ela se eu era gay, e ela respondeu que achava que sim. Ele nunca me disse nada. Esse assunto é recorrente nas minhas sessões de terapia.

Enfim, ainda pensando sobre os mistérios do meu nascimento e por causa da minha paixão pela pesquisa, decidi investigar quais eram as manchetes dos principais jornais do país quando nasci. Em 18 de dezembro de 1996, a Folha de S.Paulo noticiava que o então presidente argentino, Carlos Menem, atacava incentivos ao Nordeste; pelo que entendi, ele entrou em uma briga com Fernando Henrique Cardoso, então presidente brasileiro, para atrair montadoras de automóveis para a Argentina. Além disso, o jornal divulgava que Madonna se considerava uma garota boazinha e acreditava ser negra, pois, para ela, ser negro era sinônimo de ter alma, e, bem, ela tinha, não é? Madonna seria cancelada por dizer isso hoje em dia...

Já O Globo, naquela data, dizia que o governo ia punir a alta abusiva de preço dos combustíveis, enquanto a Folha de Londrina, o maior jornal da cidade, anunciava que a UEL debateria a autonomia do ensino superior, que um acidente tinha matado um empresário na BR-369 e que professores faziam acampamento.

Infelizmente a Folha de Londrina não publicou nenhuma notinha sobre meu nascimento, ridícula. Lembro-me de aparecer nesse jornal em duas ocasiões: a primeira foi por uma reportagem sobre a qualidade dos alimentos feita em minha antiga escola, em que eu apareci segurando um pacotinho de tempero Sazón, pois a comida de lá não tinha tempero algum! Nunca mais encontrei a reportagem, mas lembro que me senti muito famoso com o jornal impresso na época. Na segunda ocasião, dei uma entrevista como locutor da rádio da escola (“Rádio CAIC 88.5 FM, a sintonia certa!”). Eu arrasava discotecando nos intervalos do colégio; desde

pequeno, sempre fui muito comunicativo e popular. Da entrevista, sobrou só uma foto da minha foto no jornal — minha família nunca foi boa com arquivos.

Quando chove no morro, que não tem um sistema de esgoto apropriado, os bueiros transbordam e a água vai das ruas de cima para as de baixo, e das ruas de baixo para as ruas mais abaixo, e daí em diante, em um efeito dominó. Por isso, sempre que chove muito e as ruas alagam, minha casa alaga também. Londrina divulga orgulhosamente que é uma das cidades com o maior índice de saneamento básico do Brasil, que coleta 99,98% do esgoto da cidade, mas os 0,02% restantes, infelizmente, nunca receberam atenção do poder público. Meu bairro, que é um dos maiores da cidade e tem quase 40 anos de história, nunca recebeu rede de esgoto!

Em uma das diversas enchentes que aconteceram no meu bairro, minha casa inundou. Todos os nossos álbuns fotográficos ficaram encharcados e as fotos foram danificadas. Minha mãe sempre se culpa por isso. Nossa vida nunca foi fácil, mas também não foi das piores. Passamos por muitos perrengues, mas sempre nos viramos bem até hoje. É uma eterna manobra no espaço em busca de liberdade e dignidade.

Moro no último bairro de Londrina. A periferia, na cidade, realmente fica na periferia, nas bordas, à margem da cidade. Algumas pessoas chegam a dizer, erroneamente, que Londrina não tem nenhuma favela; esse tipo de percepção é até compreensível se quem a tem mora no centro e faz seus trajetos de carro, porque assim não se nota a existência de nenhuma periferia mesmo. Todas as ruas do meu bairro têm nomes de profissões, como uma forma de homenagear os trabalhadores que ocuparam o bairro e nele resistiram em busca de uma vida melhor. O nome do bairro, que é União da Vitória, também homenageia os moradores que se uniram.

Já são mais de 10 anos na Rua dos Taxistas. Minha mãe ainda mora na mesma casa. Minha irmã mora na mesma rua, na casa que era da minha vó até alguns anos atrás. Minha rua é conhecida no bairro pelas fofoqueiras de plantão: muitas mulheres ficam sentadas nas calçadas, em frente às suas casas, falando sobre a vida dos outros, inclusive sobre a minha (eu nem ligo mais). A rua é bem estreita; é difícil para dois carros passarem de uma vez, e o caminhão do lixo sempre sofre para atravessar a rua. A história que se conta é de que a minha rua surgiu de uma invasão dentro da invasão; que, no processo de ocupação e zoneamento do bairro, a prefeitura definiu o espaço onde eu moro hoje em dia como

uma praça, mas alguns moradores ocuparam e criaram duas ruas: a minha e a de cima, que é a Rua dos Datilógrafos. Acho que a história é verdadeira porque não temos nenhum documento que comprove a posse da residência, ao contrário de moradores de outras ruas do bairro.

Estudei durante um bom tempo na Rua dos Sapateiros: tinha que subir a Rua Alvino Eugênio de Menezes, popularmente conhecida como morro do Pulmão (o nome é engraçado, mas faz sentido: literalmente, perde-se o pulmão subindo esse morro, pois é muito íngreme). Já que veio ao caso, Alvino Eugênio de Menezes é um dos fundadores do bairro. Ele possuía uma vendinha; ela foi vendida e se tornou um mercadinho, que se localiza na rua com o nome dele. Algumas poucas ruas do bairro receberam nomes de moradores e fundadores: outro exemplo de logradouro desse tipo é a Rua Adelina Faria de Menezes, que era casada com o senhor Alvino.

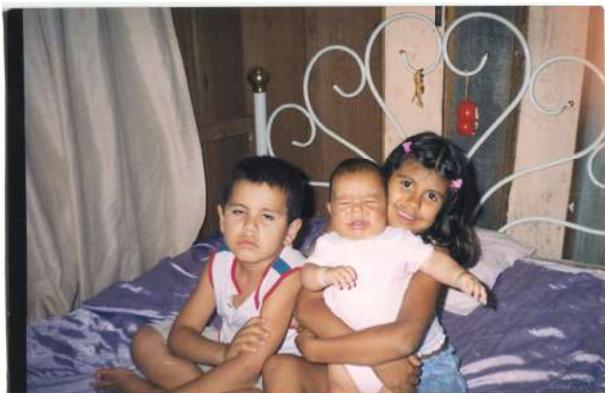
Quando eu era criança, morei na Rua da CUT, em uma casa alugada. Ficava em uma descida bem íngreme. Lembro que brincava de carrinho de rolimã e ralei muito meus joelhos naquela descida. Quando morei nessa casa eu tinha um casal de peixinhos dourados, o Leo e a Jade (por conta da novela “O Clone”, que era exibida na época); em dias de sol eu colocava os peixinhos para nadar na piscina, uma daquelas de lona de 1000 litros (e por incrível que pareça ninguém me impedia). Eu sempre descia sozinho e a pé até a Rua do MST, onde existia a maior árvore do mundo com as maiores folhas do mundo, acho que era uma figueira; eu escolhia as melhores e mais verdinhas das folhas, levava para casa e colocava na piscina, e os peixinhos ficavam descansando embaixo delas. Um dia eu esqueci Leo e Jade na piscina e fui para a escola; quando voltei eles não estavam mais lá: meu cachorro Juninho tinha comido eles. Foram dias de luto em que fiquei agoniado esperando o Juninho fazer cocô, na esperança de os peixinhos saírem vivos, mas isso nunca aconteceu.²



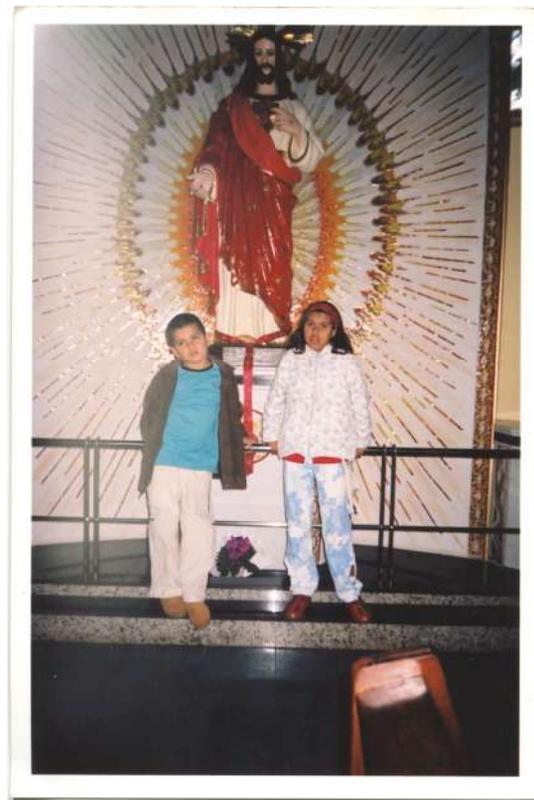
NOTAS DE FURTO

¹ PAULA, Chirlei Aparecida de. [História do nascimento do Gabriel]. WhatsApp. 28 set. 2020. 14:50. 13 mensagens de WhatsApp.

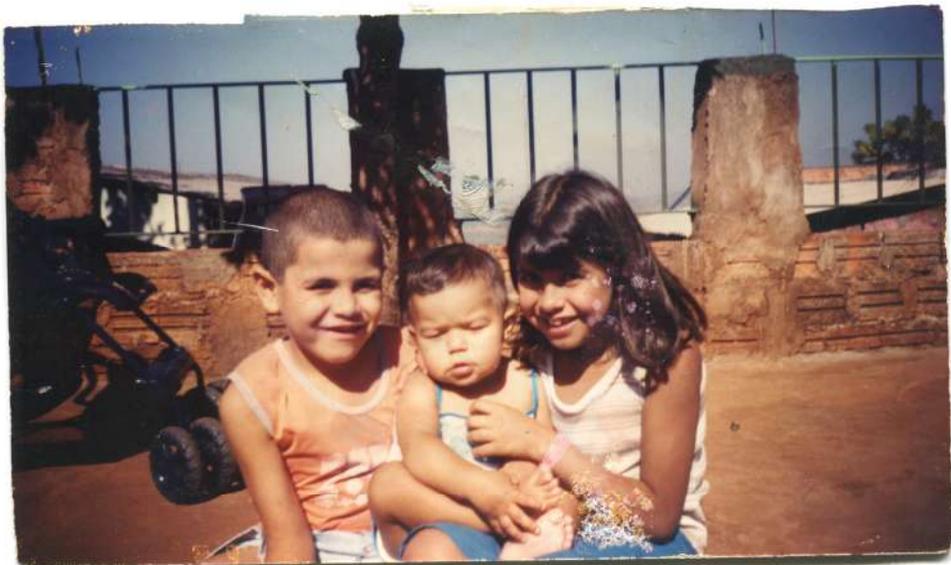
² Texto adaptado do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: BONFIM, Gabriel Augusto de Paula. *Corpo exposto não manda recado*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. p. 116-121.

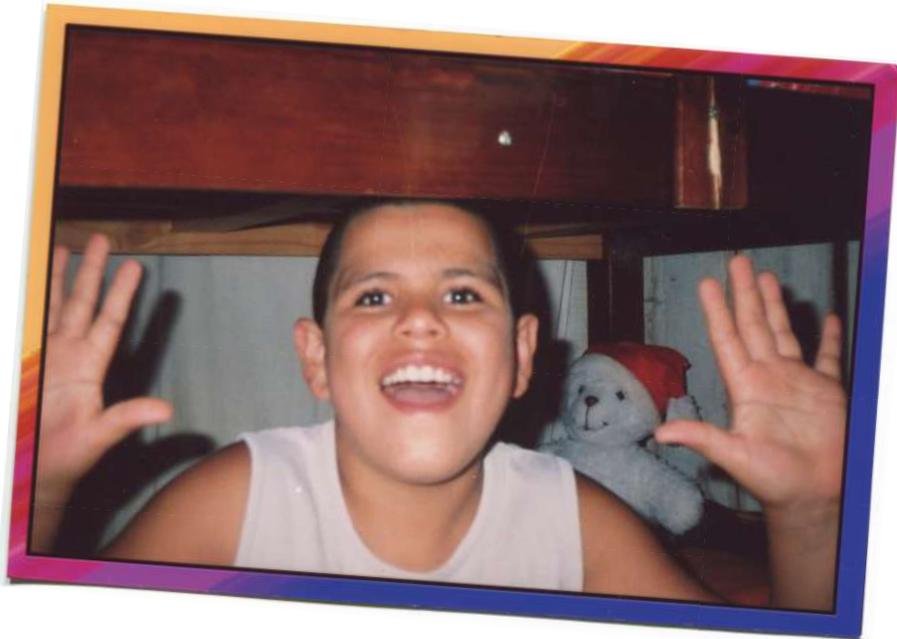


Lembrança de minha
vizinha querida
Cristina e o vizinho
paô é pena que hoje
os dois não possam
estar unidos como
antigamente.
Chicli
DATA: 26-07-81 À NOITE

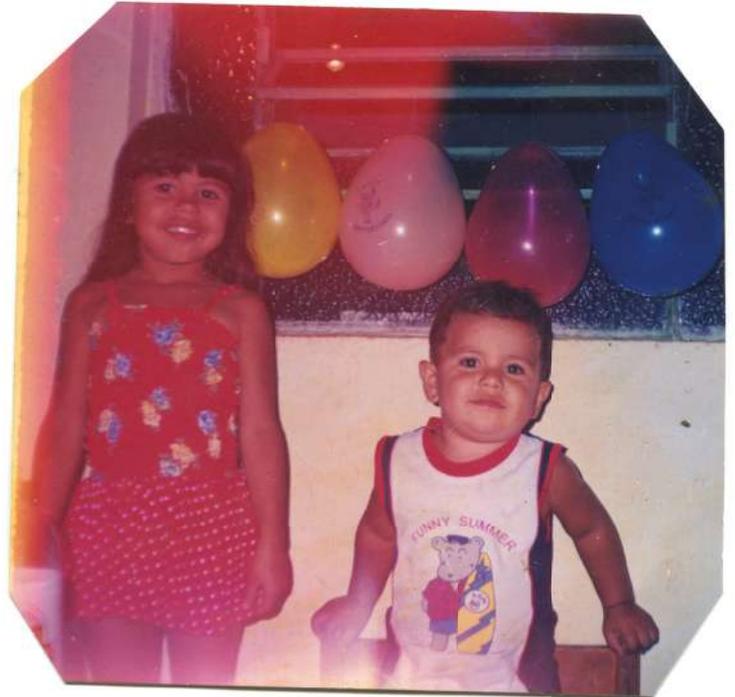
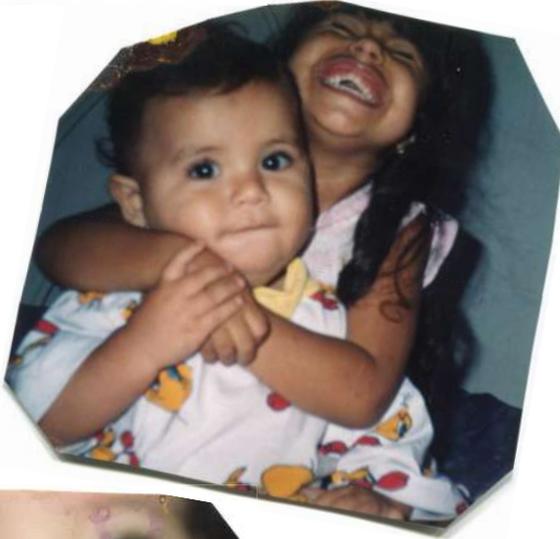




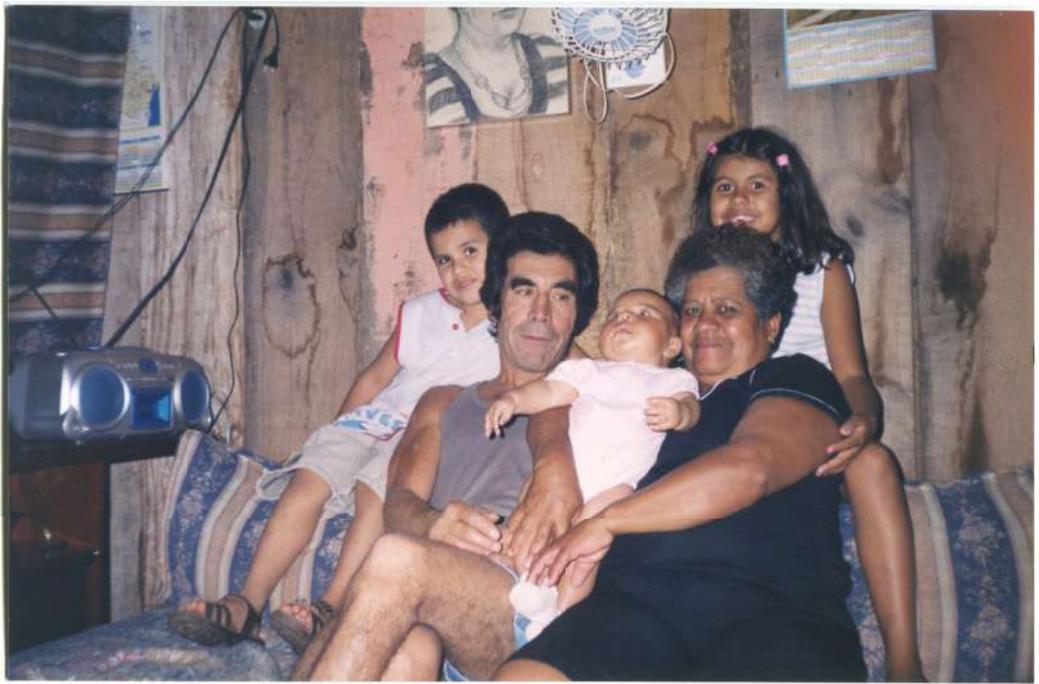








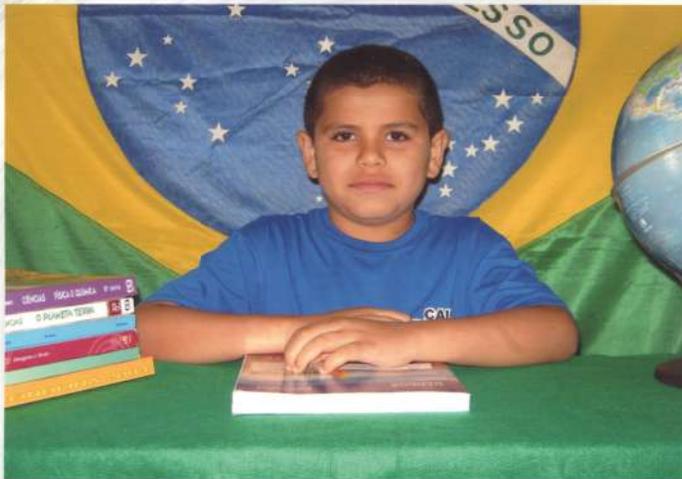






Viagem para Londrina





2005



CAIC DOLLY JESS TORRESIN
Escola Municipal Zumbi dos Palmares

Aluno: Gabriel Augusto de Paula

3ª B

Professor: Lucy Mara Conceição

"É mais fácil construir uma criança do que consertar um adulto."

Charles Chick Goin











ESPAÇO

substantivo masculino

Rua dos Taxistas, 69 ↔ Caminhar até Rua dos Cozinheiros, 268 ↔ Tomar 210 (Vitória Via I ou Via V) ↔ Desembarcar no Terminal Central ↔ Tomar 109 (Rodoviária) ↔ Desembarcar no Terminal Rodoviário de Londrina ↔ Tomar Londrina - Florianópolis (Viação Brasil Sul) ↔ Desembarcar Terminal Rodoviário de Florianópolis ↔ Caminhar até TICEN (Terminal de Integração Central) Plataforma A ↔ Tomar 135 (Volta ao morro - Carvoeira Norte Via TITRI) ou 136 (Volta ao morro - Carvoeira Sul Via TITRI) ou 137 (Volta ao morro - Pantanal Norte Via TITRI) ou 138 (Volta ao morro - Pantanal Sul Via TITRI) ↔ Descer na Rua Lauro Linhares, 996 (em frente ao Posto Angeloni) ↔ Caminhar até Rua Professor Elpidio Barbosa 248.

1. extensão ideal, sem limites, que contém todas as extensões finitas e todos os corpos ou objetos existentes ou possíveis. 2. extensão limitada em uma, duas ou três dimensões; distância, área ou volume determinados. "o espaço era pequeno para a construção do prédio". 3. a extensão que compreende o sistema solar, as galáxias, as estrelas; o Universo. 4. região situada além da atmosfera terrestre, ou além do sistema solar. "o foguete avançava no espaço". 5. FIGURADO (SENTIDO)•FIGURADAMENTE âmbito, alcance indefinido. "ficou ali, desorientado, os olhos perdidos no espaço". 6. capacidade, acomodação. "há espaço para todos no auditório". 7. cabimento, oportunidade. "não havia espaço para aquele tipo de comportamento". 8. período ou intervalo de tempo. "num espaço de dois meses escreveu o livro". 9. demora, delonga. "precisava de mais espaço para desenvolver sua tese". 10. campo abrangido idealmente por determinada área dos conhecimentos e fazeres humanos. "espaço cultural". 11. EDITORAÇÃO o claro que constitui a separação entre as palavras de uma linha em texto impresso ou manuscrito. 12. ARTES GRÁFICAS peça em forma de anel que é encaixada entre os discos da máquina de pautar, para produzir o espaço claro entre duas linhas. 13. MATEMÁTICA termo genérico que designa um conjunto com determinadas operações. 14. adjetivo. que tem chifres muito abertos, espaçados (diz-se de bovino). Origem ETIM *lat. spatium*, 'extensão, distância, intervalo'. SEMELHANTES: lugar, local, recinto, superfície, ambiente, sítio, zona, cosmo, cosmos, infinito, céu, atmosfera, firmamento, lacuna, vão, vazio, hiato, falta, omissão, janela, vácuo, branco, claro, entrelinha, preenchimento, intervalo, tempo, período, lapso, decurso, decorrer, possibilidade, chance, oportunidade, cabimento, conveniência, área, setor, campo, esfera, âmbito, ramo, capacidade, lotação, acomodação, assento, distância, extensão, dimensão, demora, delonga, adiamento, prorrogação.

É o que eu ocupo.

a rua íngreme, os paralelepípedos, a farmácia mais barata da cidade, o barbeiro, o pet shop, a imobiliária, a senhora que sempre sorria para mim, a casa com azulejos em todos os cantos, os bombeiros gostosos, o campo de futebol, os cachorros, os pinschers, o gato gordo cinza, o gato magro preto, a oficina mecânica, o morro da cruz, os entregadores de aplicativo, o barulho de carro, o barulho dos policiais, o barulho do corpo de bombeiros, o barulho dos panelaços, o barulho de sexo, o sexo, o silêncio, o medo, o calor, a chuva, o pé de abacate, as roseiras, o cortador de grama, os esnobes, o muro de vidro, os muros baixos, os velhos, as pipas no céu, a luz rosa, as brigas, a samambaia, o bambu da sorte, a depressão, o colchão fino, a bandeira do partido nazista da ucrânia, as viagens, os tombos, os jacarés, os universitários, as quitinetes, a solidão



ALUGO 1 set. quartos
F 99928-0363

TENTATIVA DE ESGOTAMENTO DO MEU QUARTO

Hoje é domingo, e eu estou perdido. Não é como se essa sensação fosse nova, mas desta vez é diferente; tudo aqui é diferente. Eu ando me sentindo sozinho e acho tudo demasiadamente complicado. Conversar é difícil, rir é difícil, abraçar é difícil. Beijar é fácil e transar também, mas acho que não me interessa mais por isso, pelo menos não como antes. Eu estou deitado na minha cama; o colchão, fino e desajustado, ocupa cerca de 80% do estrado. Sinto a madeira pressionando minhas costas e isso machuca — há meses não durmo bem. Este quarto em que estou é o maior que eu já tive; sempre fico confuso sobre como ocupar esse espaço, mas queria que fosse com amigos e amores e seus corpos.

Ontem comprei uma mesa imensa. Assim que ela chegou, distribuí sobre ela todos os meus livros, e eles parecem poucos agora (percebi, algum tempo depois, que não são tão poucos assim, já que o peso deles entortou a mesa); no meu antigo quarto, pareciam mais numerosos. O quarto tem um guarda-roupa imenso, grande como tudo que tem aqui (com exceção do colchão, é claro). Eu não queria esse guarda-roupa, pois acho que ele ocupa espaço demais. O teto e as paredes são brancos. O chão é de azulejo, e acho que é o chão mais gelado do mundo; aliás, o quarto é o mais gelado do mundo: o vento do sul entra e se diverte, mesmo com a porta e as janelas fechadas.

Com frio e sozinho, começo a mexer nos livros sobre a mesa, procurando algo rápido para ler, e dois me chamam a atenção, não sei muito bem o porquê. Talvez por uma combinação entre os títulos, tamanhos reduzidos e formatos das publicações. O primeiro é “Viagem ao redor do meu quarto”, de Xavier de Maistre. A edição da Espaço Liberdade tem uma das

traduções mais precárias que já vi — tive que ler e reler seu português anacrônico para entender —, mas foi lançada uma nova tradução pela Editora 34, que comprei, li e recomendo! Resumidamente, em 1794, Xavier de Maistre, oficial do exército francês, foi punido com 42 dias de prisão domiciliar em seu quarto, em Turim, depois de se envolver em um duelo. Preso, Maistre convocou: todos os infelizes, os doentes e os entediados do universo me sigam! Que todos os preguiçosos se levantem em massa! E você que ruma em seu espírito projetos sinistros de reforma ou de retiro por alguma infidelidade; você, que no fundo de uma alcova renuncia ao mundo pelo resto da vida; vocês, amáveis anacoretas de uma noite só, venham também: abandonem, por favor, essas ideias sombrias; estão desperdiçando um instante de prazer sem ganhar sabedoria alguma.³

O segundo livro na mesa que me desperta curiosidade é “Tentativa de esgotamento de um local parisiense”, de Georges Perec, francês, romancista, poeta, argumentista, ensaísta e construtor de narrativas da condição urbana, que em 1974 se lançou em uma tentativa de experiência do inútil: instalou-se durante 3 dias seguidos na praça Saint-Sulpice, em Paris. Ele vai anotando, em distintos momentos do dia, tudo o que estava ao alcance do seu olhar: os acontecimentos cotidianos da rua, a circulação de veículos, pessoas, animais, nuvens, a passagem do tempo. Seu caderno vira uma lista de todos aqueles fatos mais insignificantes da vida cotidiana.⁴

Devo os dois livros e, totalmente contaminado pelas leituras, coloco-me em uma movimentação para contemplar os dois autores em meu texto, como uma tentativa de atualização e tradução de seus escritos. Início então uma viagem pelo meu quarto, experienciando e narrando o inútil da forma mais desprezível e inconclusiva possível, já que viver é tentar passar de um espaço a outro tentando não se chocar com nada.⁵ Fica aqui o convite para que você embarque comigo nesta manobra espacial.

O BAIRRO — Meu quarto está situado na Trindade. O bairro fica em posição central na Ilha de Santa Catarina, ao leste do maciço central, entre os pés do Morro da Cruz e o Manguezal do Itacorubi. É segundo bairro mais populoso da cidade e faz divisa com Córrego Grande, Agrônômica, Santa Mônica, Pantanal e Itacorubi. É conhecido como um bairro dormitório de universitários por sediar o principal campus da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Criado em 1835, o bairro foi chamado originalmente de Freguesia da Santíssima Trindade Detrás do Morro. Em 1900, Virgílio

Várzea descreveu a região no clássico “Santa Catarina: a ilha” como uma vasta área toda plana e cortada de culturas, que se irradiam em torno da praça onde se acha a igreja, cercada de interessantes habitações, dentre as quais se destacam algumas chácaras com jardins.⁶

Atualmente, o bairro tem uma vida noturna bastante agitada, com diversos bares espalhados ao longo da Rua Lauro Linhares, a principal via que corta o bairro. É nessa rua que também se localizam alguns dos principais estabelecimentos comerciais da região, como lojas e pequenos shoppings. Além do campus da UFSC, no bairro ainda estão a Academia de Polícia Militar, um batalhão do Corpo de Bombeiros e o terminal de ônibus da Trindade (TITRI), que atende as regiões leste e central da Ilha de Santa Catarina.

A RUA — Moro na Rua Professor Elpídio Barbosa, nome que homenageia um padre, advogado, professor, fundador de colégios e de jornal, jornalista, escritor, orador e literato natural de Desterro, que foi o primeiro nome de Florianópolis (ou Ilha de Santa Catarina, como eu e vários outros nos referimos à cidade, já que o nome Florianópolis “homenageia” o sanguinário segundo presidente do Brasil, Floriano Peixoto, que não é, de maneira alguma, merecedor da homenagem). Ainda sobre Elpídio, ele também foi vereador, onze vezes deputado e presidente e vice-presidente da Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina no século XIX. Fico feliz porque, entre todas as qualificações de Elpídio, “professor” foi a escolhida para batizar a via.

A rua é inteira feita de paralelepípedos, o que me causou inúmeros machucados e mandou meu dedão para o saco diversas vezes, pois eu ando de um jeito muito relaxado e tropeço o tempo todo. A via se localiza paralelamente à Rua Lauro Linhares, que é a principal via do bairro. Além disso, faz ligação com as ruas Laércio Costa e Dr. Patrício Borba Filho (esses dois eu não sei quem são). O logradouro é de uso comercial e residencial, composto em sua maioria por casas, mas onde também é possível encontrar salão de beleza, barbeiro, campo de futebol, ferro velho, transportadora, locadora de imóveis e uma farmácia com ótimos preços.

A CASA — Resido no número 248, em uma casa alugada; ou melhor, em meia casa alugada, pois a casa, como a maioria das casas por aqui, foi dividida ao meio pelo locatário. O bairro todo (talvez a cidade toda) tem uma cara de condomínio horizontal desconstruído ou até mesmo de uma favela *gourmet*. Em todo lugar que se olha, existe uma construção

irregular; todo e qualquer espaço vago em terrenos acaba se tornando um miniprédio; em todos os lados, milhares de quitinetes; e acompanhando esses espaços precários e mofados, os aluguéis exorbitantes.

A metade da casa em que moro aluguei junto com um amigo de Londrina, o Guilherme, que se mudou para cá na mesma época que eu e que cursa psicologia na UFSC. A outra metade da casa é habitada atualmente por um casal (uma advogada e um bombeiro militar); não sei seus nomes e nos vemos muito pouco, mas sei que estão em casa quando ouço barulhos.

A casa é grande. Minha metade, logo na entrada, possui uma cozinha que também serve de sala; o corredor dá acesso a um banheiro, a um quarto grande (que é o meu e fica no térreo) e a uma escada que leva ao segundo quarto, no segundo piso, onde meu amigo reside. Também tem uma espécie de sótão bem macabro no segundo piso, mas deixamos sua porta sempre fechada.

A outra metade da casa tem uma suíte e uma sala com cozinha. Originalmente, essa sala com cozinha devia ser a sala da casa completa; sei disso pois, quando visitei a casa para alugar, tive a oportunidade de entrar nos dois lados, já que ambos estavam vagos. Além disso, a casa possui uma varanda compartilhada, uma área de serviço e um quintal imenso, onde sempre quis dar uma festa.

O QUARTO — Uma pessoa muito querida me ensinou uma vez que, quando você não conhece uma coisa e deseja entender melhor essa coisa, deve começar sempre questionando o que ela é; em seguida, escrever e descrever como você a vê (quem me ensinou não foi Perek nem Maistre).

Descrever as coisas funciona como exercício de aproximação.

- Meu quarto é um bloco branco de concreto de 3,1 metros por 3,7 metros. O pé direito possui 2,69 metros de altura. Paredes brancas. Teto branco. Piso de azulejo branco.
- O quarto tem uma mesa que possui 2,1 metros por 90 centímetros, que está localizada à direita da porta, colada na parede. Comprada em uma madeireira no Itacorubi, ela é extremamente espaçosa e me possibilita estudar e organizar minhas coisas de maneira aleatória (bagunçar).

SOBRE A MESA — Um bambu da sorte que comprei em uma feira ao ar livre no Centrinho da Lagoa da Conceição, em junho de 2019. Na ocasião eu ainda não residia na Ilha, só vim à cidade para realizar a prova oral do processo seletivo do mestrado. O bambu serviria para dar sorte e como lembrança de Florianópolis.

- Um porta-retratos de 10 centímetros por 15 centímetros com uma fotografia do meu sobrinho, bebê Antônio, no seu aniversário de 1 ano. Hoje ele tem quase 2 anos e reside em Londrina; sinto muita falta dele.
- Uma pedra que encontrei na Praia da Daniela em julho de 2019, na minha primeira visita a uma praia como residente da Ilha.
- Um pacote de Halls preto pela metade; não faço ideia de quanto tempo faz que ele está aqui.
- Uma caixinha de som *bluetooth* que emite um som relativamente alto. Uso durante todos meus banhos e faxinas na casa.
- Um palito de dente não usado.
- Uma trena velha de 2 metros trazida de Londrina que usei por muito tempo para realizar a demarcação, no chão, da minha instalação “Espaço para gerar espaço”.
- Uma trena nova de 5 metros que comprei na Miliun, em frente à UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), em outubro de 2019. Tive que comprar essa trena maior para realizar a nova versão do trabalho “Espaço para gerar espaço”, pois meu quarto cresceu na Ilha!
- Uma lixa de unha que comprei na Droga Raia da Rua Lauro Linhares, na esquina de casa.
- Um cortador de unha que não sei de onde veio, mas uso sempre.
- Quatro *band-aids* que ganhei da minha amiga Thais, que passou alguns dias e a virada de ano na minha casa. Ela me deu os *band-aids* pois eu tinha me cortado, não sei como, durante a virada.
- Um *pen drive* de 8 gigas vazio.
- Adaptador de USB-C macho para USB-A fêmea.
- Uma garrafa de água quente pela metade. Ando bebendo muita água, pois está muito calor.
- Uma sombra refil holográfica pela metade da Quem disse, Berenice?.
- Um cofrinho de plástico em formato de porco com a entrada de moedas toda estourada. Eu tento poupar com ele, mas a vida sempre exige que eu use essa poupança. Acabei de contar, e o porquinho conta com R\$ 5,95 e 1 centavo de dólar que não faço ideia de como foi parar nele.
- Seis canetas esferográficas Bic, 5 azuis e 1 preta.
- Uma caneta preta de ponta fina que ganhei da minha amiga Elisa, comprada por ela na Itália durante uma viagem. Gosto tanta dessa caneta que a usei muito em pouco tempo, e sua tinta já está falhando.
- Um colar preto com pingente dourado em formato de árvore da vida, que encontrei na porta de casa uma vez.

- Minha antiga carteirinha de estudante da graduação em Artes Visuais na UEL. Ela venceu em dezembro de 2018 e se encontra destruída, mas guardo como recordação.
- Uma carteirinha de estudante da UFSC em nome de Maurício, que encontrei no ônibus, uma vez, e guardo na esperança de um dia conseguir usar para entrar no RU da universidade e pagar R\$ 1,50 no almoço.
- Dois comprimidos de dipirona.
- Dois vasos de cerâmica que peguei em uma doação de peças abandonadas no CEART (Centro de Artes da UDESC).
- Um pincel de maquiagem para esfumar sombra.
- Um chaveiro em formato de chinelo com o escrito “Lembrança de Brasília - Candangos”, que comprei em uma visita à cidade em novembro de 2019.
- Uma latinha de metal de Mentos Kiss de menta com 6 fotos 3x4 minhas, de épocas distintas.
- Um marcador de textos amarelo da Pilot.
- Um marcador de textos amarelo da Stabilo.
- Um carregador USB de relógio.
- Um amarrador de cabelo preto, que o menino que eu gosto esqueceu em casa.
- Um saco de papel com 10 incensos artesanais que comprei na feira ao ar livre no Centrinho da Lagoa.
- Um dichavador de metal dourado que ganhei em um amigo secreto em 2017.
- Uma máscara de couro preta feita sob medida para meu rosto, que utilizei algumas vezes enquanto discotecava na noite londrinense, extremamente quente. Sempre que uso, as pessoas falam “UAU!”
- Uma haste Cotonetes com uma das pontas suja de sombra roxa.
- Um suporte de plástico para manter o celular parado sobre superfície horizontal.
- Um cinzeiro de cerâmica com um sabonete e algumas bitucas de cigarro.
- Um maço de Chesterfield, que é um dos cigarros mais baratos de Florianópolis por R\$ 6. Em Londrina, dois cigarros custavam R\$ 2,50 por maço, o Palermo e o Eight. Saudades.
- Uma garrafa de água vazia.
- Uma pinça enferrujada que uso para tirar o excesso de sobancelha.
- Uma paleta de sombras com tons de pele e alguns tons avermelhados, que uso sempre! Um vermelho não existe mais, de tanto que usei.
- Uma bolsinha preta de couro que ganhei da minha mãe na

- minha última visita a Londrina, em dezembro de 2019.
- Um pacote de seda marrom pequena.
- Um Kindle que comprei faz tempo e uso menos do que gostaria.
- Um pedaço de papel que diz compreendi aqui em Praga e, conforme vou reencontrando os amigos, que só as sensações mínimas e de coisas pequeníssimas são as que vivo intensamente,⁷ transcrição de “História abreviada da literatura portátil”, de Enrique Vila-Matas, que ganhei da Elke, minha amiga e orientadora do meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) da graduação.
- Um poema chamado “À flor da pele”, de autoria de Lua Nua, transexual que vende poemas no centro da Ilha. Comprei dela na Avenida Hercílio Luz enquanto bebia um litrão de cerveja.
- Uma bolsa de tecido do Nicolas, o guri que eu fico, que ele deixou em casa após passarmos a virada de ano juntos no Sambaqui.
- Um caderno pequeno pautado que ganhei da minha irmã mais nova na minha última visita a Londrina.
- Um caderno grande pautado que ganhei da minha amiga Elisa.
- Uma caderneta com caneta e alguns *post-its* que ganhei no Eneimagem, evento que aconteceu em 2019 na UEL.
- Dois postais da exposição “Arqueologia do impossível”, de Luanda Olívia.
- Um pequeno *sketchbook* que me serviu como diário durante um curto período.
- Uma pequena garrafa de dose única de cachaça de jambu que comprei em um boteco na Avenida Hercílio Luz.
- Um esmalte preto já no final.
- Um chaveiro em formato de abridor de garrafa com o escrito “Santa Catarina - Florianópolis - Brasil”, que ganhei da minha amiga Thais.
- Um cinto de tecido muito velho da Ellus que uso em duas calças largas.
- Minha carteira de couro verde, que carrego sempre comigo.
- OS LIVROS** — Um portfólio encadernado. Usei na seleção do mestrado na UDESC.
- Um xerox encadernado de “Walkscapes”, de Francesco Careri. Foi uma das minhas maiores fontes de pesquisa durante a produção do TCC, na graduação.
- “O que é o contemporâneo? e outros ensaios”, de Giorgio Agamben. Peguei na biblioteca da UDESC para ler durante as férias, mas não li.
- “A invenção de Hélio Oiticica”, de Celso Favaretto. Comprei no começo de 2019, emprestei para o meu ex-namorado e ele

me devolveu em dezembro daquele ano, oito meses depois do nosso término. Eu jurava que jamais veria esse livro na vida outra vez.

- “Performance nas artes visuais”, de Regina Melim. Minha amiga e orientadora Sandra Favero me emprestou esse livro há alguns meses; eu o li e citei em meu ensaio “O homem que era só metade”, que foi publicado na Revista Palíndromo. Preciso devolver o livro a Sandra.
- “Crítica da razão tupiniquim”, de Roberto Gomes. É uma edição antiga, mas bem cuidada. Pertencia ao meu ex-namorado (nós sempre trocávamos livros). Nunca devolverei esse.
- “O trabalho com(o) fracasso”, de Aline Dias. Adquiri de maneira ilícita. Leio um trecho aleatório sempre que é possível.
- Um exemplar da terceira edição da Revista Urbânia. Um grande amigo para quando penso em cidade, que é o tempo todo.
- “Vaga em campo de rejeito”, de Maria Helena Bernardes. Talvez esse seja o meu livro favorito, pois amo ler e reler. Depois que minha orientadora do TCC me emprestou seu exemplar, eu li e gostei tanto que comprei um novo para chamar de meu. Inclusive, acho que vou voltar a ler assim que terminar esta lista “interminável”, pois estou precisando pensar.
- Um exemplar do meu TCC, “Corpo exposto não manda recado”. Fazê-lo foi a experiência mais gostosa que já tive na vida e também a de que mais me orgulho!
- “A fotografia como arte contemporânea”, de Charlotte Cotton. Emprestado por minha amiga Lorena, no final de 2019, para que eu o usasse como referência em um artigo sobre fotografia que escrevi para uma disciplina do mestrado. Preciso devolvê-lo.
- “Espaço em obra”, de Guilherme Wisnik e Julio Mariutti. Comprei esse em Brasília e ainda não tive a oportunidade de ler. O que posso dizer até agora é que a edição é linda!
- “O livro de artista como lugar tátil”, de Márcia Regina Pereira de Souza. Sandra Favero me emprestou esse livro no final do ano passado para que eu lesse um pouco mais sobre o livro de artista. Na época eu escrevia o artigo “Desejo adormecido: o livro de artista e os processos artísticos contemporâneos”, que foi apresentado no I Seminário Internacional de Estudos, Pesquisas e Práticas Artísticas, na UnB (Universidade de Brasília). Preciso devolver o livro a Sandra também.
- “Dona Fulana morreu e levou consigo tudo o que aprendeu? Contos e fotografias de benzedeadas e benzedores na Ilha de Santa Catarina”, de Marta Magda Antunes Machado e Virgínia Maria Yunes. Ganhei esse livro no lançamento, onde fui

levado por algumas amigas e cheguei sem saber onde estava. Ainda não consegui ler por conta do amontoado de leituras acumuladas, mas fico feliz que esse tenha sido o primeiro livro que ganhei na Ilha.

- “Maré: vida na favela”, de Drauzio Varella, Ivaldo Bertazzo e Paola Berenstein Jacques. O livro narra a vida pela perspectiva dos moradores do maior complexo de favelas do Rio. Esse livro significa muito para mim. (Enquanto escrevia este parágrafo, fui chamado por minha vizinha que está de mudança, que me doou uma pequena estante com duas prateleiras. Estou realocando meus livros nela. Deixei sobre a mesa os que eu já descrevi e coloquei na estante os que ainda vou descrever).
- “Imaginários da terra”, de Louise Ganz. Ganhei esse livro da Sandra, minha orientadora. Fui a uma palestra de Louise no CEART e fiquei apaixonado pelo seu trabalho e pela maneira como ela descrevia as situações. Sandra comprou o livro dela naquela ocasião e me deu de presente depois. Eu fiquei bem feliz e emocionado pelo presente. O livro é incrível! Talvez seja cedo para isso, mas penso na Louise como um possível membro de banca da minha dissertação...
- “Histórias da loucura: desenhos do Juquery”, um pequeno catálogo da exposição que aconteceu no MASP (Museu de Arte de São Paulo) em 2015. Adquiri em minha primeira visita à cidade de São Paulo e ao museu.
- “Pequeno Manual do Empoderamento Gráfico”, da Editora Caseira. Ganhei esse manual em uma oficina ministrada por Gustavo Reginato durante a edição de setembro de 2019 do CEART Aberto, evento de extensão que abre a universidade para a comunidade externa nos primeiros sábados de cada mês.
- “Toda poesia”, de Paulo Leminski. Ganhei esse livro em abril de 2019 em uma situação terrível. Meu ex-namorado me presenteou com o livro após eu terminar com ele. Levei um bom tempo para começar a ler. Quando comecei, tive a surpresa de encontrar uma dedicatória na primeira página. Um trecho da dedicatória diz que nada é tão complicado que a gente não consiga resolver e transformar em algo bonito como um poema. Folheie quando precisar se lembrar disso.⁸ E eu, de fato, folheio sempre que preciso me lembrar disso, que é o tempo todo.
- “Elogio aos errantes”, de Paola Berenstein Jacques. Esse livro tem uma história engraçada. Conheci a Paola durante o processo de pesquisa e escrita do TCC, durante a graduação. Apaixonei-me por seu trabalho e sua pesquisa e, inclusive, pensei em tentar a pós-graduação na UFBA (Universidade Federal da Bahia) por conta dela! E pela beleza de Salvador,

- que infelizmente só conheço por foto. Não tentei, pois fui aprovado na UDESC. Mas, voltando ao livro, Paola indica a leitura dele no prefácio de “Walkscapes”, de Careri. Fui atrás da obra, que estava esgotada online, não constava na biblioteca da minha antiga universidade e não existia em PDF; acabei encontrando no site Estante Virtual por preços absurdos, de R\$ 500 para cima. Desisti por um tempo. Uns 2 meses depois, voltei a conferir na Estante Virtual e comprei por R\$ 20! Li e reli esse livro diversas vezes. Queria escrever como a Paola.
- “Roube como um artista”, de Austin Kleon. Esse livro foi sugerido a mim pela Elke. Encontrei quase de graça na Amazon. O livro é inteligente, apesar de parecer bobinho, e me trouxe várias ideias sobre arte a apropriação.
 - “Teatralidade e Cidade”, volume da Revista Urdimento, do Programa de Pós-Graduação em Teatro do Centro de Artes da UDESC. Consegui essa publicação como doação, na semana passada, quando visitei a universidade. Peguei pois o título me interessa bastante.
 - “Estética da Ginga”, de Paola Berenstein Jacques. Esse foi o primeiro livro que adquiri da Paola, no final de 2017. Comprei em um sebo de Londrina por indicação do meu amigo e professor Danillo. O livro discorre sobre a arquitetura das favelas do Rio de Janeiro através da obra de Hélio Oiticica.
 - “Dentro do nevoeiro”, de Guilherme Wisnik. Adquiri esse livro por exigência do processo seletivo do mestrado da UDESC. Era uma das leituras obrigatórias para a prova escrita. Na primeira leitura, odiei o livro, achei chato e arrastado. Fiquei contente por não ter caído nenhuma pergunta sobre ele na prova e triste por ter precisado ler. No final do ano passado, dei mais uma chance ao livro depois de ouvir que ele foi uma das leituras favoritas dos meus colegas da pós-graduação durante o processo seletivo. E não é que deu certo? Gostei mais do livro. Ler uma coisa que não seja exigência, e com mais tempo, de fato, muda sua percepção sobre ela.
 - “Walter Zanini: vanguardas, desmaterialização, tecnologias na arte”, livro póstumo de Walter Zanini com organização e complementação de Eduardo de Jesus. Esse também foi uma leitura obrigatória para a prova escrita do mestrado. Mas, diferentemente de “Dentro do nevoeiro”, desse eu gostei muito e de primeira. O material possui diagramação e apresentação impecáveis. Deveria ser uma sugestão de leitura em todo curso de artes.
 - “Vigiar e punir”, de Michel Foucault. Ganhei esse do Fábio, padrao da minha amiga Nuala, em uma ida a São Paulo em

2018. Ele me presenteou com o livro após me ouvir falar sobre o meu TCC. Segundo Fábio, o conceito do panóptico seria útil para a minha pesquisa. Cheguei a ler o livro, mas ainda não tenho certeza se entendi o conceito. Na verdade, tenho certeza de que não entendi.

- “Caranguejo Overdrive”, de Pedro Kosovski. O livro é uma extensão da peça de mesmo nome. Assisti à peça duas vezes em Londrina, a primeira durante o FILO (Festival Internacional de Londrina), em 2016, e a segunda no Palco Giratório (um circuito de peças do Sesc Paraná), em 2017. Adquiri o livro na segunda vez. Amo a peça por alguns motivos: primeiro, porque foi a primeira peça de teatro a que assisti em um teatro de verdade e para a qual comprei um ingresso; segundo, porque a peça deveria ter sido feita com um caranguejo vivo, mas, como Londrina não tem mar, acabaram substituindo por uma pedra (sim, os atores contracenaram com uma pedra engaiolada no lugar de um caranguejo, nas duas vezes); terceiro, porque uma das atrizes da peça participou de “A Saga Crepúsculo: Amanhecer - Parte 1”, que possui cenas gravadas no Brasil.
- “Quando a rua vira corpo”, de Paulo Reyes. Esse eu comprei só por conta do título. Lembro que senti uma inveja gigantesca quando li o nome pela primeira vez. Queria ter pensado nele antes.
- “3NÓS3: Intervenções urbanas, 1979-1982”, organizado por Mario Ramiro. Também foi adquirido durante a produção do TCC. Eu amo esse livro. Já li diversas vezes e emprestei para vários amigos. O livro conta a história do grupo 3NÓS3 e apresenta todos os seus trabalhos durante o curto período em que ele existiu. Eu queria ter feito parte do grupo. A leitura desse livro me inspirou em alguns trabalhos e na escrita de cartas (não publicadas) para cada integrante do grupo.
- “27ª Bienal de São Paulo - Como viver junto”, organizado por Lisette Lagnado e Adriano Pedrosa. Desde que comecei a estudar as bienais de São Paulo, essa se tornou a minha favorita, mesmo que eu não tenha comparecido. Inclusive, só fui à 33ª e não gostei muito. Sobre a 27ª, eu sempre amei toda a atmosfera e o conceito dessa Bienal. Depois de muito caçar e de juntar um dinheirinho, encontrei o catálogo na Estante Virtual por R\$ 100 e comprei. Esperei duas semanas e nada. Recebi uma mensagem de estorno da livraria dizendo que, no momento do envio, tinham percebido que o livro estava com erros de impressão. Tentei comprar outro, mas todos que eu encontrava custavam mais de R\$ 300; em livrarias, estava esgotado. Desisti. Um dia visitei a casa do Jardel, meu

- amigo e professor da graduação; conversa vai, conversa vem, ele decide me mostrar sua biblioteca, e logo bati o olho no catálogo. Conteí a ele sobre minhas tentativas de adquirir o livro e sobre minha paixão por essa Bienal. Ele sorriu e me deu o catálogo de presente, dizendo que eu usaria melhor que ele.
- “Àmargê”, de Fernando Martinez. Esse eu peguei de uma pilha de livros para doação na UEL. Nunca li, mas, folheando agora, imagino que seja um livro de poesia concreta.
 - “Livro de Artista”, volume de julho a dezembro de 2012 da revista :ESTÚDIO, da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Acho que a Sandra me emprestou junto com uma leva de vários livros no semestre passado, para servir de base bibliográfica para o artigo sobre livro de artista que eu escrevi.
 - “Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana”, organizado por Vera Maria Pallamin. Esse acho que foi meu professor Ronaldo quem me indicou, mas não tenho certeza. Nunca li, mas separei para ler em breve; tem apenas 100 páginas.
 - “Manobras radicais”, de Heloisa Buarque de Hollanda e Paulo Herkenhoff. O livro é uma transcrição de conversas entre os dois curadores da exposição “Manobras radicais: artistas brasileiras (1986-2005)”, que aconteceu em outubro de 2006 no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo. De todas as coisas lindas que aprendi com esse livro, as que carrego comigo até hoje, com muito amor e apreço, são o conceito de manobra e a noção de que as melhores manobras são as radicais. Tanto que meu projeto de mestrado se chama “Manobras para espaços libertários”.
 - “Hélio Oiticica: Qual é o Parangolé?”, de Waly Salomão. Esse eu comprei em um momento em que estava obcecado pelo Oiticica. Nunca li.
 - “Cartografias cotidianas”, de Elke Coelho e Danillo Villa. Ganhei esse em 2015, quando ingressei na graduação em Artes Visuais na UEL. Depois, tive aula com os dois autores. Eles participaram da minha banca do TCC como orientadora e como membro, respectivamente, e hoje sou um grande amigo dos dois. Utilizei assiduamente o livro durante meu período de estágio obrigatório na graduação, pois foi uma grande ferramenta para elaboração de planos de aula.
 - Catálogos das exposições “ARTE LONDRINA”, organizados por Danillo Villa. Resolvi falar dos 6 volumes que possuo do “ARTE LONDRINA” (2, 3, 4, 5, 6 e 7) em apenas um tópico para não deixar a lista muito extensa. Eu realizei estágio na Divisão de Artes Plásticas (DaP) da Casa de Cultura da UEL de 2016 a 2018. Lá, aprendi muito sobre arte contemporânea

- e me descobri como artista; sim, lá foi onde aconteceu, pois quando entrei no curso de Artes Visuais me imaginava apenas como professor. Na DaP eu fazia de tudo: ligava para artistas, mandava e-mails, agendava mediações com escolas, fazia a ponte entre o departamento de arte visual da universidade e a galeria, montava exposições, alimentava o site, gerava conteúdo para redes sociais, recebia visitantes, limpava o chão, embalava obras de arte, fazia pipoca, etc. Foi um dos melhores períodos da minha vida, nunca aprendi tanto como naquela época. Os contatos que fiz, as pessoas que conheci, as pontes que criei... tudo valeu, e muito, a pena. A DaP produz anualmente catálogos de suas exposições do “ARTE LONDRINA”, um edital aberto, sem custos e que vem se consolidando, ano a ano, como uma vitrine para artistas em início de carreira no território nacional. Sobre os catálogos, eles são uma forma de registro e validação das atividades realizadas na galeria. O catálogo “ARTE LONDRINA 1” é um grande mito urbano; há boatos de que a tiragem foi mínima e ele virou relíquia, não possuo. Tenho o “2” e o “3”, que foram produzidos antes do meu ingresso na instituição. Participei de forma discreta na produção do “ARTE LONDRINA 4”. O “5” e o “6” são meus orgulhos, pois participei ativamente na elaboração deles. No “ARTE LONDRINA 7”, estou presente como artista participante da exposição “Empresta-me um de seus dias”, com o trabalho “Espaço para gerar espaço”. Tenho muito orgulho de ter participado da equipe da DaP e sempre defenderei a importância da instituição, que é o principal espaço de arte contemporânea na cidade de Londrina.
- “Elenco de cronistas modernos”, de vários autores. Peguei em uma doação de livros na UEL. Possui crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Rachel de Queiroz e Rubem Braga. Leio quando quero sentir e pensar.
 - “Convite à atenção”, material da 33ª Bienal de São Paulo. Ganhei esse material educativo durante minha visita à Bienal. Ele é excelente e extremamente aberto, funciona com qualquer obra de arte ou situação. É um excelente material de pesquisa.
 - “Passageira 16”, catálogo da exposição de mesmo nome que aconteceu no Museu de Arte de Londrina em 2016. A exposição teve esse nome por conta do prédio histórico onde está instalado o museu, que foi projetado por Vilanova Artigas para ser uma rodoviária da cidade. O objetivo da exposição era ter o edifício como curador, em uma proposta de sítio

específico. Participei com o Coletivo Barafunda na performance/instalação/*happening* “Barafunda”. Foi minha primeira exposição em um espaço institucional.

- “Inteligência brasileira: uma reflexão cartesiana”, de Max Bense. Foi um dos livros que comprei pelo título e pela capa. Sou apaixonado por títulos inteligentes e projetos gráficos interessantes. A leitura do livro é rápida e gostosa; às vezes dá algumas pauladas no leitor, mas nada que a inteligência brasileira não resolva.
- “Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio]”, do Grupo Poro. Desde que me entendi como um ser urbano, da rua, o Grupo Poro se tornou uma grande referência artística, de vida e de maneiras de olhar e experimentar a cidade para mim. Comprei esse livro por interesse na produção do grupo e em Brasília, que sempre foi um local que sonhava conhecer. Realizei esse sonho em 2019. Queria ter escorregado em um papelão no gramado do Congresso.
- “Caetano Veloso - Literatura comentada”, de Paulo Franchetti e Alcyr Pecora. Ganhei de uma grande amiga, que disse que esse tipo de livro foi moda alguns anos atrás. Eu amo esse livro pois amo Caetano e por vezes não entendo algumas de suas letras; já me peguei buscando suas letras no livro mais de uma vez.
- “Caderneta - notebook”, de Ralph Gehre. Ganhei esse em Brasília das mãos do próprio autor, que conheci durante a participação em um evento na UnB. Na ocasião, fiquei um pouco envergonhado por não ter como retribuir o presente, mas agora já passou. O livro é um fac-símile de uma caderneta do artista.
- “Sociedade do cansaço”, de Byung-Chul Han. Ganhei esse de uma pessoa com quem não converso mais, está embalado; não quero falar do livro nem da pessoa.
- “Cidade caminhável”, de Jeff Speck. Comprei numa ida a São Paulo. O livro, escrito por um urbanista, tenta resgatar o valor da experiência de andar a pé por pequenos e grandes centros urbanos. A edição é linda.
- “A página violada”, de Paulo Silveira. Esse livro também é da Sandra (preciso devolver), ela me emprestou no final de 2019. Ele é considerado uma espécie de bíblia sobre o livro de artista. Não me senti muito confortável ao ler; na verdade me senti meio burro.
- “Vidas secas”, de Graciliano Ramos. Tenho um pouco de vergonha de contar esta história. O livro foi cobrado no edital do vestibular de 2015 da UEL como uma das leituras para a

prova de literatura. Eu fiz a prova sem ler o livro, li apenas um resumo na internet. Gabaritei a prova. Alguns anos depois, comprei o livro pois queria ler e ver tudo que tinha perdido. Até hoje não li...

- “Sejamos todos feministas”, de Chimamanda Ngozi Adichie. Acho que essa é uma leitura obrigatória para todo mundo. Comprei em uma promoção, uns 2 anos atrás, enquanto minha irmã estava grávida do meu sobrinho. Era um *kit*; além desse, veio “Para educar crianças feministas”, da mesma autora, que dei para minha irmã.
- “15º Salão Ubatuba de Artes Visuais”, um pequeno catálogo da exposição que aconteceu no final de 2018. Tudo nessa exposição foi engraçado para mim. Foi a primeira exposição em que fui premiado financeiramente. Ganhei a medalha de prata na categoria instalação e uma quantia de R\$ 700; foi ótimo, pois custeei parte da impressão do meu TCC com aquele dinheiro. Rolaram algumas pequenas humilhações durante o *vernissage*, mas guardo as memórias com muito humor e carinho.
- “VII Semana de Arte de Londrina - Artur Barrio”, catálogo que ganhei na DaP quando ainda era estagiário. Sempre tive muito interesse na produção e na pessoa de Artur Barrio. Fiquei encantando quando soube que ele já tinha passado por Londrina e exposto na cidade. Isso me ajudou a ter noção do tamanho do curso de Artes Visuais da UEL e de como a instituição possui uma longa história.
- “Literatura expandida: arquivo e citação na obra de Dominique Gonzalez-Foerster”, de Ana Pato. Comprei esse livro no Sesc Thermas de Presidente Prudente em 2017. Estive lá realizando trabalhos de mediação na exposição “Eu poderia ficar quieta mas não vou”, de Vânia Mignone, e na exposição “Espaços forjados”, de Andrey Zignnatto e Evandro Soares Reis, ambas com curadoria de Danillo Villa. Em um primeiro momento, comprei o livro para ter uma lembrança dos momentos que vivi ali. Posteriormente descobri que o livro é excelente, já está dentro da minha bibliografia da dissertação.
- “Formas de Vida: A Arte Moderna e a Invenção de si”, de Nicolas Bourriaud. Esse eu achei na UEL e nunca li.
- “Arte de guerrilha: vanguarda e conceitualismo no Brasil”, de Artur Freitas. O livro é uma adaptação da tese de doutorado de Artur na USP (Universidade de São Paulo). Meu amigo Jardel me emprestou esse livro já faz 1 ano; pelo visto sou uma péssima pessoa para emprestar livros, mas juro que vou devolver.
- “Centro de Artes da UDESC: história, imagens e memórias”,

organizado por Sandra Makowiecky, Sandra Ramalho e Vera Collaço. Peguei o livro, que tem distribuição gratuita, na secretaria do CEART. Acho incrível como a UDESC protege sua própria história! Ainda não li, mas já folheei e dei uma olhada nas imagens das antigas construções do CEART.

- “Arquivos Contemporâneos: Artes Visuais na Fundação Cultural Badesc 2016-2017”. Esse eu ganhei no *vernissage* do Prêmio Aliança Francesa. Não lembro de muita coisa da ocasião; eu estava bêbado de frizante e vinho e, antes dessa abertura, tinha ido a outra no MESC (Museu da Escola Catarinense). O catálogo mostra tudo que foi produzido na casa da Fundação Cultural Badesc entre os anos de 2016 e 2017.
- “Presença de Alice: Trajetória artística de Alice Yamamura na escultura e na cerâmica utilitária”, organizado por Gerson Carvalho. Ganhei esse livro imenso de Daniela Vicentini no final do ano passado. Daniela e eu participamos do mesmo grupo de pesquisa; ela doou algumas unidades do livro para os membros do grupo pois os textos no catálogo são de sua autoria. Ainda não tive a oportunidade de ler, mas o livro é lindo!
- “Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira, 1930-1970”, de Aracy Amaral. Esse eu comprei quando estava obcecado por arte brasileira; bem, na verdade eu ainda estou e espero não perder isso nunca.
- “Domingos da criação: uma coleção poética do experimental em arte e educação”, organizado por Jessica Gogan. Houve uma fala sobre esse livro no CEART, na UDESC. Fiquei encantado e com inveja do trabalho organizado e proposto por Frederico Moraes. Esse livro ainda vai ser muito importante para mim.
- “Intervenções urbanas: Arte/Cidade”, organizado por Nelson Brissac Peixoto. Sempre ouvi falar muito desse livro; foi assunto de aulas e conversas e referência de livros lidos. Sempre quis tê-lo mas era impossível, pois estava esgotado, e os poucos volumes disponíveis na Estante Virtual custavam mais de R\$ 500. Um dia, navegando pela internet, encontrei o livro à venda por R\$ 30. Comprei na hora e torci para que o que chegasse em casa fosse o livro, não um tijolo. O livro chegou inteiro e bonito! É imenso, deve pesar mais de 2 quilos. É uma bíblia da arte urbana. Uma grande referência que tenho.
- Seis livros/catálogos de Fernando Lindote, que ganhei em visita a seu ateliê na Ilha.
- “Truth, Fiction”, de Leonilson. Esse eu guardo embalado, por mais tosco que isso seja. Sou apaixonado por Leo e sua produção. Inclusive, tenho o “vazio”, do bordado “cheio, vazio”, tatuado na testa. Queria que Leonilson ainda estivesse vivo,

porque com certeza seríamos amigos; ou não, pois dizem que ele era insuportável (não que eu também não seja).

- “Viagem à roda do meu quarto”, de Xavier de Maistre, publicado originalmente em 1794. É considerado uma das obras centrais para a formação do romance moderno. O autor realiza uma expedição pelo seu quarto e faz um convite ao imaginário, contando com detalhes que espaço é esse onde ele se encontra. Pretendo, com este texto, fazer um movimento como o de Maistre.
 - “Tentativa de esgotamento de um local parisiense”, de Georges Perec. Esse livro foi a minha última aquisição e é a minha leitura do momento. Soube dele ocasionalmente por uma promoção da Amazon. Perec tentou esgotar alguns pontos da cidade de Paris descrevendo tudo que via. Pretendo, com este texto, fazer um movimento como o de Perec.
- SOBRE O CHÃO** — Na parede oposta à porta, existe uma janela bem grande; essa janela possui uma camada de vidro e outra de madeira. Quando vou dormir, nos dias quentes, fecho apenas a camada de madeira, pois assim o ar circula no quarto e não entra luz nem mosquito. Nos dias de frio, fecho as duas camadas para não entrar nenhuma brisa. Quando saio de casa, fecho apenas o vidro. Durante o dia, deixo as duas partes abertas.
- Aos pés da janela se encontra minha cama, que já estava na casa quando eu cheguei; ela é branca e exatamente do meu tamanho, talvez um pouco menor do que deveria, pois quando durmo meu pé fica para fora.
 - O colchão na cama é meu, eu trouxe de Londrina; é um bom colchão, gosto de dormir nele. Sobre o colchão há 2 travesseiros, que também trouxe de Londrina. A roupa de cama é um jogo de lençol azul que minha mãe me deu antes da minha viagem.
 - Ao lado da cama se encontra uma mesa de cabeceira, cinza, pequena e feia, que ganhei da minha ex-vizinha; ainda não destinei um uso para ela. No momento, sobre ela, existe uma caneca vazia que usei para tomar chá de pêssego e um pacote de bolacha de maisena.
 - Uma caixa de madeira, entre a porta e o guarda roupa, cheia de roupa suja (uma toalha amarela que ganhei do João, de Brasília; uma camiseta vermelha com a frase “I FEEL LIKE PABLO”, em homenagem ao disco “The Life of Pablo”, de Kanye West; uma bermudinha branca estampada com o personagem Finn, de “Hora de Aventura”, que uso como pijama, que foi emprestada por minha amiga Nuala, em Londrina, e eu nunca devolvi; uma camiseta branca com a bandeira arco-íris e o personagem

Snoopy, que ganhei da mãe do meu colega de casa Guilherme quando ela veio a Florianópolis visitar o filho; uma camiseta preta bem velha com uma serigrafia nas costas e a inscrição “MALDITA”, que é um trabalho com jogo de palavras dos meus amigos e artistas Danillo Villa e Katharine, que comprei por R\$ 5 no Grafatório, espaço cultural de Londrina; uma bermudinha cinza de futebol da Nike, que uso para realizar caminhadas na Avenida Beira-Mar Norte, à noite; uma camisa com listras verticais azuis, rosas e brancas, que minha mãe comprou em um brechó em Londrina e me deu de presente de aniversário; e 3 cuecas pretas de algodão que também ganhei de mamãe); inclusive, tenho que lavar logo, mas anda chovendo muito e minha máquina de lavar é tanquinho, não tenho centrífuga.

EMBAIXO DA CAMA — Um sapato Melissa Crew preto com faixas azuis, laranjas e verdes. Parece uma bota, mas é todo de plástico; é um calçado imenso, pois calço 43/44.

- Um chinelo Ipanema azul, tamanho 45/46.
- Um chinelo Havaianas preto com detalhes em rosa, de “Star Wars”, tamanho 45/46, que ganhei de minha mãe.
- Um tênis de couro branco com sola de borracha reciclada, tamanho 44, que ganhei no meu último trabalho como parte do uniforme (eu era vendedor de sapatos em um shopping).
- Um tênis esportivo azul e rosa da Nike que uso quando quero ser *fitness* ou fazer trilhas, tamanho 43/44.
- Uma sandália de couro aberta e bem fresquinha, tamanho 43.
- Um tênis preto baixinho, tamanho 44, que ganhei da minha mãe e uso sempre.
- Um tênis cinza, extremamente confortável, tamanho 44, que também ganhei da minha mãe.
- Uma embalagem de talco antisséptico.

NAS PAREDES — Ao lado da janela existe um cartaz da exposição “Semana de Arte de Londrina: Sobre Cidade”, que aconteceu em 2016 e me marcou profundamente (acho que foi naquele evento que me entendi como um ser urbano e artista).

- Dois trabalhos de Raquel Stolf com jogos de palavras da série “Sou toda ouvidos”.
- Um bordado da cantora Björk em “blissing me”, que ganhei do meu ex-namoradinho Matheus.
- Uma pintura aquarelada da capa do álbum “Melodrama”, da cantora neozelandesa Lorde. No verso, há um trecho da música “Supercut” escrito à mão: In my head I play a supercut of us / All the magic we gave off / All the love we had and lost.⁹ Também ganhei a pintura do meu ex-namoradinho Matheus.

- Uma foto polaroide de minhas amigas Katha, Ju e Marialice, que tirei na casa da Katha, com a câmera da Ju, no meu último “rolê” em Londrina antes de me mudar para Florianópolis.
- Um sulfite colado em frente à minha mesa, no qual está escrito à mão por mim: “Cherem 03/FEV - Sandra 10/FEV - Marta ??/FEV”. Fiz para me lembrar e me incentivar a terminar os artigos do semestre da pós-graduação a tempo. Isso de escrever é sempre difícil para mim.
- Uma cópia do meu currículo comercial (não acadêmico), que usei para ser empregado no início do ano passado como vendedor em uma loja de sapatos de um shopping de Londrina. Assim que me graduei, fiquei apavorado com a ideia de não ter nada para fazer na minha área e não ter mais dinheiro. Dei meus pulos e consegui um emprego. Trabalhei na loja até ser aprovado no mestrado na UDESC.
- Um adesivo “Lula Livre” ao lado do interruptor.
- Um adesivo com o desenho de uma cangaceira que ganhei de algum amigo de Londrina, mas não consigo lembrar qual.
- Quatro fotografias impressas em papel pólen A3 da série “O homem que era só metade”, fotoperformance de minha autoria realizada em Londrina.
- Uma bandeira do Brasil com algumas intervenções feitas por mim. É um trabalho ainda em desenvolvimento com o título temporário “Não tem nada de errado acontecendo”.
- Uma folha A3 com algumas coisas escritas por mim, que foi um exercício inicial de reconhecimento de turma e afinidades feito na disciplina “Do caminhar pela natureza e dos processos artísticos contemporâneos”. Foi a partir desse exercício que me juntei com algumas colegas do mestrado que acabaram se tornando grandes amigas.

O GUARDA-ROUPA — Meu quarto possui um guarda-roupa imenso. Eu não queria que ele estivesse aqui, pois não costumo usar roupeiros; em Londrina eu me virava com alguns nichos parafusados na parede e uma arara de roupas. Mas aqui o guarda-roupa veio com a casa, como cortesia do locatário; pensei em desmontá-lo algumas vezes, mas nunca cheguei a fazer isso. É nele, dentro do guarda-roupa, que estão guardados meus maiores segredos e bagunças; tudo que não quero que as pessoas vejam quando visitam meu quarto, eu guardo (escondo) dentro do guarda-roupa. Sobre o guarda-roupa, encontram-se duas malas: uma bem grande, que é da minha mãe e está aqui desde que me mudei, e outra menor, que ganhei da minha amiga Katharine na minha última ida a Londrina (Katha estava de mudança e

doou muitas de suas coisas). Tem ainda um colchão de solteiro bem fino e de proporções duvidosas, que veio com a casa também; dormi alguns dias sobre ele e foi muito ruim, mas, enfim, guardo ele aqui, pois talvez sirva para algum amigo dormir durante uma visita rápida.

O guarda-roupa possui 6 portas e 6 gavetas, é marrom e feito de uma madeira bem frágil (acho que é MDF).

- Gaveta 1:
- Gaveta 2:
- Gaveta 3: essa é a gaveta da bagunça, com um avental preto que ganhei da minha mãe durante a graduação; uma garrafa vazia de 250 mililitros de suco de uva integral; um tempero de macarrão instantâneo sabor carne; uma flanela de tecido para limpeza da cor vermelha; um saco plástico com 3 velas, uma caixa de fósforos e um pires, que minha mãe mandou porque “vai que acaba a luz lá, né, filho”; uma caixa de Cotonetes aberta (sou viciado em limpar os ouvidos com Cotonetes sempre que tomo banho); um minigrampeador; um rolo de papel de impressora fiscal escrito “VAI TER TROCO” várias vezes, que é um trabalho ainda em desenvolvimento; meu notebook quebrado e seu carregador; uma paleta de sombras coloridas de que não gosto e que raramente uso; um mouse USB quebrado; um tubo de creme para mãos que não uso; um pacote com 3 lixas de unha; um estilete vermelho; um delineador velho; um frasco de desodorante vazio; um envelope de tecido contendo o ensaio visual “Carta para Lygia Pape”, que desenvolvi no Instituto Inhotim em dezembro de 2017; uma pedra; uma caneta Bic azul; e a moldura de um espelho que quebrei.
- Gaveta 4: um tênis amarelo que comprei na loja de sapatos do shopping em que trabalhava, que eu não lembrava que estava ali, e um pedaço de tecido com um bordado escrito “A CULPA É MINHA”, que realizei como exercício de alguma disciplina durante a graduação.
- Gaveta 5:
- Gaveta 6: uma sandália preta de plástico Melissa, que comprei faz muito tempo e que também não uso faz muito tempo, pois ela machuca meu pé.
- Portas 1 e 2, nicho superior: uma gravura que ganhei da minha orientadora, Sandra Favero, e estou mantendo guardada em segurança enquanto não a emolduro para dispor na parede do meu quarto; uma fotografia que ganhei da artista Ana Sabiá, que também está aguardando por uma moldura; a publicação “Sonhos sujos/conversa errática”, de Leticia Cardoso; o

manual e a garantia da máquina de lavar; a caixa, o manual e a garantia da cafeteira elétrica; o trabalho “FUCK”, de Danilo Villa, composto por 4 letras (F, U, C e K) independentes em camurça grossa; e uma flor de plástico amarela que peguei da decoração de um bar e dei de presente para Nicolas em um de nossos encontros, mas que ele acabou deixando em casa e nunca levou embora (hoje não estamos mais juntos).

- Portas 1 e 2, as camisas: um *blazer* preto que chamo de terninho, que comprei no brechó da Catedral de Londrina e paguei R\$ 20 (eu sempre quis ter um terninho, com ele me sinto super chique); uma camisa amarela que uso em dias de sol pois faz minha pele brilhar, que está com uma mancha de tinta vermelha no ombro que eu acho que é de maquiagem; uma camisa rosa fininha que usei na minha exposição de formando em Londrina (furei ela no mesmo dia, saindo de um carro e encostando em uma árvore, fiquei triste); outra camisa rosa, esta de um tecido um pouco mais grosso, que comprei em um brechó depois de furar a primeira sem querer (agora tenho 2 muito parecidas); uma camisa azul-marinho com alguns sinos e fitas estampados, que comprei em um brechó na Lagoa da Conceição e na qual paguei R\$ 50 (achei muito cara, porém gostei muito; inclusive, gostei tanto que a foto do meu RG catarinense foi tirada com ela); uma camisa xadrez vermelha, preta e marrom, que é meu *look* oficial em festas juninas; uma jaqueta *jeans* na qual paguei R\$ 5 em um brechó no meu antigo bairro em Londrina; uma camisa marrom que comprei no brechó da Catedral de Londrina, mas ainda não usei; uma camisa verde de mangas compridas da Calvin Klein que comprei em um brechó e uso sempre, sempre mesmo, pois é muito confortável e estilosa; uma camisa de tecido muito leve e fresco, verde e bege, que ganhei de aniversário da Elisa e uso muito para ir à praia; uma camisa xadrez cinza, preta e branca, que já usei muito, mas para a qual agora dei uma descansada; uma jaqueta verde-oliva e uma jaqueta marrom, ambas do mesmo modelo, porém a marrom é de um tecido mais grosso (essas jaquetas são lindas; sempre que uso, perguntam-me onde eu comprei, e eu amo responder que foi a minha mãe quem me deu e que ela comprou as duas por R\$ 10 em um brechó de igreja pentecostal); uma camisa florida que usei muito e agora acho que nem me serve mais; uma camisa xadrez vermelha e preta, sem mangas, estilo regata (odeio regatas, mas amo essa camisa; só uso em dias de frio, junto com uma camisa de mangas longas ou uma jaqueta aberta por cima); uma camisa azul-marinho estampada com

vários abacaxis brancos, que também usei por muito tempo e hoje acho que não me serve mais; uma camisa branca que ganhei do Matheus; uma camisa listrada vermelha e branca, que amo muito e uso sempre; uma camisa listrada amarela, branca e laranja, que usei durante a ceia do Natal de 2018 com meu ex-namorado João; uma camisa bem grande com uma estampa japonesa de dragão, que amo usar pois ela é linda e sempre recebo elogios quando estou com ela.

- Portas 1 e 2, a bagunça: um repelente que ganhei de mamãe em Londrina, após eu reclamar que a Ilha é o local com o maior número de mosquitos do Brasil (lembro um dia em que estava dormindo com Nicolas e acordamos por conta da quantidade absurda de mosquitos; tive a brilhante ideia de passarmos repelente para dormir e deu certo); um repelente aerossol vazio que ganhei de Micaela, minha ex-vizinha; um antitranspirante aerossol, também vazio (acho que tenho problemas para jogar as coisas fora); um esmalte vermelho “tomate” que comprei esses dias mas ainda não tive coragem de usar; uma conta de água da Casan (Companhia Catarinense de Águas e Saneamento) no valor de R\$ 90,38; quatro tubos de tinta acrílica vencida que ganhei da minha amiga Katha, (um verde *hooker*, um amarelo cádmio, um ultramar claro e um vermelho cádmio); outra caixa de Cotonetes aberta, que comprei pensando que a primeira tinha acabado; outro creme para mãos que não uso; um rolo de fita larga transparente; um rolo de fita larga vermelha e branca que comprei para realizar a instalação/performance “Espaço para gerar espaço” durante o 14º Ciclo de Investigações da UDESC; uma pasta de dente Sorriso pela metade, que guardei pois comprei uma nova, da Oral-B, que prefiro; a medalha de prata que ganhei da FundArt (Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba) no 15º Salão Ubatuba de Artes Visuais; uma seda para tabaco; dois potinhos de argila para a pele que comprei de uma guria na Barra da Lagoa; um imenso parafuso da linha de trem que passa em Jataizinho, no Paraná, minha cidade natal; um saca-rolhas; uma capa de chuva descartável que ganhei do meu padraço; óculos de sol que comprei na época em que trabalhava na Chilli Beans (2015, talvez) e que não uso faz tempo, pois acho que não combinam mais comigo; um porta cartão de transporte que eu usava em Londrina; uma pequena embalagem de sabonete líquido que peguei no voo da LATAM de Florianópolis para Congonhas; um porta arquivo rosa *pink* com uma passagem de ônibus Londrina—Florianópolis dentro; um calendário de 2020 que ganhei da minha mãe e ainda não pendurei na parede; um

rosário que ganhei na abertura da exposição “Dona Fulana morreu e levou consigo tudo o que aprendeu?”; uma máscara de couro preta que ganhei do Matheus (pedi que ele a fizesse para eu usar enquanto discotecava em uma festa muito louca); um cartão de vacinação adulto que fiz em Santa Catarina quando tomei a vacina contra a febre amarela; um rolo de fita crepe branca e um rolo de fita crepe verde; um chaveiro escrito “Lembrança de Brasília” que comprei na Esplanada dos Ministérios em novembro de 2019; um pequeno livro que produzi no projeto de extensão de livro de artista na UDESC; um fone de ouvido muito ruim que ganhei no voo da Azul para Brasília; meu antigo celular com a tela quebrada; uma garrafa de água rosa da Tupperware que ganhei da minha irmã mais velha; cinquenta envelopes de carta pequenos que ainda penso em usar em algum trabalho futuro; uma agenda de 2019 do Parfor (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), que ganhei na UEL durante um evento; uma mochila de tecido que ganhei da Katha.

- Portas 3 e 4, nicho superior: publicação do Núcleo de Estudos em Fotografia e Arte de junho de 2019; meu trabalho “a estruturação do selfie”, embalado, aguardando ser exposto; o trabalho “dileitante”, conjunto horrível de gravuras que produzi na graduação, embalado; o imenso pacote que enviei para inscrição no mestrado, na época contendo inúmeros documentos (no momento ele só tem uma cópia comprovada do meu currículo Lattes de março de 2019); um cobertor marrom extremamente quente que ganhei da minha mãe; um cobertor branco morno que ganhei da minha mãe; uma bolsa ou sacola da 6ª Semana de Artes Visuais da UEM (Universidade Estadual de Maringá), que ganhei quando apresentei um artigo no evento em 2018.
- Portas 3 e 4, nicho 1 (as blusas): um moletom preto com o logotipo da MTV na frente (esse moletom sempre faz sucesso quando uso, alguns amigos me reconhecem por ele; uso sempre no frio, é meu uniforme oficial); uma jaqueta de tecido amarela que parece feita de plástico (sempre que uso viro ponto de referência pois a cor dela é bem forte); uma blusa grande verde, de estampa militar, que geralmente uso em casa em dias de frio; uma jaqueta cinza que achei em um ponto de ônibus e uso pouco; uma blusa cinza imensa, que fica grande até em mim e que amo usar em dias folgados de muito frio; um cardigã preto que era uniforme para dias frios no meu antigo trabalho como vendedor de sapatos; uma jaqueta com estampa preta básica, na frente, e de tigre atrás.

- Portas 3 e 4, nicho 2 (as calças): uma calça cáqui que era meu uniforme na loja de sapatos, que gostava muito de usar pois serve perfeitamente em mim, mas que não uso faz tempo pois rasgou no meio da perna; uma calça *jeans* bem grossa e com cintura alta, que comprei no brechó da Catedral de Londrina em dezembro de 2019, na qual paguei R\$ 10 e que é linda; uma calça preta de moletom que ganhei da minha mãe, que uso em casa em dias frios e também para ir ao mercado às vezes, extremamente confortável; uma calça preta que comprei em um brechó, na qual paguei R\$ 10 e que uso sempre; uma calça jeans clara que não uso faz anos e provavelmente não serve mais em mim; uma calça verde de veludo que não uso faz bastante tempo; uma calça marrom que não me serve mais; uma calça jeans preta que uso sempre e comprei aqui na Ilha em um dia em que me senti “sem roupa” para ir a uma festa; e uma calça de alfaiataria azul que comprei em um brechó pois sempre sonhei com uma calça assim, mas que sempre que uso fica toda torta no meu corpo, infelizmente.
- Portas 3 e 4, nicho 3 (as camisetas): uma camiseta cinza escrito “BIG DOG” nas costas que ganhei do Matheus, meu ex-namorado (só agora, realizando esse exercício de observação dentro de meu quarto, é que me dei conta de quantas coisas Matheus me deu); uma camiseta preta escrito “PLAYSTATION”, com um desenho de videogame estilizado com as cores da bandeira LGBT (uso essa camiseta sempre, também é uma espécie de uniforme para mim aqui na Ilha); uma camiseta preta básica em que eu bordei na frente, à mão, a frase “VOU DESGRAÇAR TD”; uma camiseta de cor mostarda, com serigrafia na frente, escrito “a palavra puta”, que ganhei do Danilo; uma camiseta branca com personagens de “Os Muppets” estampados em preto e branco que comprei faz muito tempo e nem uso mais; uma camiseta preta estampada com a frase “DON’T LET THE POWER SHUT YOU UP” que também comprei faz muito tempo e não uso mais; uma camiseta branca estampada com a divindade Ganesha armada, que não sei como ganhei; uma camiseta cinza básica; uma camiseta laranja que ganhei do Guilherme, meu ex-supervisor; uma camiseta com estampa militar que parei de usar para não ser confundido com um neofascista à brasileira; uma camiseta preta, quase branca de tão desbotada, com a estampa da capa do “Unknown Pleasures”, do Joy Division, álbum do qual eu nunca ouvi sequer uma música; uma camiseta preta estampada com uma imagem de Nossa Senhora tatuada (eu realmente não entendo meu antigo gosto para

comprar roupas); uma camiseta lisa bordô, bem básica; uma camiseta da campanha eleitoral de Dilma Rousseff de 2014, que uso na rua sempre que quero incomodar (usei quase todos os dias durante o processo de golpe contra a ex-presidenta; até hoje não acredito no que fizeram com ela); uma camiseta preta de “Star Wars” (só assisti a um dos filmes e achei chato); uma camiseta preta escrito “fight for honor” que usei muito, antigamente, pois ela era extremamente confortável; uma camiseta estampada com o rosto de Fernando Haddad e com a frase “Haddad é Lula é Haddad é Lula” disposta em um círculo, que ganhei durante as eleições de 2018; uma camiseta cinza básica muito velha, com o espaço do pescoço todo arregaçado; uma camiseta da Nike escrito “Just do It”, que uso às vezes quando vou caminhar ou correr; uma camiseta branca com a estampa de um veado do período neolítico com 6 patas, que era a logo da minha turma da graduação (carinhosamente apelidada por nós mesmos como “turma 6 patas”); uma camiseta preta estampada com a capa do álbum “Acabou Chorare”, dos Novos Baianos, que ganhei no meu aniversário de 19 anos (eu usei tanto que ela está toda desbotada e larga); uma camiseta do Homem-Aranha, meu herói favorito; uma camiseta com a frase “WHO THE FUCK IS PABLO”, outra brincadeira com o título do álbum “The Life Of Pablo”, de Kanye West (ele nunca revelou quem é o Pablo referido no álbum, mas já brincou que poderia ser o Neruda, o Picasso ou até mesmo o Escobar).

- Portas 3 e 4, nicho 4 (as bermudas): uma bermudinha estampada com plantas e tucanos, que ganhei da minha mãe em Londrina antes de me mudar para Florianópolis (é a bermuda que mais amo e me serve muito bem; é meu uniforme oficial de ir à praia, já que não uso sunga); uma bermudinha *jeans* preta, muito velha, desbotada e furada, mas que eu amo (ela era uma calça, mas minha mãe cortou e transformou em bermuda para mim); uma bermuda *jeans* que tem uma longa história (ela era um macacão que comprei, mas usei duas vezes e me senti ridículo como um adulto em um macacão; pedi para minha mãe cortá-lo e fazer uma calça, o que ela fez, e o usei por um tempo; quando enjoei, pedi para minha mãe cortar outra vez e ela cortou; hoje, é uma bermuda que uso sempre); uma bermuda *jeans* que não sei de onde veio, mas uso às vezes; uma bermudinha azul estampada com flores de hibisco rosas, que ganhei em dezembro de 2019 da minha mãe e ainda estou aprendendo a usar; duas bermudas da cor cáqui com corte social que eram uniforme no meu antigo emprego (uso bem

pouco pois acho que são muito formais e têm cara de roupa de hétero; uma bermuda branca que usei uma única vez, na virada de 2016 para 2017; uma bermuda bege que nunca usei; uma bermudinha cinza que uso em casa; e uma bermuda listrada em azul, preto e laranja que ganhei da minha mãe.

- Portas 3 e 4, nicho 5 (as coisas de casa): um cachecol verde e bege, todo feito de tricô; um pano de prato muito amarelado, de quando eu ainda não sabia lavar roupas direito e manchava todas elas; um lençol de cama azul e branco; uma fronha branca muito bonita; um lençol branco com flores rosas, que eu juro que nunca tinha visto antes; quatro panos de prato novos; uma sacola com 2 buchas vegetais; um lençol de elástico cinza, que deixei no varal por dias e por isso ficou todo manchado; um lençol de elástico azul que eu não sabia que existia; um lençol branco com flores azuis e folhas verdes, que ganhei da Katha; outros 2 panos de prato manchados (acho que preciso comprar um Vanish); um pano de chão; uma fronha azul; uma toalha branca que gosto de levar para a praia por ser pequena, fininha e não ocupar muito espaço na bolsa; um lençol azul e branco; e uma sacola de tecido com o desenho de um veado.
- Portas 3 e 4, nicho 6 (os cobertores — esta é uma parte engraçada do guarda-roupa, pois eu nunca comprei um cobertor em minha vida; todos os cobertores que eu tenho são da minha mãe, mas também não me lembro de que ela tenha comprado cobertores): um cobertor branco com detalhes em azul e bordô; um cobertor branco com listras amarelas e azuis; um cobertor de flanela com o desenho de um leão; um cobertor preto com listras marrons, que uso sempre; um lençol branco com listras verdes; um lençol branco com listras amarelas; um lençol branco com listras rosas; um lençol branco com listras cinzas; um cobertor vermelho e azul, muito quente; e um cobertor branco e azul, mais quente ainda.
- Portas 5 e 6: meu chapéu de palha de manezinho, que comprei no Mercado Público de Florianópolis e uso para ir à praia, e todos os meus documentos (certificado de reservista, título de eleitor, carteira de trabalho, certidão de nascimento e o certificado do curso de graduação em Artes Visuais da UEL).
- Portas 5 e 6 (a bagunça): um *harness* de couro que ganhei do Matheus (usei uma vez, para tocar em uma festa, e nunca mais, pois tenho vergonha); um RG que encontrei na rua em Londrina e do qual nunca achei o dono; oito sabonetes Lux; duas pastas de dente Oral-B; uma paleta falsificada de maquiagens da Kylie Jenner; uma embalagem de óleo de girassol que uso

para cicatrizar e hidratar minhas tatuagens novas; um relógio dourado com duas coroas, da Chilli Beans em parceria com Alexandre Herchcovitch, que comprei quando trabalhava na loja, uns 5 anos atrás; um par de luvas bem grandes; oito camisinhas; cinco barbeadores Bic, que comprei por um preço muito bom, mas não consigo usar porque eles cortam todo o meu rosto; um pacote de grampos; um pincel de maquiagem; uma cópia da “Carta a Mondrian”, de Lygia Clark; meu pré-projeto do TCC; a qualificação do meu TCC; uma camisinha feminina, que peguei no posto por curiosidade, mas nunca abri; e um gel fixador extraforte para os cabelos.

- Portas 5 e 6 (as cuecas e meias): quinze cuecas *slip* e 10 cuecas *boxer*; uma toalha de rosto do Palmeiras, que era meu time de futebol na infância (hoje em dia, não tenho nenhum); um gorro bem quentinho que ganhei da minha amiga Leticia na minha primeira graduação na UEL, não concluída, em Administração; dois meiões de futebol, um verde e um vermelho (não jogo bola, mas eles são bem quentinhos e confortáveis); um par de meias com estampa de Van Gogh (comprei mas tenho vergonha de assumir, pois sempre falo mal dele; sempre que uso as meias e alguém me pergunta sobre elas, eu digo que ganhei de presente); um par de meias com estampa de “O Nascimento de Vênus”, de Botticelli, que ganhei da Ju; dois pares de meias azul-marinhas com bolinhas brancas e um par de meias coloridas, que ganhei no meu último emprego, na loja de sapatos; três pares de meias pretas, todas muito furadas; uma meia-calça que ganhei da minha irmã, que uso em dias muito frios; um par de meias com cada meia de um par diferente, que ganhei do meu grande amigo Edinan; uma touca de natação, que não faço ideia de como veio parar aqui; uma cueca *boxer* branca que comprei em Florianópolis (realizei aqui a minha vontade de ter uma cueca branca); e um par de meias pretas com rosas vermelhas, que comprei aqui na Ilha e uso muito (sempre vai dos pés para máquina de lavar e da máquina de lavar para os pés).

A TENTATIVA DE ESGOTAMENTO

Assim como Perek e Maistre, mas de um jeito diferente, eu realizei o exercício da observação e escrita com o intuito de conhecer esse espaço que chamo de quarto, nesse lugar que chamo de casa. Desde que me mudei, sinto que esse lugar não me pertence; às vezes me sinto como um parasita, escondendo-me de todos e principalmente de mim.

Tive a oportunidade de voltar a Londrina, minha cidade natal, duas vezes desde que me mudei para a Ilha; nas duas vezes

MEUS VIZINHOS JACARÉS

em que estive lá, foi tão estranho quanto estar aqui, ou talvez mais ainda. Minha casa de lá não é mais minha casa. Meu quarto de lá não é mais meu quarto. Dar-me conta disso — de que não há, pelo menos no momento, um lugar no mundo para mim — me dá crises de ansiedade. Então me propus caminhar dentro do meu quarto (meu atual quarto, em Florianópolis), observar, descrever tudo que vejo e me esforçar para lembrar de cada coisa. Esse exercício, mesmo que insignificante e inconclusivo, ajudou-me a entender e conhecer meu espaço. Senti todos os azulejos, toquei todas as paredes, conheci todas as quininas, sei onde estão todas as coisas.

Ainda existe muito para fazer no meu quarto (e na cidade), mas criar uma conexão primária com esse espaço, que é onde passo a maior parte do meu tempo, é primordial para mim. O quarto e eu ainda estamos nos conhecendo, criando intimidades, estamos nos tornando amigos; ele já me viu fazendo tantas coisas! É a partir dele que pretendo me lançar nas ruas de Florianópolis; que a partir desse espaço eu gere muitos outros na Ilha. Comigo é assim: de dentro para fora! E por que não de fora para dentro?

NOTAS DE FURTO

3 MAISTRE, Xavier de. *Viagem ao redor do meu quarto*. São Paulo: Editora 34, 2020. p. 10.

4 SILVA, Ricardo Luiz. Prefácio. In: PEREC, Georges. *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. São Paulo: Gustavo Gili, 2016. p. 8.

5 Tradução nossa. PEREC, Georges. *Especies de espaços*. Barcelona: Montesinos, 2001. p. 23.

6 VÁRZEA, Virgílio dos Reis. *Santa Catarina: a ilha*. Florianópolis: IOESC, 1984. n.p.

7 VILA-MATAS, Enrique. *História abreviada da literatura portátil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011. p. 68.

8 SILVA, João Renato Ferreira da. [*Dedicatória*]. Destinatário: Gabriel Augusto de Paula Bonfim. Londrina, 2019. 1 dedicatória em página de livro.

9 SUPERCUT. Intérprete: Lorde. Compositores: Ella Yelich O'Connor e Jack Antonoff. In: MELODRAMA. Intérprete: Lorde. [*S.I.*]: Universal Music New Zealand Limited, 2017. Álbum musical em plataforma de streaming, faixa 9.

São 29.

Isso, contei 29 jacarés. Você acredita?

Não, espera... são 32! Isso, 32 jacarés!

Não, eu não sei se se eles mordem, nunca ouvi falar de nada disso por aqui. As pessoas de certa forma ignoram a presença deles. Acho isso incrível e assustador!

Não, não tem nenhuma grade.

Sim, eles ficam soltos, mas nunca saem do riozinho. Na verdade, para ser sincero, eu já vi um deles na graminha perto do shopping, uma vez, porém ele não fez nada, só ficou parado, enorme, logo abaixo da placa da prefeitura que dizia “HABITAT DO JACARÉ-PAPO-AMARELO; RESPEITE OS ANIMAIS SILVESTRES E OS AMBIENTES NATURAIS”. A placa serve para sinalizar a presença deles na área de mangue.

Eu fiquei olhando para ele por um bom tempo, com muita curiosidade, pois queria conferir se o seu papo era de fato amarelo; já ele nem deu bola para mim, olhava fixamente para o nada. Acho que ele já se acostumou com a presença humana (coitadinho, que coisa horrível de se acostumar).

Então é assim, eles ficam pela cidade mesmo; quer dizer, acho que a cidade é que fica por eles. Aqui perto de casa, eles são vizinhos de um shopping construído em área de mangue! Acho engraçado que algumas pessoas já encheram a boca para me falar que “o Manguezal do Itacorubi é o maior manguezal em área urbana do mundo!”; eu nem sei se é verdade, mas se for, olha só, que coisa ridícula é se gabar disso. Qual a vantagem de ter um manguezal em área urbana? Onde já se viu ter orgulho de crime ambiental?

O problema é que eu acabei ficando obcecado pela existência dessas criaturas no meu caminho. Parei de ir de ônibus à UDESC e passei a realizar o trajeto estritamente a pé; são cerca de 30 minutos de caminhada para ir e mais 30 para

voltar. Uma hora andando para poder ver os jacarés. O bom é que meu ritmo de caminhada aumentou bastante, minha panturrilha ficou mais definida e minha bunda ficou mais durinha. Voltando aos jacarés, sim, eu fiquei totalmente obcecado por eles! Passava metade do meu tempo falando sobre eles e a outra metade torcendo para que alguém falasse sobre eles comigo para eu poder falar mais. Meus *stories* do Instagram se tornaram uma espécie de canal não oficial da National Geographic em Floripa.

Meus amigos de outras cidades perguntavam sobre os jacarés o tempo todo. Inclusive, quando vêm me visitar, eles pedem que eu os leve para conhecer os ditos-cujos, o que faço com toda a ansiedade do mundo, como se estivesse prestes a revelar o mais íntimo dos meus segredos. Quando você vier, prometo te levar lá, tenho certeza de que vai gostar!

Comecei a pesquisar cada vez mais sobre a espécie.

“Ok, Google, pesquisar: jacaré-de-papo-amarelo”.

A espécie tem dupla cidadania, é brasileira e uruguaia, ok!

Podem viver até 50 anos, caramba!

Vivem na costeira e no mangue, ok, isso eu já sabia!

São carnívoros, hum, desconfortável!

São chamados de jacarés-de-papo-amarelo pois ficam com a área do papo amarelada durante o período de acasalamento, fofo!

Possuem o focinho mais largo dentre todos os crocodilianos, legal.

Medem em média 2 metros, mas já foram registrados indivíduos excepcionalmente grandes, com 3 metros e meio, medo.

Acabei descobrindo outras coisas, como que Florianópolis possui uma superpopulação da espécie porque aqui ela se instalou bem e não tem predadores naturais, que, olhe só, são raposas, quatis, macacos e algumas aves aquáticas que não comem o jacaré, mas, sim, seus ovos, claro! Ah, mais uma coisa: aprendi que, se um jacaré te morder, tu deves meter-lhe um murro na fuça, daí que ele fica desorientado, abre a boca e te solta; é o que dizem.

Sinto que a presença dos jacarés foi por muito tempo o meu maior laço com a cidade; estar aqui fazia mais sentido quando eu os via, mesmo que isso não faça sentido algum. Estou até pensando em tatuar um jacaré para ficar como registro desse meu tempo na cidade, acredita?









EU TIVE UM SONHO COM LYGIA E ELA DISSE...

Querida Lygia,

Hoje me sinto mais confuso que ontem e, por boa parte, eu te culpo. Você não tem noção da confusão que causou em mim, de como me afetou, e tudo isso no sentido mais puro e dicionarizado da palavra afeto. Você por acaso já pensou em como seria a arte brasileira sem a sua existência?

Dormi olhando imagens dos seus trabalhos e ouvindo sua voz, e seu sotaque carioca carregado ecoou nos meus sonhos — “AS PESSOAXXX”, “FANTAXXMÁTICA”, “CORRRPO”, “PERRRNA”, “REXXXPIRE”, “CONCHAXXX”. Não sei se você se lembra, mas conversamos! Você disse que eu precisava vomitar, que eu precisava vomitar a vagina da minha mãe que eu tinha roubado no momento do meu parto. Não entendi o que você disse, mas concordei. Acordei vomitando.

Não consigo não pensar em você, Lygia; acordo e durmo contigo na minha cabeça. Você tem noção disso? Tem noção de tudo o que fez? Com certeza sim, não é? Enxerido como sou, saiba que eu invadi tuas correspondências e li grande parte das cartas que trocasse com Hélio. Li sobre ti a partir de ti mesma.

Certa vez, em uma das suas cartas trocadas com Hélio, você disse que alguns jovens artistas não sabiam bem o que estavam fazendo, que não tinham superado a crise do retângulo e que suas obras que propunham experimentação se aproximavam de meros brinquedos... Lygia, acho que você estava certa.

Você pensou e fez as coisas de uma maneira diferente. Você mudou as coisas, e tudo isso nos anos 50!

Lygia, mais de 70 anos se passaram; como posso te superar? Como posso ir além? Como eu existiria se você não tivesse tentado estruturar o self?

Escrevo-lhe agora ouvindo “If you hold a stone”, de Caetano Veloso.

If you hold a stone, hold it in your hand / Se você segurar uma pedra, segure-a em sua mão
If you feel the weight, you'll never be late / Se você sentir o peso, nunca vai ser tarde
To understand / Para entender
But if you hold the stone, hold it in your hand / Mas se você segurar a pedra, segure-a em sua mão
If you feel the weight, you'll never be late / Se você sentir o peso, nunca vai ser tarde
To understand / Para entender¹⁰

Eu sei que ele compôs essa música para você, em referência ao seu trabalho “Pedra e ar”, de 1966. Sinto essa vibe da sua produção, em que as experiências engajam cada vez mais o Outro. O Outro particular, o Outro único.

Você e Caê se conheceram em Paris e jantaram juntos no chão de seu apartamento. Sim, Lygia, que saco, eu sei tudo! Hoje, acho engraçado que naquela época todos vocês, hoje famosos, eram amigos; fico imaginando se daqui a alguns anos eu e meus amigos seremos como vocês.

Também fico imaginando nós dois almoçando juntos em minha casinha, aqui na Trindade, na Ilha de Santa Catarina. Eu lhe faria uma tainha frita, um arrozinho e uma saladinha de tomate com cebola e limão! Tudo isso acompanhado, claro, de um bom vinho barato, pois é o que eu posso bancar.

As conversas seriam infinitas.

Você disse uma vez, em 1986, que Hélio era o lado de fora de uma luva, a ligação com o mundo exterior. Eu, a parte de dentro. Nós dois existimos a partir do momento em que há uma mão que calce a luva.¹¹ Eu quero ser essa mão. Eu sou essa mão!

Eu quero te tocar, apalpar, torcer, puxar, cheirar, rodar, apertar, vomitar. Quero te sentir de todas as maneiras possíveis. Ajuda-me, Lygia; desculpa-me, Lygia.

Em sua “Carta a Mondrian”, em 1959, você disse que talvez amanhã possa dar também de meus olhos, de minha solidão e de minha teimosia a alguém que será um artista como eu.¹² Fico me perguntando se, de alguma maneira, você esperava por mim; será que você estaria aqui, na tarde de hoje, comigo?

Lygia, se meu corpo fosse uma casa, você e seus trabalhos seriam as minhas estruturas. E se você não existisse, se não tivesse feito o que fez, se não tivesse sofrido por ser quem foi, talvez eu não existiria como existo.

Hoje olho para a cidade da maneira como olho porque você olhou antes. Hoje enxergo as ruas, calçadas e todo o espaço urbano como espaço para criação e intervenção porque você já o fez antes. Meu começo foi em você, você começou isso para mim. Eu só continuo. E também a culpa. Se sou artista hoje é por sua causa e por sua culpa.

Desculpe-me por ficar culpando você por tudo, sei que culpa é coisa de cristão e não coisa de artista.

Hoje saí de casa destinado a te encontrar; te vi e te abracei.

Você é a pedra e eu sou o corpo.

Com carinho, Gabriel.

NOTAS DE FURTO

10 IF YOU HOLD A STONE. Intérpretes: Caetano Veloso, Lou Reizner e Ralph Mace. Compositor: Caetano Veloso. In: CAETANO VELOSO. Intérprete: Caetano Veloso. [S.l.]: Universal Music Ltda, 1971. Álbum musical em plataforma de streaming, faixa 4.

11 CLARK, Lygia; OITICIA, Hélio. *Cartas, 1964-74*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. p. 3.
12 CLARK, Lygia. Carta a Mondrian. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. (orgs.) *Escritos de artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 46.

NÃO TEM NADA DE ERRADO ACONTECENDO

Verão, calor demais! Trinta e seis graus e eu não tenho ventilador! Por sorte, eu também não tenho televisão! Quem me dera poder ter o privilégio de ficar completamente alienado do Brasil e do mundo; cursando uma pós-graduação, as notícias chegam como um tsunami, o tempo todo, não param nunca. Pego o celular. Abro o Facebook. DESGRAÇA. Fecho. Saio e dou uma volta na Avenida Beira-Mar Norte. Volto para casa. Tomo um banho. Ligo o computador. Recebo um e-mail. TRAGÉDIA. Fecho. Vou fazer o almoço. Sento-me para comer. Pego o celular. Abro o WhatsApp. COISA RUIM. Fecho. Decido dormir. Durmo. Acordo com uma ligação. CHORO.

Essa rotina faz parte da vida de todo cidadão brasileiro, ou melhor, de quase todo cidadão brasileiro, já que grande parte da população jura e acredita que NÃO TEM NADA DE ERRADO ACONTECENDO!

Como artista, sinto uma vontade imensa de incomodar os acomodados. Olho para a história da arte, penso em quem já fez isso antes, lembro-me de Frederico Moraes falando que o artista, hoje, é uma espécie de guerrilheiro. A arte, uma forma de emboscada. Atuando imprevisivelmente, onde e quando é menos esperado, de maneira inusitada o artista cria um estado permanente de tensão, uma expectativa constante. Tudo pode transformar-se em arte, mesmo o mais banal evento cotidiano.¹³ Vítima constante da guerrilha artística, o espectador vê-se obrigado a aguçar e ativar seus sentidos, sobretudo, necessita tomar iniciativas.

Decido então ocupar as ruas da cidade. Começo pensando grande. Tenho vontade de ocupar *outdoors*, mas por questões financeiras acabo diminuindo o sonho e opto por usar lambe-lambes, que são algo com que eu consigo trabalhar sozinho e gastar pouco.

Escolho a bandeira do Brasil. Adotada oficialmente em 19 de novembro de 1889, ela é tida por muitos movimentos reacionários e neofascistas como o símbolo máximo do patriotismo, junto com suas cores principais, o verde e o amarelo. A inscrição “ordem e progresso” foi substituída, nesta ação, pela frase “não tem nada de errado acontecendo”, e as 27 estrelas que representam os estados e o Distrito Federal foram substituídas por 27 pontos de interrogação.

Busco trabalhar essa angústia política e existencial, que é acompanhada por uma sensação de inércia diante dos fatos, manipulando digitalmente a bandeira do Brasil. A arte digital foi impressa em preto e branco em papel sulfite de dimensão A3 *plus* (329 milímetros por 483 milímetros). O trabalho ganhou as ruas de Florianópolis, através dos lambe-lambes, em uma ação performática na qual percorri o centro da cidade sozinho, desafiando a ordem civil — a colagem de lambe-lambes na cidade é uma prática ilegal, e realizei todo o processo de disseminação das bandeiras em horário comercial.

O trabalho gráfico surge em forma de denúncia, irônica e política, do que vem acontecendo no país, como o desmonte da educação pública, das políticas culturais, dos programas sociais, das leis trabalhistas e do Sistema Único de Saúde. A inscrição “NÃO TEM NADA DE ERRADO ACONTECENDO” aparece como uma afirmação em meio a dezenas de interrogações.

Na rua, a imagem tem um reconhecimento instantâneo seguido por um estranhamento. As reações são as mais diversas, de indiferença a excesso de raiva e até a retirada das colagens. Foram instaladas, no total, onze bandeiras na área central da cidade, mas nenhuma sobreviveu após 2 dias. Pretendo, com essas intervenções, causar choque contra a anestesia em que nos encontramos. Que a dúvida se instale, e que juntos possamos encontrar respostas e maneiras de agir!

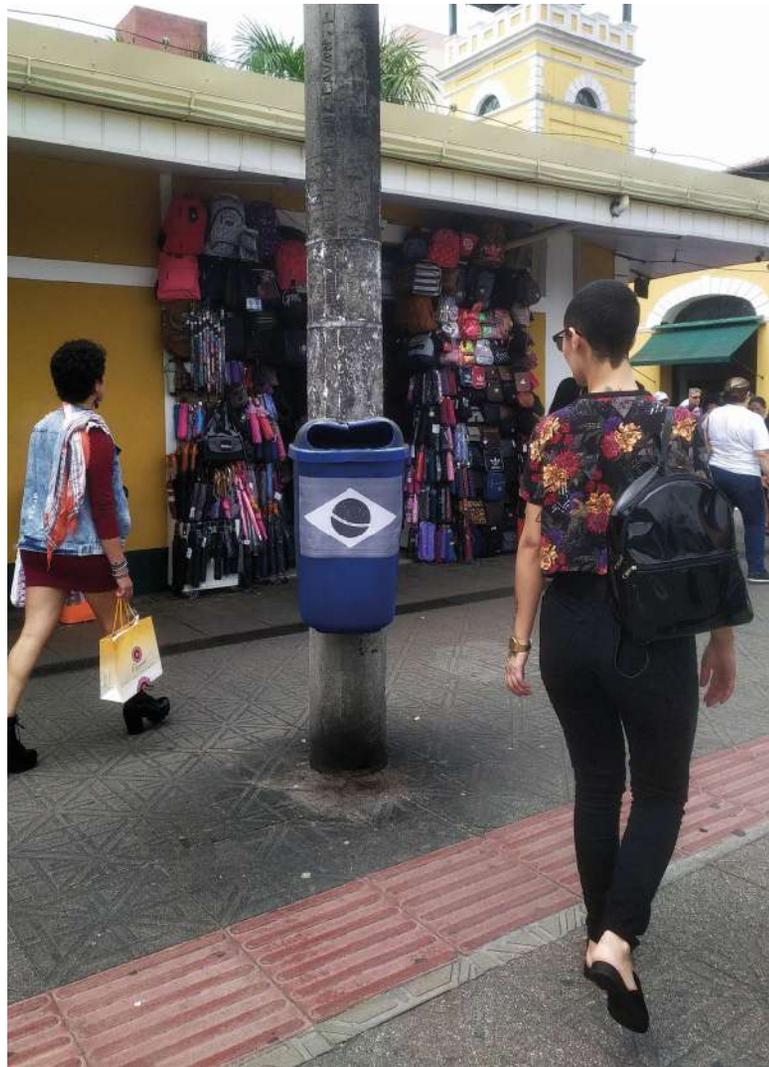
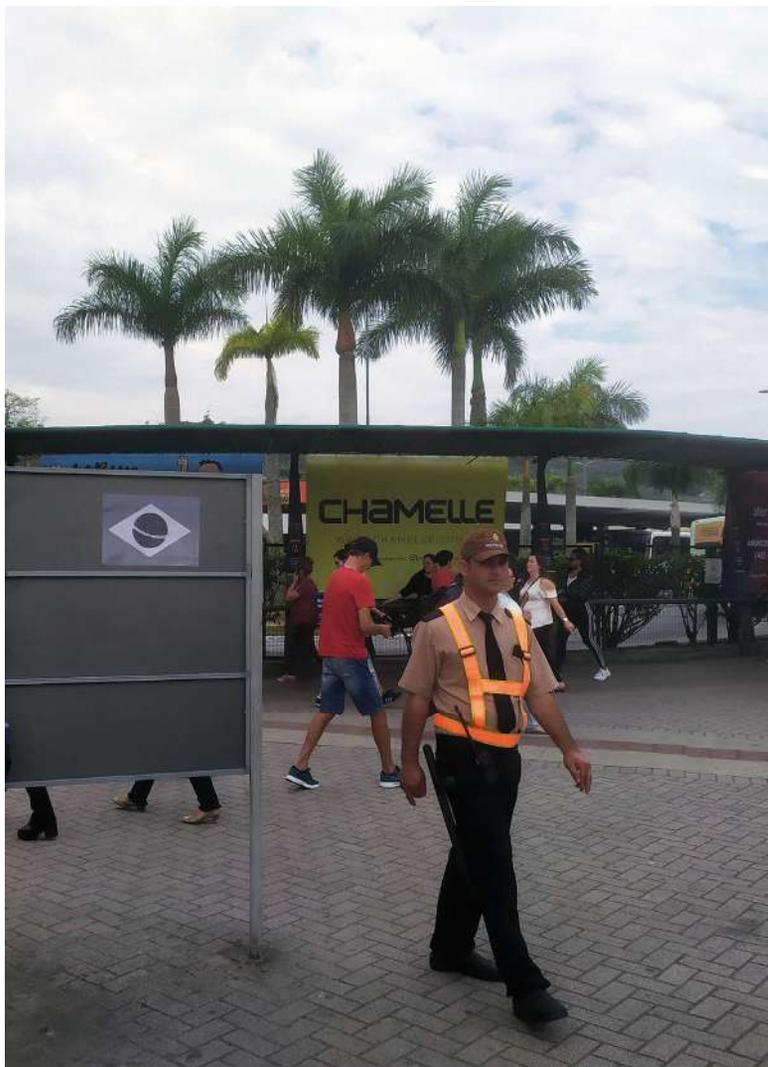
NOTAS DE FURTO

13 MORAIS, Frederico. *Contra a Arte Afluente: O Corpo é o Motor da “Obra”*. Revista de Cultura Vozes. Rio de Janeiro, n. 1, jan./fev. 1970. p. 49.



NÃO TEM NADA DE ERRADO ACONTECENDO







substantivo feminino

LIBERDADE



Rua Professor Elpidio Barbosa 248 ⇔ Caminhar até o TITRI (Terminal de Integração da Trindade) ⇔ Tomar o 333 (TITRI - TILAG Via Madre Benvenuta) ou 320 (TICEN - TILAG Via Beira Mar) ⇔ Desembarcar no TILAG (Terminal de Integração da Lagoa) ⇔ Tomar o 841 (TILAG - TIRIO) ou 843 (TILAG - TIRIO Via LIC) ⇔ Desembarcar na Rodovia Dr. Antônio Luiz Moura Gonzaga próximo a Pedrita ⇔ Caminhar até Servidão Mar do Leste, 207.

1. grau de independência legítimo que um cidadão, um povo ou uma nação elege como valor supremo, como ideal. 2. POR EXTENSÃO conjunto de direitos reconhecidos ao indivíduo, isoladamente ou em grupo, em face da autoridade política e perante o Estado; poder que tem o cidadão de exercer a sua vontade dentro dos limites que lhe faculta a lei. "liberdade religiosa". 3. condição daquele que não se acha submetido a qualquer força constrangedora física ou moral. "ter liberdade de movimentos". 4. condição daquele que não é cativo ou que não é propriedade de outrem. "pôr em liberdade um prisioneiro". 5. POR EXTENSÃO estado daquilo que está solto, sem qualquer empecilho tolhendo os seus movimentos. "os cabelos voavam em liberdade". 6. POR EXTENSÃO autonomia, independência, soberania. 7. POR EXTENSÃO possibilidade que tem o indivíduo de exprimir-se de acordo com sua vontade, sua consciência, sua natureza. 8. POR EXTENSÃO licença, permissão. "você tem total l. de sair ou ficar". 9. POR EXTENSÃO atitude que revela confiança, familiaridade. "desculpe-me a l. de telefonar-lhe tão tarde". 10. FILOSOFIA capacidade individual de optar com total autonomia, mas dentro dos condicionamentos naturais, por meio da qual o ser humano realiza a sua plena autodeterminação, organizando o mundo que o cerca e satisfazendo suas necessidades materiais. 11. autonomia de que gozam certos grupos sociais; imunidades, franquias. "as liberdades galicanas". 12. maneira petulante, audaciosa de agir. "que liberdades são essas com a sua professora?". independência, autonomia, soberania, emancipação, iniciativa, autodeterminação. SEMELHANTES: permissão, autorização, licença, faculdade, poder, libertação, soltura, livramento, larga, largueza, alforria, manumissão, confiança, familiaridade, intimidade, trela, ousadia, atrevimento, audácia, abuso, petulância, desrespeito, privilégios, direitos, regalias, vantagens, benefícios, imunidades, prerrogativas, franquias, apanágios, folga, descanso, ócio, pausa.

É o que eu procuro.

a rua larga, os paralelepípedos, as galinhas, os cachorros, o cachorro que parece um porco, as grandes casas, os surfistas, os homens bonitos, as crianças, o silêncio, os pássaros, a natureza, a trilha da praia, as dunas, os hippies, o carro dos ovos, o carro do sonho, o carro das frutas, o carro da pamonha, o carro do álcool em gel, o carro do chopp, as câmeras de segurança, os milicianos, os pássaros que não batem as asas, o amor, o frio, o vento, a chuva, o ciclone, o barulho da geladeira, o barulho da torneira da pia, o barulho do chuveiro ligando sozinho, o barulho do mar de madrugada, o céu, os jovens, a amarelinha, o pacová, as suculentas, a espadinha-de-são-jorge, o camarão, o pé de limão, os bolos, os pães, as receitas, o aspirador de pó, a ansiedade, a distância, os remédios



O MUNDO ACABANDO E EU SOFREND POR AMOR

O dia tinha tudo para ser normal. Chove na ilha, não consigo ver o sol, uso o mesmo moletom da MTV há 4 dias. Na TV, o presidente fala mais alguma merda, mil pessoas morrem de Covid-19 no Brasil, criança negra é morta por patroa branca, ator global é demitido após suposta crise financeira na emissora. Bolo no forno e muita louça na pia. Normal.

Logo cedo, minha colega de casa, Lorena, chamou minha atenção para meu horóscopo do mês; eu, muito sagitariano e teimoso, ouvi quase por obrigação enquanto ela traduzia, com certo esforço, as palavras da astróloga Susan Miller do inglês para o português. Entre as informações traduzidas, ela disse que ia acontecer um eclipse lunar em algum momento entre gêmeos e sagitário e que isso significava o fim definitivo de algo que já deveria ter acabado fazia tempo. Fiquei assustado, mas, como sempre, ignorei.

Eu estava deitado no chão da sala até que, por volta de 11 horas, ouvi uma buzina na frente da casa; olhei pela janela e vi o carteiro, que fez um sinal positivo: sim, era o meu apartamento que estava recebendo uma encomenda. Calcei um par de chinelos e fui até ele. Eram dois livros que tinha encomendado, na semana passada, da minha amiga artista-que-escreve Elke Coelho; um era o “Coisas de Iracema”, e o outro era “Outras coisas de Iracema”, ambos escritos, editados, produzidos e abençoados pela Elke.

Subi as escadas correndo e, ansioso que sou, abri imediatamente o pacote. Primeiro peguei “Outras coisas de Iracema” e encontrei nele a seguinte dedicatória, escrita à mão: Gabriel,

que as densidades da vida sejam poeticamente necessárias! Com carinho, Elke. Maio de 2020.³⁵ Achei o texto lindo e ri um pouco do “k” da Elke, que parecia um “b”, e imaginei como seria se ela se chamasse Elbe e não Elke. Depois disso, fiquei pensando quando essa dedicatória faria sentido absoluto para mim; mal sabia que seria tão rápido.

Folhee o livro. Meu celular despertou com um lembrete: “5 de junho - Aniversário João”. Era aniversário dele, meu único-e-ex-namorado, a pessoa que deixei em Londrina para viver o sonho do mestrado em Floripa. Eu sempre fui uma pessoa obcecada por datas comemorativas, desde pequeno; do Dia da Árvore ao Dia do Bibliotecário, passando pelo Dia do Garçom, sempre gostei de saber e fazer os outros saberem de todas. Meu aniversário — dezoito de dezembro, por favor, anote! — é sempre o meu dia favorito no ano; nele me sinto amado e querido, mesmo que somente por 24 horas. Por mais que eu saiba que não é assim, gosto de pensar que o aniversário das pessoas é também uma data sagrada para elas.

O João, meu ex-namorado de Londrina, que na verdade é de Rolândia (sim, esse é o nome da cidade), nunca foi das datas comemorativas; eu me lembro de um aniversário meu, quando éramos amigos, que ele esqueceu e não me deu parabéns! Após eu demonstrar minha tristeza, ele sugeriu que eu tatuasse a data em minha testa para que ninguém mais se esquecesse. Em vez disso, eu tatuei a palavra vazio³⁴ na testa, para que eu não me esquecesse.

Desde esse aniversário que ele esqueceu, eu sempre comemorei exageradamente o aniversário do João por ele, para mostrar que, diferentemente dele, eu não esquecia e me importava. Sim, ridículo, eu sei!

Era aniversário do João. E eu, como sempre, mandei parabéns. E ele agradeceu, com muito carinho, aliás! Aproveitei a situação para conversar um pouco com ele. Conversa vai, conversa vem, até que eu perguntei algo bobo, e ele respondeu com to passando a quarentena com meu amor e os amigos que dividem ap com ele, amanhã é aniversário dele tbm, a gente vai fazer uma festinha mais tarde.³⁵

Aí eu ri e depois chorei. Eu me senti como a Maysa em “Meu mundo caiu”. Ele não só tinha um namorado novo, como tinha um amor novo e estava *quarentenando* com esse amor! Na hora senti uma dor que não sentia havia muito tempo. Não que eu não sentisse mais dor, eu tinha plena consciência de que o mundo estava acabando, mas aquela foi diferente; eu me lembro até agora das fortes pontadas no peito, da

respiração pesada... senti o coração com buraquinhos, tal como as crianças apaixonadas da novela “Chiquititas”, do SBT.

Como assim eu não sou a pessoa com quem ele está se envolvendo? Como assim ele chama outra pessoa de “amor”? Ok, deixa eu tentar explicar, eu estou bem sem ele, inclusive, nem pensava mais nele dessa forma, mas confesso que meu coração egoísta acreditava que, se um dia eu voltasse a Londrina, ele estaria lá me esperando, e, quem sabe, assim, talvez, de alguma forma, nós pudéssemos voltar.

No momento o meu peito dói, e eu estou pegando esse sentimento e criando rituais para um possível processo de cura; o amor cura! Vou transformando o que eu sinto em texto, levando para o meu quarto e dando voltas pela casa, tomando banho com ele, jantando com ele, olhando a chuva com ele, fazendo tudo com ele, e vou fazer tudo isso sem pressa, todos os dias, vou tentar até entender.

Estou aprendendo aos poucos que, sim, o amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar. Meu trecho favorito do Evangelho segundo São João é o que diz: “Aquele que não ama ainda está morto.”³⁶ E é verdade, eu estou aqui, eu estou vivo, eu sinto. Eu tenho pressa de viver e de sentir. Sempre acreditei que pior do que sentir dor é não sentir nada. Sinto a dor, não a ignoro. Sinto até transbordar e vou assim até o fim. Coloco o Spotify para tocar no aleatório, enquanto lavo a louça na pia, e logo de cara vem “Despedida”, da Mc Tha. Fui a um show dela em janeiro, aqui em Floripa, que ficou marcado para mim, e acho que para ela também, pois eu era o único além dela que sabia cantar todas as letras; trocamos alguns olhares bonitos na ocasião. Mas, sobre a música, bem, a Tha canta, como em um prenúncio, que vou me despedir de você, de tudo o que a gente podíamos ser, e assim me despeço de mim, de uma parte de mim que prefere você.³⁷ Ouvindo a música, começo a pensar que o bom de tudo isso ter acontecido é que, agora que sei que ele tem alguém e que não vamos voltar, sinto que posso viver minha vida aqui e, quem sabe, também amar outro alguém.

Depois que isso minimamente passou, voltei aos livros da Elke, mais precisamente ao “Outras coisas de Iracema”, e vi que logo na primeira folha ela diz que Iracema não sabe fazer amor. Ela espera que o amor a faça.³⁸ Não sei se entendi direito, pois nunca li a “Iracema” original, de José Alencar, e tinha começado logo pelas outras coisas dela. Também não sei qual é a ligação disso tudo com a pesquisa, mas sei que em algum

sentido amar é como escrever: viver num estado tão intenso que a precisão e a consciência se tornam cruciais. E isso pode se estender a tudo, é claro. O risco é que esses sentimentos sejam expostos ao ridículo ou à rejeição, & acho que estou compreendendo o risco pela primeira vez: estar totalmente preparada para perder ou aceitar as consequências no caso de uma aposta.³⁹

E isso sou eu: ferida aberta à espera de uma cicatriz.

E, sobre o João, se a gente se encontrar a gente ri e bota a culpa no signo.⁴⁰

NOTAS DE FURTO

33 ELKE. [*Dedicatória*]. Destinatário: Gabriel Augusto de Paula Bonfim. Londrina, 2020. 1 dedicatória em página de livro.

34 LEONILSON, José. [Cheio, vazio]. 1993. Bordado e costura sobre voile e tecido de algodão, 54 x 49 cm.

35 SILVA, João Renato Ferreira da. [*João compartilhando sua felicidade com Gabriel*]. WhatsApp. 5 jun. 2020. 11:40. 1 mensagem de WhatsApp.

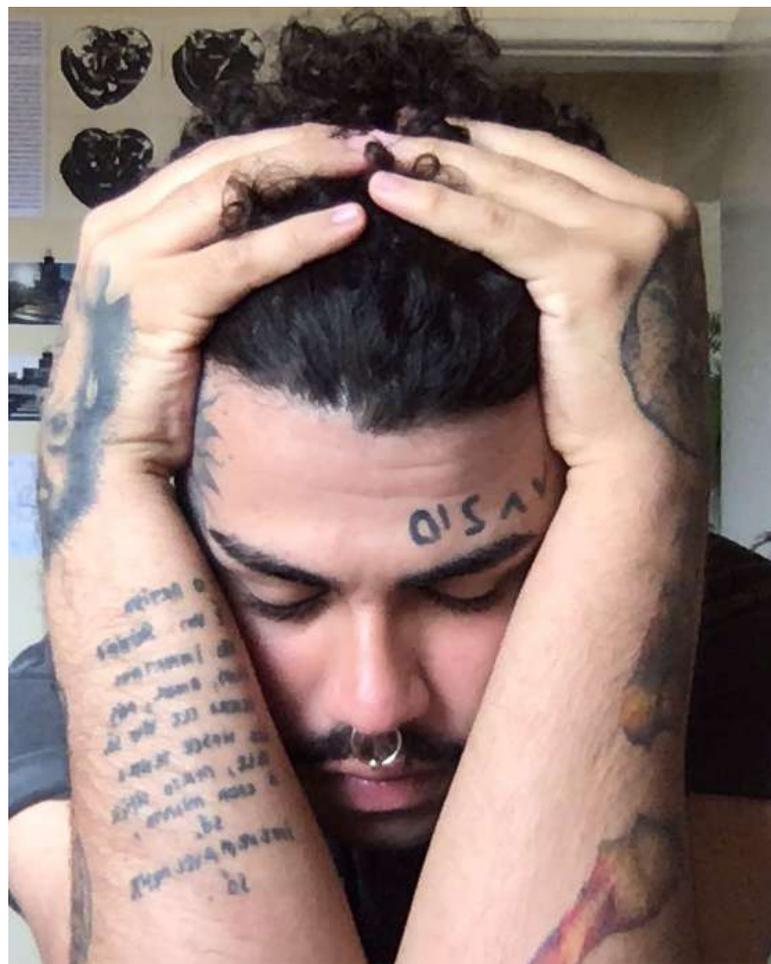
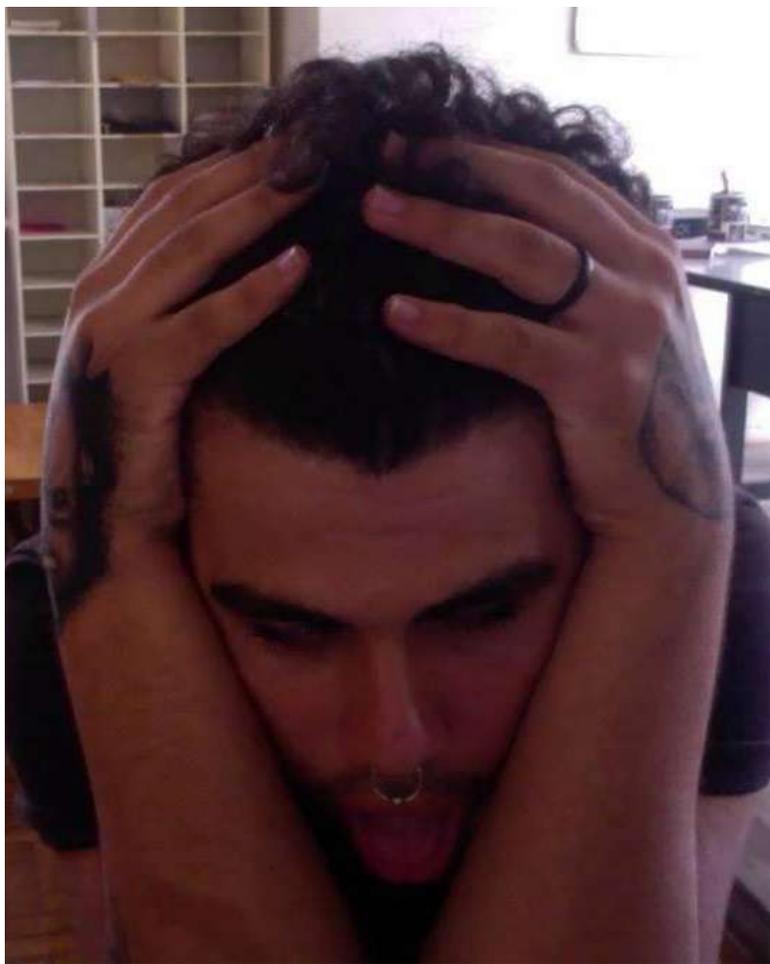
36 HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.) *O livro da saúde das mulheres negras*: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000. p. 23.

37 DESPEDIDA. Intérprete: Mc Tha. Compositora: Thais Dayane da Silva. In: RITO DE PASSÁ. Intérprete: Mc Tha. [S.l.]: Elemess, 2019. Álbum musical em plataforma de *streaming*, faixa 7.

38 COELHO, Elke. *Outras coisas de Iracema*. Londrina: Coelho Coelhos, 2020. n.p.

39 KRAUS, Chris. *Eu amo Dick*. São Paulo: Todavia, 2019. E-book Apple Books, p. 190.

40 DESPEDIDA. Intérprete: Mc Tha. Compositora: Thais Dayane da Silva. In: RITO DE PASSÁ. Intérprete: Mc Tha. [S.l.]: Elemess, 2019. Álbum musical em plataforma de *streaming*, faixa 7.



O MUNDO CONTINUA ACABANDO E EU CONTINUO SOFRENDO POR AMOR

Amigo, vamos por partes. Eu tenho algumas coisas pra dizer pra você, ó! Primeiro: talvez você tenha sido essa pessoa pro João mesmo! O João daqui de Londrina, no caso, né, não sei. Eu penso nele enquanto essa pessoa disposta a arcar com um relacionamento. E eu acho que a escolha de estar num relacionamento é sempre, sem exceção, comprar uma briga das grandes. É escolher lidar com muitas situações, amigo, assim... muitas situações que a vida habitual e sozinha não demanda, sabe? E aí eu acho que entrar num relacionamento é uma instância máxima de disposição. Assim... é toda a sua bagagem de vida se chocando com a bagagem de vida do outro, que é totalmente diferente da sua. E, sim, amigo, talvez naquele momento você tenha sido essa pessoa interessada em outras experiências, outros horizontes, outras coisas, sabe? Enquanto o João daqui de Londrina tava interessado em experienciar um relacionamento e, enfim, pagar todos os preços que isso demanda, você escolheu pelo não. E... agora, nesta situação, você pode ter feito o papel oposto, sabe? Em ser essa pessoa disposta a pagar todos os preços, enquanto o João daí tava, talvez por motivações externas, sei lá, o relacionamento abusivo que ele teve e que você me contou algumas histórias... Enfim, muitos motivos levam uma pessoa a não querer se expor, a não querer pagar o preço que os relacionamentos demandam, sabe? A gente costu-

ma pensar nos relacionamentos como um grande *status*, né, ou, sei lá, é uma espécie de *status* porque faz parte de um ideal de vida perfeita, sabe? Amar e ser amado, romanticamente, são ações que fazem parte duma visão de felicidade que a gente ainda não abriu mão, né? Mas isso é uma idealização coletiva e não começa a ser verdade só porque muita gente acredita. É tipo cloroquina. E toda essa situação não é exatamente a causa de um merecimento, amigo! São só pessoas em momentos diferentes da vida, sabe? Escolhendo conforme desejam, fazendo aquilo que podem. Cê consegue lembrar que o João daqui de Londrina tava, assim, numa outra instância de experiência, né? Ele também tinha acabado de sair da faculdade, ele não tinha um emprego, ele te colocava alguns pesos, ele te fazia algumas cobranças... e você sabe disso melhor do que eu, né? Essa coisa de te pôr como o centro da vida dele te sufocava em algum nível e, enfim, talvez tenha sido a reação de todas as situações juntas, sabe? São situações muito específicas, amigo, e que não tem exatamente a ver com essa situação do João de agora, sabe? É só que você e o João de Londrina não tavam em momentos compatíveis, e você e o João de Floripa também não estão em momentos compatíveis, amigo. Isso não tem a ver com merecimento, com você ter sido uma pessoa ruim pro João daqui ou pro João daí. Não tem nada a ver, sabe? Eu acho, na verdade, que você foi bem sincero com o João daqui. Também aconteceram váááárias situações, né. Lembra daquela talvez-quase-traição naquela festa, que na verdade tava mais pra imaturidade-provocação? Eu acho que você tem que tomar cuidado, amigo, pra não se martirizar a partir desse pensamento de “ai, eu mereço sofrer porque eu fiz o João sofrer, daí eu estou reproduzindo alguma coisa e estou sofrendo, ai, ai, como soffro”. Não, sabe, amigo, não! Só... Os relacionamentos são essa bagunça mesmo, sabe? E parece que... Bom, eu, como uma pessoa solteira e um pouco desacreditada nos relacionamentos, às vezes enxergo que é muito... às vezes acho que é quase impossível, sabe? Você achar uma pessoa que tá no mesmo momento que o seu e que te dê tesão e que te dê amor, sabe? Que te gere admiração, que te admire, e, enfim, todos esses pilares dos relacionamentos são realmente muito específicos. Assim, tem que ser realmente muito específico pra funcionar! Às vezes eu penso isso. Não sei se isso é muito otimista, não sei se esse pensamento vai te ajudar agora. O que eu quero dizer é: não se culpe pela situação com o João daqui, não relacione isso com a situação do João daí, sabe? São situações completamente diferentes. E, sim, amigo, as situações têm isso em comum,

sabe, são dois joãos e são pessoas em momentos diferentes. Você agora tá no momento de querer um relacionamento, e o João daí não tá. E antigamente o João daqui queria, e você tava com a cabeça em outro lugar, né? Acontece! Ah, outra coisa que eu queria dizer, amigo, é que eu achei já meio estranho... num falei isso na hora, né, mas eu achei meio estranho você ter... ah, sei lá, baixado o Tinder e falado “ah, eu vou meter o louco”, sabe? E saído com outra pessoa e aí ter me mandado aquelas fotos daquele cara e tal. Isso pode totalmente fazer parte da sua escolha, né, do que você escolhe viver pra agora e dos meios que você utiliza pra se esquecer do João. Mas eu acho que você tem que tomar cuidado, amigo. Não sei se tomar cuidado é o termo certo, mas só repensar o que que você tá procurando, sabe, no Tinder? Tomar cuidado no sentido de saber se você tá realmente procurando conhecer novas pessoas ou tá com o intuito de esquecer o João, substituir o João, procurando um outro João, ou uma instância de carinho que você tinha com João pra... enfim, você entendeu, procurar o esquecimento a partir dessas coisas, sabe? Porque eu não sei se isso é exatamente sensato ou se é a melhor escolha. Sei lá, a gente tem essa crença, né, de que a superação, ela vem a partir do momento que você conhece outra pessoa. Não sei bem se superação é a palavra certa, né, talvez... é... elaboração? Mas tô dizendo dessa crença de que estar bem é sinônimo de estar com outras pessoas. Tanto que eu acho que essa afetação que você teve por ver o João flertando com uma outra pessoa te deu um pouco disso, né, assim: “caralho, ele tá feliz, mano, porque ele tá com outra pessoa, sabe? E eu tô mal, tentando esquecer, e aí a gente tá em lugares diferentes, e eu não queria estar sentindo isso, que merda, que merda, que merda!!!”. Eu não sei se eu compactuo com esse tipo de pensamento, sabe? De que esquecer tá relacionado com ver e estar com outras pessoas. Eu nem sei se em algum momento a gente esquece, amigo. A gente, no máximo, reprime. Porque às vezes é só um tipo de válvula de escape, sabe? Cê começa a sair com outras pessoas procurando alguém que se pareça minimamente com a pessoa com quem você se relacionava, ou alguém que forneça os tipos de carinho que você tava acostumado a ter e agora não tem mais, sabe? Eu não sei exatamente se é por esse caminho. Acho que pode ser da sua escolha, contanto que ela seja consciente. Mas eu, de longe, assim, acho que talvez se enfiar em novas situações, sabendo que você acabou de sair de um relacionamento que pra você foi tão intenso, né, que pra você foi tão forte assim, não foi qualquer coisa, eu sei, amigo. Eu via você falando,

sabe? Planejando coisas... Enfim, eu queria dizer alguma coisa aqui que pudesse magicamente tirar toda essa sua saudade, todo esse sentimento ruim que você tá tendo, toda essa dor, sabe? Essas lembranças... Mas, amigo, terminar é isso. Terminar é um tipo de luto, você vai ter que se acostumar completamente a viver sem uma pessoa que você estava acostumado e que você queria viver com, né? Eu acho que sentir isso tudo, esse turbilhão de sensações, faz parte de entender, sabe? Compreender, aceitar que vocês estavam em momentos diferentes de fato, que o João não tinha, talvez, maturidade pra continuar nesse relacionamento. Tanto que ele voltou atrás várias vezes, né, teve vários pequenos términos nesse percurso. Então eu não sei exatamente pra onde isso iria se não terminasse agora, sabe, se ele insistisse... Eu acho que o João foi sincero com as sensações que ele estava tendo, com os sentimentos que ele tava tendo. Essa incerteza de estar num relacionamento, e esse receio, esse medo de colocar em jogo talvez fosse um fator, sei lá. Ele também tava vendo que isso não te fazia exatamente bem, essas dúvidas dele também te colocavam num lugar estranho. A minha única ressalva é que ele foi um filho da puta em fazer isso por mensagem, sabe? E eu entendo, amigo, eu acho que você tem muitas coisas engasgadas que você gostaria de ter dito pra ele pessoalmente, mas que não aconteceu, sabe? Às vezes é até um pouco libertador pensar que o João é essa pessoa covarde, que não deu um fim digno pra essa relação. Porque, sei lá, eu não sei pra onde que esse relacionamento iria, amigo, se ele é uma pessoa capaz de fazer isso, sei lá, sabe? Foi realmente covarde da parte dele. E eu espero que as coisas que você gostaria de dizer pra ele não estejam relacionadas com convencimento, sabe? Eu espero que não seja “ah, mas se eu tivesse conversando com ele pessoalmente eu poderia convencer ele de que esse relacionamento pode dar certo e tal”, porque eu acho que não é assim que as relações se dão, sabe? Tem que ter um encaixe muito específico e vontades compatíveis pra coisa funcionar. Ainda que o João fosse incrível pra você e você gostasse muito dele, num era o momento, sabe? É bem clichê, tipo aquelas frases de efeito do Facebook, mas que são totalmente verdade. E, amigo, eu acho que é isso. Peço perdão pela Bíblia em MP3, te mandei quase que um podcast aqui, né? E... por favor, não se culpe por nada, sabe, do que aconteceu com o João daqui e o João daí, por favor, não ache que isso foi responsabilidade sua ou que, sei lá, que foi SÓ responsabilidade sua, ou que você não tenha dado, não tenha demonstrado o que você queria, e talvez uma conversa pessoalmente demons-

trasse essa vontade sua de continuar, porque também uma relação não pode ser sustentada só por uma das partes, cê sabe disso! E, amigo, de resto, é só viver essa bucha aí. Não vai ser legal, não vai ser daora, vai doer pra caralho. Se eu tivesse um conselho, levando em consideração a minha experiência, que não é muita, né, eu não... não sou um exemplo muito razoável no campo do romance, mas o conselho é que você não meta o louco, sabe? Não saia com mil pessoas, sabe? Espera essa coisa passar, espera esse luto passar, porque às vezes eu vejo você falando ou retomando coisas do João daqui de Londrina que me fazem pensar aqui: “poxa, parece que o Bonfim não viveu esse luto, sabe?”. Às vezes meter o louco e sair com muitas pessoas e fingir que não aconteceu é meio que deixar as coisas mal finalizadas. Tipo, a gente sabe que deu merda, mas não entendeu exatamente por que deu merda, e daí só fingiu que não aconteceu e continua vivendo outras coisas, sabe? Eu acho que finalizar as coisas de fato tem muito a ver com digerir elas, sabe? Isso tudo numa temporalidade que é totalmente nossa, pra repensar mil vezes a forma com que a gente agiu, saber o que foi erro nosso e o que foi erro do outro, discernir essas coisas com um pouco mais de certeza, sabe? Deixar assentar demanda tempo, amigo, demanda esforço, demanda dor, demanda chororô. Não tô te dando palavras muito otimistas, mas é um pouco disso, sabe, amigo? E acima de todas essas coisas: isso vai passar! Isso é só um dos seus primeiros amores, tenha isso em mente. A vida é gigante. Eu tenho certeza de que você vai chorar muito por muita gente ainda. E tenta se acalmar, amigo, só não se desespere, sabe? Vai ficar tudo bem. Tô parecendo aquela sua ex-psicóloga *coach*, né? Falando “não, vai ficar tudo bem, Gabriel”, mas vai, amigo, eu prometo, não é uma mentira *coach*.⁴¹

NOTAS DE FURTO

⁴¹ SILVA, Juliana Camila da. [Juliana levemente bêbada consolando o choro de Gabriel por mais um término com outro João]. WhatsApp. 17 out. 2020. 19:52. 20 mensagens de áudio de WhatsApp.

O QUARTO DO FIM DO MUNDO

Cara, que saco, né? Eu acordei aqui e tava pensando... de que adianta morar no litoral, em uma ilha, se faz frio 80% do ano? Diferentemente de outros dias, hoje abriu um solzinho aqui, e o dia até que tá bonito, mas ainda frio. Sol e 22 graus, eu acho uma bosta. Escovei os dentes, peguei dois livros — “meus desacontecimentos”, de Eliane Brum, e “Minha Madrid”, de Pedro Franz —, boleei um beck, peguei uma garrafa de água, peguei meu par de chinelos, coloquei a máscara que mamãe fez e mandou de Londrina pra mim e saí de casa. Passei no mercadinho da esquina, que tem o nome mais engraçado possível, um não sei quê minimarket (sempre dou risada porque não é um mercadinho, é um minimarket; a diferença eu não sei, só sei que fica ridículo). Bem, entrei lá e comprei um maço de Winston vermelho, que atrás tinha um aviso pra parar de fumar que dizia “VOCÊ BROCHA / ESTE PRODUTO CAUSA IMPOTÊNCIA SEXUAL”. Fiquei pensando... Ah, e comprei também uma água de coco — começo de mês, a bolsa caiu, sabe como é, né? Já equipado com tudo que precisava, fui até a Lagoinha Pequena (por favor, não confundir com Lagoinha do Leste ou Lagoinha do Norte). Eu moro ao lado dela, a uns 10 minutinhos a pé, num passo gostoso, tranquilo e sem pressa. Gosto muito da Lagoinha, pois ela me lembra dois dos meus lugares favoritos na Ilha a que deixei de ir desde que a pandemia começou: a Lagoa do Peri e a Praia da Daniela. Gosto desses lugares porque eles são calmos, tranquilos (frequentados por crianças, idosos e animais) e porque eu não sei nadar! Não, eu não sei nadar, e todo mundo me zoa por isso aqui; sempre que eu falo que não sei nadar, ouço risadas e vozes exageradas: “COMO ASSIM VOCÊ NÃO SABE NADAR?”. Eu não sei como não sei, só sei que não sei; talvez seja porque nasci no interior do Paraná, no sertão do Tibagi, longe de rio e de mar; é, talvez seja. Lembro uma vez que me

afoguei no Oceano Atlântico; foi um segundo afogamento, já que o primeiro foi ainda na barriga da minha mãe, em dezembro de 1996, e esse outro foi em dezembro de 2015, em Ipanema, no Rio de Janeiro; foi horrível. Aconteceu durante uma viagem acadêmica da UEL, quando algumas amigas e eu decidimos furar o último dia de programação oficial (deixei de conhecer o Parque Lage para dar essa escapada) e passar um último dia no mar, na véspera do meu aniversário de 19 anos; pegamos o ônibus errado, tivemos que andar de Copacabana até Ipanema, quase fomos assaltados no caminho; quando chegamos à praia, Thais ficou na areia tomando sol, e Katha, Bianca e eu entramos na água; pegamos uma corrente de retorno (eu nem sabia o que era uma corrente de retorno até então), e as meninas sabiam nadar, mas eu não, então afundei igual uma pilha; no começo, lembro que me desesperei, mas depois fiquei calmo, observei o fundo do mar e aceitei a morte; eu estava em paz, poderia tranquilamente ter morrido naquele momento; estava tudo bem até que alguém me enforcou e começou a me xingar: “FILHA DA PUULTA! DIXXXGRAÇADO!! CUZÃO DO CARALHO!!!” Lembro que fiquei de cara, e a raiva me tirou a sensação de paz que era a morte iminente: era o salva-vidas brigando comigo; depois, ele explicou que me xingou pra chamar minha atenção, porque eu já tava meio inconsciente; ele me arrastou pra fora do mar e a praia inteira aplaudiu, morri de vergonha; encontramos Thais na areia e ela disse algo como “nossa, gente, acho que alguém se afogou, ouvi uns barulhos aqui!”; eu fiquei quieto e mantive isso em segredo dos outros amigos da faculdade até o final da minha graduação, em janeiro de 2019; tenho um certo medo do mar desde então, só fico no raso e não deixo a água passar da minha cintura. Mas, voltando, a Praia da Daniela, não sei como se chama ou se explica isso, mas o mar da Daniela fica entre a ilha e o continente, então as águas não têm ondas e são mais quentinhas; sinto-me seguro lá. Li esses tempos, em algum lugar, que, com a subida do nível do mar, a Praia da Daniela vai deixar de existir até 2050. Já a Lagoa do Peri é um dos lugares mais gostosos do mundo, parece um paraíso escondido: água doce, quente, rasa, sem onda, sem vento, com peixinhos... é tudo de bom! Gosto de uma história, que ouvi algumas vezes, de que o nome “Lagoa do Peri” é por causa do autor de “O Pequeno Príncipe”, Antoine de Saint-Exupéry; parece que ele vinha para a Ilha de avião e pousava entre o Campeche e a Lagoa, então, de tanto ele pousar, os nativos falavam “ah, a lagoa do Pery”; se é

verdade, eu não sei, acho que não, porque esses tempos pesquisei na internet e lá dizia que o nome era por causa de uma planta estranha que tem ali pelas bordas. A Lagoa do Peri serve como um dos principais meios de abastecimento de água do sul da Ilha e passa metade do ano ameaçada pela falta de chuva; todo ano a seca piora, e a Lagoa diminui, e penso que ela também vai deixar de existir em breve. Já a Lagoinha Pequena é tipo uma mini Lagoa do Peri: água doce, mais ou menos quente, rasa e sem onda, porém com um pouco de vento. Gosto muito do nome; a junção de “lagoinha” com “pequena” é de uma redundância absurda, acho fantástico! Às vezes dou risada sozinho, imaginando que ela poderia se chamar Lagoinha Pequeninha. A maioria dos nomes dos bairros aqui da Ilha segue uma lógica do altamente óbvio: tem a Lagoa, daí tem a Barra da Lagoa, daí tem o Canto da Lagoa, daí tem a Costa da Lagoa, e não se pode esquecer do Porto da Lagoa e das Dunas da Lagoa... Por mais engraçado que seja, acho inteligente nomear o que se vê como se vê! Enfim, cheguei na Lagoinha, procurei um lugar vazio e estiquei minha canga; estava pronto pra rosnar a quem se aproximasse muito de mim, pois tinha muito lugar vazio (tranquilo para respeitar o distanciamento social). Comecei a ler o “Minha Madrid”, de Pedro Franz; ganhei esse livro da Regina faz uns dias, ela disse que seria bacana eu ler. Postei uma foto de uma página nos *stories* do Instagram; penso nos *stories* como um grande ensaio visual contemporâneo, crio ensaios diferentes todos os dias. Talvez isso seja um trabalho, né? Acho que sim, depois penso nisso. Nessa página que postei, o Pedro dizia que chegou na caixinha do correio um postal sem remetente. Tinha a imagem de uma estátua de um elefante (ou talvez um mamute) com presas enormes, no meio de um jardim. Na parte de trás, vinha escrito, em caneta azul, uma frase de uma música do El Guincho que eu escutava há alguns anos: quero que me recuerdes como las primeiras veces. Não consegui imaginar quem poderia ter mandado. Subi as escadas, deitei na cama com o notebook no colo e fiquei vendo, várias vezes seguidas, o clipe no youtube.¹⁴ Assim que postei a foto, Marcos (nome fantasia) respondeu com um tudo pra mim,¹⁵ e eu repliquei com um “tô amando”, e ele disse é um dos últimos que li que mais gostei,¹⁶ e eu disse “ele escreve bem gostosinho, né? dá vontade de escrever gostosinho também”, e Marcos disse sim, super. escreve igual desenha, lindamente,¹⁷ e eu disse “não conheço os desenhos dele”, e Marcos respondeu ele é bem famoso no brasil. nas histórias em quadrinhos. não gosto muito de hq, mas

gosto muito das hq dele,¹⁸ e eu disse “boa, vou dar uma pesquisada”. A conversa acabou ali e eu ainda não pesquisei sobre o trabalho do Pedro Franz, talvez eu nem pesquise. Continuei lendo o livro, devorando; nem parecia que eu estava lendo, e sim conversando com ele, até que cheguei a uma grande citação a Alejandro Zambra, dentro do livro, em que ele dizia que o escritor não entendia por que ela estava contando tudo isso, como se não soubesse — e talvez não soubesse mesmo, embora naquele tempo já quisesse ser escritor, e um escritor deveria sabê-lo — que é desse jeito que as pessoas se conhecem, contando coisas que não se contam, despejando palavras alegremente, irresponsavelmente, até chegar a territórios perigosos, a lugares em que as palavras precisam do verniz do silêncio.¹⁹ Fiquei em choque quando li isso. Primeiro, pensei nesse verniz do silêncio... acho que eu preciso dele de alguma forma; depois, pensei em como deve ser bacana saber usar travessão no texto, acho uma coisa linda! Sempre quis usar, mas sempre me sinto ridículo usando. Saiba que, se por acaso você já leu algum texto meu com travessão, é porque ele passou por revisão e o revisor achou melhor usar, já que eu realmente não sei como usar. Inclusive, se você que está lendo este texto encontrar algum travessão por aqui, saiba que é porque ele também foi revisado; e, se você estiver revisando este texto pra mim, por favor, coloque travessões — como eu disse, acho chique! Tenho um problema grave com acentuação e pontuação e um problema mais grave ainda com matemática. Lembro, como se fosse hoje, de chorar pra professora Kátia Garcia, na 6ª série, por não entender a fórmula de Bhaskara; sério, ela não fazia (e não faz) o menor sentindo pra mim. Eu chorei pra professora, implorando que ela me passasse mais tarefas pra que eu pudesse entender aquilo; ela passou diversos exercícios e tentou exaustivamente me ajudar, mas não funcionou, e até hoje eu não entendo a fórmula. Não sei nem regra de 3, e, por favor, não tente me ensinar, porque eu não vou entender e acho que nem quero, desculpa. Acho muito engraçado que, antes de entrar no curso de Artes Visuais, fiz um semestre completo de Administração na UEL e peguei uma dependência (em economia, óbvio!). Era a minha primeira DP na vida até então, e eu não entendia nada. Fiz uma prova e tirei 0,2, o que não me dava direito nem a exame, pois a nota era extremamente baixa, mas o professor foi “bonzinho” comigo e me deixou fazer o exame; ele aplicou exatamente a mesma prova de antes, e eu tirei exatamente o mesmo 0,2 de antes; acho que ele me deu aquela nota por eu ter escrito meu nome certo

no papel, porque essa era a única coisa que eu sabia. Um outro episódio de quando eu cursava ADM também me marcou muito. Foi em uma aula de fundamentos da administração, a matéria mais tosca do mundo (porque nela tudo é muito simples e bobo), quando o professor fez algumas perguntas “polêmicas”, segundo ele, tipo: direita ou esquerda? Concorda com o casamento homoafetivo? O que acha da política brasileira de cotas? E sobre o bolsa família? E sobre o aborto? As respostas eram anônimas, e no final ele produziria gráficos no Excel a partir delas para nos ensinar como era fácil e estúpido. O resultado foi o mais assustador possível: uns 90% da minha turma de 40 alunos eram de direita, não concordavam com o casamento gay e eram contra a política de cotas e o bolsa família, além de outros absurdos; lembro que me senti pessoalmente atacado, porque eu era abertamente de esquerda, gay, cotista de escola pública e beneficiário do bolsa família; só naquele momento entendi que ali, com aquelas pessoas, não era o meu lugar, então saí de férias e nunca mais voltei para o curso, nem pra trancar a matrícula. Depois disso, conheci pessoas, conversei, fiz amigos e tentei outro vestibular, desta vez para Artes Visuais e, bem, estou aqui, né? Mas, voltando ao texto do Alejandro Zambra, tirei uma foto da página e enviei para o Nicolas; pensei que ele gostaria do escrito, já que ele também escreve e escreve muito bem. Nicolas e eu temos uma história conturbada, mas interessante! Ele foi um dos meus primeiros amorzinhos da vida ilhéu; conheci ele pelo Tinder, e no mesmo dia marcamos de nos encontrar e tomar um vinho; ele estuda na UFSC, e na época eu morava na Trindade, perto da UFSC; fomos na praça do Pida, que é um *point* de rolê ali do lado da universidade. Conversamos e fumamos bastante; não lembro quem levou o vinho, acho que foi ele; o vinho era de rolha, e nenhum de nós tinha saca-rolhas ali, então, em uma manobra com segundas intenções, convidei ele para ir a minha casa, já que eu tinha um belíssimo saca-rolhas lá; ele aceitou, e fomos, conversamos, bebemos, beijamos, transamos e ficamos nessa um bom tempo, alguns meses na verdade, e passamos até a virada do ano de 2019 para 2020 juntos, eu, ele, dois amigos dele e a Thais, que veio de Londrina passar a virada comigo, lá na Praia do Sambaqui; lembro de bater na porta do Coletivo Elza, de madrugada, e assustar a Ju Crispe pedindo açúcar para fazer uma caipirinha, e ela achou graça e me deu. No geral essa virada foi horrível; a bebida esquentou, tinha barulho demais, a areia era extremamente grossa e nos machucou, eu cortei

a mão, ficamos de babá de 3 gurus menores de idade que encontramos bêbados na praia; loucura e caos! Pra piorar, na hora da virada, fogos de artifício no céu, a ponte iluminada lá longe, estourando frisante e pulando 7 ondinhas, eu olhei pra ele e disse “EU TE AMO!”, e ele não respondeu nada! Uns 30 minutos depois, ele chegou em mim, enquanto a gente mijava num cantinho, e cantou um trecho de “Norman fucking Rockwell”, da Lana Del Rey, que o fazia pensar em mim: *Why wait for the best when I could have you?*²⁰. Assim o ano virou, continuamos ficando, rolês e mais rolês. Fui a casa dele em Biguaçu, ele cozinhou pra mim — acho que foi macarrão ao molho branco —, e fiquei impressionado pela quantidade de cafeteiras que ele tinha em casa, acho que eram umas 15; perdi meu guarda-chuva favorito no ônibus da Biguaçu Transportes Coletivos, mas foi bom cruzar a ponte; às vezes me sinto realmente ilhado aqui na Ilha, parece que a vida no continente é muito distante, como se fosse outro mundo. Ainda naquele dia, ele me levou para o pico favorito dele em Biguá, uma praia bem lixosa e nojenta, um esgoto a céu aberto; o engraçado foi que a vista dessa praia dava direto pra Daniela, assim como a janela do quarto dele, que dava pra essa parte do mar. Eu pensei que estava apaixonado pelo Nicolas, e talvez eu estivesse mesmo, mas daí ele quis terminar, e a gente terminou, e depois ele quis voltar no meio do carnaval, e eu não quis, e no meio disso ele escreveu sobre mim em um blog que ele mantém e lá chamou o meu amor por ele de “amor fascista”, e hoje isso virou uma piada nossa, mas na época doeu bastante. Nicolas e eu somos amigos, vira e mexe a gente conversa, e ele sempre demonstra muito interesse no que estou pesquisando e produzindo e escrevendo e lendo, e eu gosto disso. Gosto de ser gostado. O Nicolas respondeu o texto de Alejandro Zambra citado por Pedro Franz dizendo aí, fiquei balançado. o humor de hoje tá 100% verniz do silêncio. como tem estado o teu projeto de falar para se salvar?²¹, e eu respondi “vai muito mal, quer dizer... vai bem, pois ando falando. mas as consequências disso não são tão boas. fico pensando que talvez seria melhor continuar no silêncio. semana passada ouvi ‘se você não confiar em mim, vai confiar em quem?’, e, bobo que sou, fui lá e falei, e daí, como resposta, ouvi que tava tudo bem, que tava tudo certo, que falar é bom. cinco dias depois, vi tudo o que eu tinha falado sendo usado contra mim, foda!”, e ele respondeu entendendo, se tem uma coisa que eu entendo, aliás é de falar demais. mas essa sensação, acho que é bem normal e bem real, falar é se expor, ficar vulnerável e

etc. é o risco que se corre, porém é de uma coragem enorme. mas isso que cê tá contando, parece ter sido uma situação bem específica, certo?²². Eu desconversei um pouco a partir daí, mas meio que contei pro Nicolas o que tinha rolado e eu nem sei se quero falar disso aqui, pois ainda é recente demais... Cara, acontece que eu sou um apaixonado, um encantado, um emocionado, sacas? E eu não acho que ser essa pessoa seja algo ruim, essa paixão é o que me guia e me leva para os lugares, mas essa paixão também me fode muito, e não de um jeito bom; eu sempre me entrego demais, sempre ofereço muito e, na maioria das vezes, recebo muito pouco ou quase nada de volta. O bom é que eu me mantenho sempre inspirado pra continuar produzindo, mas o foda é que é quase sempre na base da tristeza; lembro sempre de um discurso da Meryl Streep em que ela citou a Carrie Fisher e disse *take your broken heart, make it into art.*²³ Que bosta, né? Mas acho que é meio por aí. Sobre o meu *broken heart* da vez, o que aconteceu foi que eu estava com um boyzinho aí, a gente estava junto fazia uns 3 meses, e foi muito intenso, muito intenso mesmo, intenso demais, um dos amores mais intensos que já vivi. Acho que o mais engraçado nessa história é que ele se chama João; sim, o mesmo nome do meu ex de Londrina, que também se chama João, e também o nome do menino por quem eu me apaixonei e com quem vivi um romance por uma semana em Brasília, que também é João, e parecido com o nome do menino com quem fiquei um tempo aqui em Floripa, depois do Nicolas, que é Joab e faz o melhor sexo do mundo (se você estiver lendo isso, Joab, me liga!). No meio de tudo isso, cheguei a me confundir entre amor e João, pensei por alguns momentos que só poderia amar alguém que tivesse esse nome. Que besteira, né? Enfim, esse João aí, o último João até o momento — meus amigos o chamavam de João 2, o que eu nunca deixei ele saber —, nós ficamos por 3 meses e falávamos sempre sobre futuro, casamento, ter uma casa com ilha na cozinha, criar filhos, morar fora do país, dar aula na mesma universidade e todas essas coisas apaixonadas e apaixonantes. Eu acreditei e falei também. Mas teve uma hora em que ele decidiu que não e acabou comigo, tudo por mensagem de texto. Acabou, e eu não quero falar disso, chega. Nicolas me respondeu algumas coisas, falou sobre uma certa amargura que envolve a gente nesses processos de término e de um medo dele, de se perder no caminho e de perder inocências e tolices confortáveis. Eu também disse algo sobre como a gente vai ficando velho e chato e sobre como esse

processo é meio que inevitável, já que tudo na vida é uma repetição; e que a gente vai projetando as situações que já vivemos nas nossas experiências novas, porque temos medo de nos machucar como no passado outra vez. Fiquei pensando na música que o Pedro Franz ouvia, então me deitei com o notebook no colo e fui ouvir também, quero que me recuerdes como las primeiras veces²⁴... Como parece impossível agora. Por fim, o Nicolas disse que falar por falar não salva ninguém²⁵, e fiquei imaginando qual resposta Clarice Lispector daria a ele — eu amaria assistir à discussão, já que amo uma briga. Fiz um chá de camomila, tomei meu remédio, Donaren 100 miligramas, fumei um e dormi. Acordei e comecei a pensar em escrita e no que eu tinha escrito aqui. Fiquei pensando nisso, de ir escrevendo sem pensar em escrever, mas ao mesmo tempo pensando bastante em tudo, nos fluxos de consciência, em Virginia Woolf, Hilda Hilst e Clarice Lispector. Pensei também na voz do texto; sempre que escrevo, penso em quem vai ler e me lembro da Marília Garcia, que disse uma vez que talvez existam duas vozes: uma voz é a que lê ao vivo: ela contém ondas, espécie de viva-voz que eu ligo no presente. e a outra voz é esta aqui: a voz do texto²⁶. E se pergunta como fazer para a voz do texto coincidir com a voz ao vivo?²⁷ Comecei a rir pensando nessa pergunta, pois, sempre que escrevo, ouço o texto sendo lido, na minha cabeça, com diferentes vozes; intercalo entre a minha voz, a do Pedro Bial, a da Laurinha Lero e a do Cid Moreira. Minha cabeça é uma cacofonia, assim como minha escrita; vou escrevendo como posso e como sei. Pode parecer estranho, mas escrevo para ser lido e ouvido; este texto, pedaço de mim, eu, ele, nós temos e tenho urgência para ser lido e ouvido. Por favor, leia-me como pode e como sabe, não quero nada além disso. Penso que o personagem leitor é um personagem curioso, estranho. Ao mesmo tempo que inteiramente individual e com reações próprias, é tão terrivelmente ligado ao escritor que na verdade ele, o leitor, é o escritor.²⁸ Não sou desses que escreve e guarda — eu mantenho uma conta no Twitter já faz 10 anos e tenho mais de 107 mil publicações no site, acabei de checar aqui! Penso, escrevo e falo muito! Sonho em um dia publicar todos os meus tweets em um livro. Será que alguém leria? Eu, com certeza não. Sempre fui de me expor, sempre fiz tudo às claras; inclusive, meu TCC da graduação se chama “Corpo exposto não manda recado” porque me exponho e me arrisco²⁹; eu sou assim e não tenho como mudar. Minha terapeuta disse que eu tenho uma força de ego muito presente, vou perguntar na

próxima sessão o que ela quis dizer com isso (não consegui perguntar na última, pois estava ocupado demais chorando, mais uma vez, falando sobre meu pai). Sobre datas: ontem foi Dia do Professor, e eu sou licenciado em Artes Visuais; sim, é isso mesmo, sou professor! Às vezes me esqueço disso; como emendei a graduação e o mestrado, não tive tempo de assimilar a informação e me aventurar no mercado de trabalho; quer dizer, não como professor, pois minha carteira de trabalho tem registros do setor de serviços e varejo desde os meus 14 anos de idade: já trabalhei como auxiliar administrativo, mensageiro de hotel, auditor de shopping, garçom, monitor de brinquedos de festa infantil, fotógrafo, designer, capinador de lote, etc. Quinze de outubro, data bonita, mas vazia de significado; fiquei procurando motivos para comemorar e não encontrei. Estava navegando no LinkedIn — coloquei na cabeça que quero trabalhar como professor para complementar a bolsa de pesquisa da CAPES e me preparar financeiramente para quando ela acabar, o que acontecerá em breve — e encontrei uma vaga que pagava R\$ 250 por mês durante 2 meses de experiência... feliz Dia do Professor! Ultimamente eu não sei bem o que estou fazendo, pois a pandemia da Covid-19 tirou todas as minhas certezas (não que eu tivesse muitas, mas antes as coisas faziam algum tipo de sentido). Eu, Gabriel, 23, estava morando em Florianópolis por causa do mestrado, pesquisando a rua, pesquisando a cidade, pesquisando os deslocamentos, andando, criando e aprontando por aí. Eu ainda me chamo Gabriel, ainda tenho 23, ainda moro em Florianópolis por causa do mestrado (se bem que não tenho mais certeza de que quero continuar morando aqui), mas a pesquisa, putz! Parece que mudou tudo; a rua, a cidade e os deslocamentos mudaram completamente, tudo o que eu sabia sobre a cidade e seu uso desapareceu! Lembro de me sentir assim ano passado, quando fui a Brasília e não sabia nem atravessar uma rua, pois a logística da cidade é toda diferente. Parece que agora todos os lugares são imensas Brasília, mas ruins, pois eu tinha amado essa sensação brasileira. Tinha amado não saber mais como funcionava uma esquina, ter que pensar pra entender e racionalizar o Plano Piloto. Eu vivi um pequeno romance em Brasília: ele, João, candango e comunicólogo em formação, cabelos negros e cacheados, sorriso bobo, pele elástica, dançarino de vogue e sem sotaque algum, assim como todos os outros brasilienses. Lembro de bagunçar com ele sobre isso enquanto ele me chamava de “manezinho pé vermelho”, que é a junção dos

gentílicos de Floripa e Londrina; talvez esse seja o melhor gentílico para mim no momento, já que meu sotaque e minha identidade andam esquizofrênicos. Passei uma semana em Brasília, uma semana com o João; ele me apresentou e falou sobre as quadras, as superquadras, os setores, o Eixo Monumental, as tesourinhas, o afeto, o cuidado e o sexo. Lembro que, certo dia, perguntei quais eram os pratos típicos da cidade, e ele respondeu “PASTEL E PIZZA”. Ri muito e só depois entendi. Aquela cidade é assim, foi feita para ser assim; não tem comida típica e não tem sotaque, e é isso. Brasília é o que se vê: cidade imensa, importante e de história recente. Brasília ainda não tem o homem de Brasília. — Se eu dissesse que Brasília é bonita, veriam imediatamente que gostei da cidade. Mas se digo que Brasília é a imagem de minha insônia, veem nisso uma acusação; mas a minha insônia não é bonita nem feia — minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto. Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil; eles ergueram o espanto deles, e deixaram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério. — Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília.⁵⁰ Me apaixonei pelo João e me apaixonei por Brasília; eu voltei pra Ilha e ele ficou lá; ele sonha em sair do DF e eu sonho em me mudar pra lá. Hoje, toda vez que saio de casa, meu peito dói (dor física, de verdade), coloco a máscara, passo álcool em gel, lavo as mãos, me esforço pra não coçar os olhos, me polício o tempo todo, vejo amigos e cumprimento de longe; não abraço mais as pessoas, não converso mais na rua, não fumo mais um cigarro despretensiosamente em qualquer esquina, não fico de rolê o tempo todo, não beijo mais estranhos por aí; fico em casa, trancado em casa, vivendo em casa. Minha pesquisa foi mudando à força, sendo obrigada a mudar, como se ela também tivesse sido contaminada pelo coronavírus, ficado doente e feito quarentena; se antes eu escrevia sobre a sensação de estar, viver e compartilhar a e na rua, a e na cidade, hoje escrevo sobre a casa; voltei todos os meus olhares e atenções pra dentro, mas pensando muito sobre o lado de fora e querendo muito o lado de fora. Escrevo sobre a casa querendo compartilhar esse espaço, torcendo para que as pessoas se reconheçam nessas palavras ou que as desconheçam, para que esses textos reverberem algo sobre espaço, lugar, pertencimento, afeto e memória em alguém. Toda essa mudança mexeu demais comigo, tanto que, neste ano, em 2020, como medida extrema após diversas crises de ansiedade, resolvi procurar ajuda profissional; avisei alguns amigos e familiares,

pedi socorro mesmo! Falei “EI, NÃO TÁ DANDO MAIS, ME AJUDA, PORQUE EU TÔ MAL!!!”. E, como sempre, recebi ajuda, conversas e mais conversas, dinheiro emprestado, ligações no Google Meet, Jitsi Meet, Zoom, WhatsApp, Instagram, Messenger, Twitter, Facetime, iMessage, Discord, Chat do LoL, etc. Hoje sigo com terapia uma vez por semana; em março conheci uma terapeuta que me fazia chorar o tempo todo, tinha espírito de *coach*, tentava de alguma forma me culpar por AQUILO que aconteceu com meu pai e falava que eu tinha de perdoar ele; dei um *ghosting* nela e sumi. A atual me ouviu e me faz falar demais, faz muitas perguntas e depois fala algumas coisas que eu nunca ouço direito ou não consigo prestar atenção, não sei. Também tenho psiquiatra a cada 2 meses, acho um porre; percebo ele me analisando e acho que ele sabe quando minto pra ele; ele disse que tenho ansiedade e depressão, e eu acho que tenho mesmo, torço pra isso tudo passar logo. Meus problemas com a casa da Trindade começaram um pouco antes da pandemia. Eu morava com meu amigo Guilherme, e ele estava de férias na casa da família dele, em Londrina; tudo estava tranquilo, tudo estava em paz, eu comia um *poke* e tomava um suco de uva com Lorena em um shopping cheio de frescuras no Rio Tavares, até que ele me mandou um áudio, do nada, no WhatsApp, dizendo que não voltava mais; tentei não surtar, não surtei e rapidamente consegui alguém para substituí-lo na casa (e no aluguel): Bruna foi morar comigo, ficou na casa por uma ou duas semanas, nem chegou a levar sua mudança, e BUMMMM! Pandemia. Isolamento. Fim do mundo. Disseram que seria por 14 dias; Bruna, eu e todos os outros brasileiros acreditaram, e ela foi passar esses 14 dias com a família em Criciúma; eu fiquei sozinho em casa, mas aconteceu que os 14 dias foram renovados por mais 14 dias, e mais 14 dias, e mais 14 dias, e o final de tudo isso a gente já sabe, pois estamos aqui até hoje e parece que vamos ficar assim pra sempre. Voltando, eu fiquei sozinho em casa no primeiro mês da pandemia e isso fodeu minha cabeça; eu não tinha com quem conversar e não podia sair, perdi a capacidade de dormir e me viciiei em League of Legends, o LoL, que é um jogo *on-line* de batalha multijogador com uma comunidade de jogadores extremamente tóxica; eu ficava o dia todo sem comer, sem dormir e sendo xingado por adolescentes por ser um péssimo jogador. E a Bruna pagando o aluguel, de longe, e eu mal com essa situação — porque ela não tava morando ali, e não tinha nada dela ali além do vestido de noiva da mãe dela, um par de chinelos, uma toalha e um

lenço —, ao mesmo tempo em que eu sabia que não conseguiria arcar com o aluguel sozinho sem passar fome. Então Lorena me ligou e me convidou para ir até a casa dela, que hoje é a nossa casa, e bebemos, conversamos e nos abraçamos; ela me levou na Lagoinha Pequena, onde tomamos sol, e me convidou, ou eu me convidei, não lembro, acho que foi um meio-termo, enfim, rolou essa conversa sobre morar aqui, e na hora mandei uma mensagem para o locador da minha antiga casa, falando que eu não poderia mais arcar com o aluguel por todos os motivos que citei aqui, e perguntando se ele poderia flexibilizar a multa, e ele aceitou; rolaram alguns perrengues, mas, enfim, saí da Trindade e me mudei para a SERVIDÃO MAR DO LESTE, Nº 207, APTO 6 - RIO TAVARES, ILHA DE SANTA CATARINA - SC, 88048-414. Eu mudei de casa no meio de uma pandemia, que é meio que uma trapaça, né? Se a regra é que eu não posso sair de casa, ninguém disse que eu não posso trocar minha casa por outra, arranjar outra parede para ficar olhando.⁵¹ A mudança foi no dia 23 de maio de 2020, aniversário da Lorena, uma experiência bem gostosa. Cheguei, comprei uma vela, fiz um bolo e conheci toda a família e os amigos dela, por videochamada, claro. Moro no Residencial Vó Benta, um condomínio com 6 quitinetes, todas iguais, um grande pátio, seis garagens e 2 lajes que uso para tomar sol quando dá. O prédio parece os conjuntos habitacionais do filme “The Florida Project” (sempre dou risada quando penso que moro no *Floripa Project*). Esse tipo de construção é bem comum na cidade, e muitos manezinhos vivem do dinheiro gerado pelo aluguel; alguns, inclusive, alugam as quitinetes durante o ano por um preço X e, na temporada, elevam o valor para 3 vezes X ou mais! Se procurarem aluguel por aqui, pesquise por aluguel anual para não terem a terrível surpresa de serem chutados de suas casas na alta temporada ou precisarem desembolsar milhões para o aluguel. Nossa quitinete é grande — nem sei por que chamar de quitinete, já que na minha cabeça quitinete é algo muito pequeno, individual, e entendendo este espaço como um apartamento —, tem 2 quartos, uma sala, uma cozinha, um banheiro, uma área de serviço e uma varandinha. Rio Tavares é diferente de todos os lugares que já morei; não que foram muitos, mas aqui é mesmo bem peculiar. Eu me sinto em uma roça o tempo todo: não tem sinal de telefone direito, a internet é muito ruim, a luz cai quando chove e quando não chove, não tem muitos bares, restaurantes ou mercados por perto e fica bem longe do centro. Também, de todos os lugares que já morei, o Rio Tavares, ou RT,

para os íntimos, é o que mais me proporciona contato direto com a natureza, o que é algo bem novo pra mim. Minha rua é sem saída, quer dizer, sem saída pra carro, já que o seu fim é na verdade um novo começo, com a entrada de uma trilha que dá em outra trilha que dá em outra trilha que dá direto em um parque de dunas e na praia. São 10 minutos entre a minha casa e o mar; morar nesse lugar é um privilégio. Dormi. Acordei. Dormi. Dormi. Acordei. Acordei. Chorei. Dormi. Acordei. Acordei. Dormi. Acordei. Estava pronto pra dormir, já tinha escovado os dentes duas vezes, cada vez com uma escova diferente, já tinha passado o fio dental e já tinha usado o enxaguante bucal. Ritual dos dentes completo. Estava na minha cama, aninhado entre os cobertores (gosto de dormir sempre igual a uma lagarta dentro do casulo: eu me enrolo todinho na coberta e puxo a parte inferior para baixo dos meus pés). Com os dentes super limpos e muito bem coberto, eu ouvia a chuva fininha que caía lá fora e os ruídos do quarto ao lado, onde Lorena conversava com sua prima, Cyres, que tinha chegado em casa havia 1 mês (chegou sem eu saber, simplesmente brotou ali; não quero falar sobre isso). Peguei o celular para checar as horas e ativar o modo avião, o que faço toda noite, pois tenho pavor de ser acordado de madrugada por uma notificação ou ligação com notícia ruim. Eu me protejo como posso. Pois bem, quando eu estava com o celular na mão, chegou uma notificação de Lorena, uma mensagem do WhatsApp que dizia Oi, Gabs. Tenho um assunto delicado pra falar com você e vai ter que ser por aqui pq pessoalmente não tô conseguindo. Pra mim não tá sendo bom a convivência na casa, sinto que você também tem sentido isso. Eu gostaria de te pedir pra olhar um outro lugar, com calma, durante o mês de março. Esse tempo juntos foi super importante pra mim de várias formas, obrigada pela parceria até aqui :) Amanhã podemos conversar melhor.⁵² Não consigo descrever bem o que eu senti na hora, mas lembro que foi uma sensação ruim; meu coração acelerou, meus olhos encheram de lágrimas, mas eu fiz com que elas esperassem pra cair. Não queria chorar dentro de casa, já que qualquer ruído que eu fizesse ali seria entendido como um rumor do outro lado da parede. Peguei meu celular, vesti uma calça de moletom suja e uma capa de chuva, calcei minhas havaianas e saí do apartamento, mesmo com chuva, para andar pelo bairro. Andar é o que mais me acalma no mundo. Assim que fechei o portão e encontrei a rua, chorei um oceano; parecia que toda a água que caía do céu era feita por mim. Andei por aproximadamente 2 horas, até chegar

numa pracinha, e parei. Peguei o celular e liguei pra um dos meus jões, não me lembro qual, que não atendeu. Liguei pra Ju e ela também não atendeu. Pensei em ligar pra minha mãe, mas imaginei que não seria uma boa ideia uma ligação minha, assim, tarde da noite, sobre esse assunto; eu poderia matar minha mãe do coração. Parei de tentar ligar para as pessoas. Então me sentei embaixo de uma marquise de concreto de um desses prédios feios de praia com temática de litoral. Abri o Tinder e olhei uns guris. Acho tão engraçado como em Floripa todos os rapazes parecem um só; eles são sempre brancos, loiros, de olhos claros e abdômen trincado. São o oposto de mim, e isso me deixa inseguro na maioria das vezes. Enfim, abri o Tinder, deslizei algumas vezes para a direita, outras para a esquerda, dei alguns *matches*. Um guri perguntou se eu estava bem, eu disse que não, e ele respondeu “foda”. Fechei o aplicativo, voltei pra casa meio chorando, meio com raiva, mas com uma única certeza: voltar a Londrina. Ao chegar, tirei minha roupa molhada, joguei em um canto do meu quarto, fui pro banheiro e tomei o banho mais quente do mundo (cerca de 197 graus); senti meus poros gritando e minha pele ressecando, vivi naquele instante uma microsituação de extremo aquecimento físico-corporal-psíquico-telepático. Escovei os dentes mais uma vez e me deitei na cama mais uma vez. Abri o WhatsApp mais uma vez. Vi a mensagem lá, não respondi. Tomei meu remédio em dose dobrada. Se 100 miligramas de Donaren me dão sono, as 200 miligramas que tomei me causaram uma semi-hibernação; dormi

NOTAS DE FURTO

- 14** FRANZ, Pedro. *Minha Madrid*. Ilha de Santa Catarina: Plataforma Par(ent)esis, 2019. n.p.
- 15** WALICKOSKY, Marcos. [Marcos conversando com Gabriel sobre Pedro Franz]. Instagram. 11 out. 2020. 4 mensagens de Instagram.
- 16** Idem.
- 17** Idem.
- 18** Idem.
- 19** FRANZ, Pedro. *Minha Madrid*. Ilha de Santa Catarina: Plataforma Par(ent)esis, 2019. n.p.
- 20** NORMAN FUCKING ROCKWELL. Intérprete: Lana Del Rey. Compositores: Jack Antonoff e Lana Del Rey. In: NORMAN FUCKING ROCKWELL!. Intérprete: Lana Del Rey. [S.l.]: Polydor Records, 2019. Álbum musical em plataforma de *streaming*, faixa 1.
- 21** MADEIRA, Nicolas Weber. [Nicolas conversando com Gabriel sobre a vida]. Telegram. 11 out. 2020. 2 mensagens de Telegram.
- 22** Idem.
- 23** Fala de Meryl Streep citando Carrie Fisher em seu discurso no Globo de Ouro ao ser premiada pelo conjunto de sua obra e por suas notáveis realizações no cinema, em 8 jan. 2017.

- 24** BOMBAY. Intérprete: El Guincho. Compositor: Pablo Díez-Reixa. In: POP NEGRO. Intérprete: El Guincho. [S.l.]: Young, 2010. Álbum musical em plataforma de *streaming*, faixa 1.
- 25** Nicolas confrontando a citação “Preciso falar porque falar salva”, disponível em: LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 81.
- 26** GARCIA, Marília. *Expedição nebulosa*. Revista Serrote, n. 32. São Paulo: IMS, 2019. n.p.
- 27** Idem.
- 28** LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 68.
- 29** BONFIM, Gabriel Augusto de Paula. *Corpo exposto não manda recado*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. p. 167.
- 30** LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 318.
- 31** RESPONDENDO EM VOZ ALTA: T2E2 – Mijar no mar é ecossocialismo?. Locução de: Laurinha Lero. *Podcast disponível na plataforma de streaming Spotify*. 28 min. 23 out. 2020.
- 32** GALERY, Lorena. [Lorena pedindo para Gabriel se mudar de casa]. WhatsApp. 28 fev. 2021. 22:24. 1 mensagem de WhatsApp.

EPÍLOGO

OU NOTA DE COMEÇO

A gente sempre quer falar sobre alguma coisa que nos parece óbvia, não a coisa, mas o desejo de falar sobre ela. Eu queria falar sobre a rua e a cidade, e acabei falando sobre isso, mas de um jeito imprevisível. Comecei escrevendo textos, que às vezes pareciam parte do meu diário na cidade, contando os espaços pelos quais passei e as memórias (boas ou ruins) que eu guardo desses lugares. Sobre as transições, da cidade e do corpo. Sobre os afetos e as pessoas que conheci. Sobre os lugares que ocupei e sobre como ocupei. Sobre o lugar que ocupo e como ocupo. Sobre a vida como ela é.

Falo de mim, mas poderia falar de você também. Algo que sempre teremos em comum é o fato de que, para habitar esse espaço, para habitar qualquer espaço, você precisa ir do ponto (A) ao ponto (B). Você precisa fazer uma trajetória. Ainda que a gente nunca se cruze.

Às vezes a gente quase se esquece que os trajetos se fazem com o corpo. Digo a gente mas nesse caso deveria dizer eu. Eu me esqueço. Talvez você não tenha um celular com aplicativos. Talvez você perceba todos os caminhos que faz nessa cidade e, mais, pense em maneiras de alterar a sua rota, de encontrar trajetórias alternativas e de mudar a rotina simplesmente observando o jeito que anda, pra onde anda, porque anda. O problema (nosso, nesse caso pode ser nosso) maior é esquecer que a cidade é, basicamente, um conjunto de trajetos, que podem ou não se encontrar, que levam para lugares conhecidos e para outros que nunca chegaremos a ver e que isso, por si só, já é suficiente para nos unir. Somos todos pontos nesse mapa. Mesmo que a gente não se encontre, a gente se move e isso pode parecer óbvio, mas não é. Todos os dias performamos caminhos para nos aproximar e nos afastar uns dos outros. Numa ação que envolva trajetos pela cidade, a gente não começa quando se encontra. A gente começa antes, quando sai de onde está pra onde estamos. A performance, de cada um e de todos nós, começa antes. Os horários e locais de partida são diferentes.⁴²

NOTAS DE FURTO

⁴² Roubado e levemente modificado de: AYERBE, Julia (org.). *Terminal 10mg*. São Paulo: Edições Aurora; Mexa, 2018. p. 6-7.

TRAJETOS

SE FAZEM

COM O CORPO

PUXADINHO

“O texto deslocado é sempre reciclado. A linguagem reciclada é politicamente e ecologicamente sustentável, promovendo a reutilização e o recondicionamento em oposição à manufatura e ao consumo do novo. Assim, contrapõe ao consumo global, capitalista e desenfreado, pois admite que a linguagem não pode ser possuída, que é um recurso partilhado e infinitamente abundante”.⁴³

eu tenho a palavra VAZIO tatuada na testa, as vezes as pessoas lêem como VA 210 e eu fico muito feliz quando isso acontece, feliz porque 210 é a minha linha ônibus, 210 vitória, é esse ônibus que me leva para todos os lugares desde que eu me entendo por gente, é esse ônibus que me levou pra UEL, pro trabalho, pros rolês e agora, nesse exato momento, tá me levando pra rodoviária, to indo pra outra cidade, pra outro estado, realizar uma prova de mestrado e chega a ser estranho pensar em como eu estou feliz nesse momento, independente do resultado da prova e dos poréns do futuro eu me sinto feliz, me sinto vivo, me sinto grato por ter chegado até aqui. Do 210 pro mundo e que assim seja.⁴⁴

irmã:

Não para de falar

isso na tv, em todos os lugares.

irmã: Também estou ficando assustada.

irmã: O Brasil não tem como
ficar de quarentena, parar tudo.

irmã: E nosso querido presidente
espalhou muitos vírus ontem

irmã: Ele que devia estar em isolamento e tava
lá apoiando e pegando na mão das pessoas.

irmã: Meu Deus.

irmã: Cê viu quantos infectados estavam na comitiva dele?

irmã: Voltou do exterior e ficou espalhando vírus. Tinha que
estar em quarentena. O que esse pessoal tem na cabeça?

irmã: Eu tô com muito medo!

irmã: E as pessoas não acreditam.

irmã: O presidente está achando que é brincadeira.

irmã: Tô fazendo minha parte.

irmã: Mercado não vai parar, e preciso do meu emprego.

Enfim, vou ter que pegar ônibus todos os dias. Con-
tinuar trabalhando, vendo público e assim vai.

irmã: Lotado lotado

irmã: Evitem aglomerações...

irmã: E vieram todos pro
mercado⁴⁵

15:41 [mensagem privada]
eu: claudio, a pri ta pedindo
teu whats, passa pra ela

15:41 regina: ruinas

15:41 [mensagem privada]
claudio: gente, passada
na opção mensagem pri-
vada. Vou enviar

15:42 [mensagem privada]
eu: hahahah, eu amo! fofoco
por aqui em todas as aulas!⁴⁶

13. Em relação às minhas condições emocionais e psicológicas para a continuidade ao meu curso com ensino remoto (online):

Escolha uma alternativa

- Sim, tenho condições de retomar o curso.
- Tenho condições parciais, mas me disponho a tentar.
- Não tenho condições emocionais ou psicológicas para a continuidade.⁴⁷

Cláusula 15ª. Caso venha(m) o(s) LOCATÁRIO(S) devolver(em) o imóvel antes do término da vigência do contrato, o(s) mesmo(s) pagará(ao), a título de multa, o valor de 02 (dois) aluguéis, vigentes na data da entrega das chaves, sem prejuízo dos dispostos nas Cláusulas 17ª e 18ª.⁴⁸

quando alguém te ignora você começa a achar que não existe!!!!⁴⁹

ma pal:

que faz sair,
que chama para fora.⁵⁰

Objeto Semi Identificado

Gilberto Gil

Opções

- Diga lá.
- Digo eu.
- Diga você.

- E línguas como que de fogo tornaram-se invisíveis.

E línguas como que de fogo tornaram-se invisíveis. E se distribuíram e sobre cada um deles assentou-se uma. E todos eles ficaram cheios de espírito santo e principiaram a falar em línguas diferentes.

- Eu gosto mesmo é de comer com coentro. Uma moqueca, uma salada, cultura, feijoada, lucidez, loucura. Eu gosto mesmo é de ficar por dentro, como eu estive na barriga de Claudina, uma velha baiana cem por cento.

- Tudo é número. O amor é o conhecimento do número e nada é infinito. Ou seja: será que ele cabe aqui no espaço beijo da fome? Não. Ele é o que existe mais o que falta⁵¹

* Crie um espaço editorial;

* Faça publicações como se fossem obras;

* Legitime seu espaço editorial: solicite ISBNs, produza fichas catalográficas, participe de eventos literários e artísticos, transfira numa pesquisa acadêmica financiada pela CAPES, ou afins;

* Batize seu espaço com algum título que determine, em números, o conceito/tempo de existência da sua editora;

* Faça publicações conceituais: como se fosse obras realizadas por e com outras pessoas artistas; - o trabalho pode ser realizado por e com outras pessoas artistas; - o trabalho não precisa ser realizado. Cada uma dessas opções tem o mesmo valor e corresponde à intenção da artista.

* Coloque fim no seu espaço editorial, transformando ele numa obra literária conceitual, talvez um catálogo.⁵²

INSTRUÇÃO PARA A CRIAÇÃO DE UMA EDITORA COMO PROJETO ARTÍSTICO

Olá Gabriel, boa tarde!

- Hélio Oiticica: a dança na minha experiência – R\$ 85,40 + frete

- Catálogo Histórias das mulheres, Histórias feministas – R\$ 149,00

O valor dos livros, sem o custo de envio, é R\$ 232,40. Para o seu CEP, as opções de frete são as seguintes:

SEDEX – Dia da Postagem + 5 dias úteis – R\$ 232,40 (dos livros) + R\$ 53,60 (do frete). Valor total: R\$ 286,00

PAC – Dia da Postagem + 9 dias úteis – R\$ 232,40 (dos livros) + R\$ 52,60 (do frete). Valor total: R\$ 265,00

Qual opção funciona melhor para você?⁵³

uma participação do corpo, de ações físicas, como podem solicitar "atos mentais", esperas e outras situações, como modulações de escuta, propondo experiências acústicas.⁵⁶ Pensar um trabalho como proposição implica em concebê-lo como algo que não se dissocia de seu processo, como algo situacional e que pode circular em alguns contextos de um modo quase imperceptível e sutil. Proposições sonoras podem solicitar

como escreveu Clarice Lispector: *palavra também é coisa, coisa que se pega com a boca, quando se fala*.⁵⁸

nicolas flp, [14 de ago de 2020 14:59:25]:
eu não sei de que forma cê vai "mamar"
a clarice

mas eu acho interessante atualizar ela

e você foi a primeira pessoa que eu conheci
que xingou ela! eu amoo isso

desde então eu tenho guardado umas grosse-
rias à ela e apresentado ela como "desgraçada"

porque ela é um cânone e escreve muito de/
sobre um outro plano de existência, e é bom
ridicularizar isso e reinterpretar com o que
a gente tem de real hoje em dia

não deixar ela virar algum tipo de mitologia
intocável, ela já é velharia

e tb porque acho que ela concordaria com
isso, gosto de pensar que ela não é dessas
que guardava elogios e admiração bobas⁵⁸

*[...] o que escrevo,
refaço dez vezes.
Mas é verdade
que, na décima
vez, escrevi muito
depressa. É por essa
razão que persistem
erros, porque é um
texto. Um texto,
como se indica o
nome, só pode se
tecido em se dando
nós. Quando damos
nós, há alguma
coisa que sobra e
fica pendurada.* ⁵⁹

(...) ainda que a minha ficção não seja muito boa... levei doze anos para escrever um romance. Eu fiquei uma temporada na Espanha (em Carboneras, Almería, em 1970) para trabalhar nele. Chama *I See / You Mean*. Mas isso não significa “Eu vejo o que você quer me dizer”, mas “eu vejo e você dá sentido ao que eu vejo”. Tudo muito abstrato, e com muitas influências da arte conceitual. Me dei conta que, ainda que não fosse ruim, e muito difícil de ler, muito experimental. (...) eu estava imersa no mundo da arte, vivendo um momento muito emocionante.⁶¹

Utilizando-se a técnica de PCR, os marcadores polimórficos foram amplificados, separados por eletroforese e analisados separadamente.

O índice de Paternidade Combinado foi de 69.342.716.573,50.

A Probabilidade de Paternidade foi de 99,9999999986%

O que significa que o suposto pai, o Sr. Adir Nestor Bonfim tem uma probabilidade de 99,9999999986% de ser o pai biológico de Gabriel Augusto de Paula, que tem por mãe a Sra. Chirlei Aparecida de Paula. As amostras foram analisadas por duas equipes diferentes em prova e contra-prova e confirmaram os resultados obtidos.

Conclui-se que o Sr. Adir Nestor Bonfim é o pai biológico de Gabriel Augusto de Paula.

Declaro que o laudo acima é expressão da verdade.

Vespasiano, 25 de julho de 2011.
Dr. Victor Cavalcanti Pardini, M.Sc., Ph. D.
CRM: 27.787-T.⁶²

[12:16, 29/03/2020] elke:

Todos estamos afetados com tudo isso. Mas suas pesquisas emergem deste lugar que chamamos de cidade, de rua, de espaço público.

O que faz a rua ser a rua?

Olho pela janela há dias e não vejo nenhuma pessoa circulando. Há algumas dentro dos poucos carros, sobre algumas motos.

Uma cidade com pessoas confinadas ainda é uma cidade? Vou ter que transformar meu apartamento na minha cidade? Cada um, por agora, vai ter a sua própria pequena e insuficiente cidade?

Que cidade é esta que se coloca agora?

Acho que sua dissertação não estará imune a perguntas desta natureza.⁶³

Bom eu levaria minha escrivinha para a praia, talvez para ela se divertir um pouco, pegar um sol, usar o biquíni novo dela, pegar uma marquinha, para brincar um pouco na água, ficar bronzizada e pegar uma vitamina D.⁶⁴

caixa.gov.br

Apostas

you believe you will have a "love of your life"? because I believe that yes. both for me as for you. when it happens is that I don't know. it just happens, or something happens-not-being and now I am postponing... man, it can be at any moment?! and if the love of my life has not yet been born? when I meet him will he be almost dying? he can be dead, but he is reborn, always returns. it gets uncomfortable. I can't stand it. I can't stand asking for it, running when he is close, hitting the wall. one time and another time. always painful, when it ends. or in the middle of the final. the beginning is almost always good. and no one lives from the beginning, lives?⁶⁵

Data da compra: 31/12/2020
Modalidade: Mega da Virada
Aposta: Surpresinha 01 17 20 23 36 39
Concurso 2330⁶⁶

Quem relata e quem critica ou é artista ou nada é; é inadmissível essa merda de crítico numa posição de espectador: volta tudo ao antigo e não há quem possa; principalmente quando se refere a experiências que têm que ver com o comportamento e a ação deste; esse pessoal todo ainda dava certo até o Bicho, mas agora quando você chega a essa dilatação aguada e impressionante de todos os começos (corpo, sensorialidade, etc.) e já está muito além do que se poderia pensar, essa gente falha; essa relação de cada participante com a força de baba é algo grande demais; não pode ser descrito factualmente...⁶⁷

I'm seeing all the signs from above
I'm gonna be the one that he loves
I was made for loving him
The Fashion of his Love
Oh yeah
I'm gonna be his first and last kiss
'Cause honey I was born to be his⁶⁸

A BNCC nos Anos Finais do Ensino Fundamental: Artes

Enquanto professor de arte, você entende a importância desse componente para a formação integral de seu aluno?

- Sim
- Não
- Não sei responder

Você percebe que o componente Arte trabalha com o desenvolvimento emocional dos alunos?

- Sim
- Não
- Não sei responder

69

Para Allan Kaprow, o ato de prestar atenção e estar consciente de atividades cotidianas, como amarrar os cordões dos sapatos, pode ser fundamental como experiência artística: "Tais rotinas, quando se tornam conscientes, nunca são idênticas. Um dia, o telefone toca quando eu amarro um cadarço do sapato esquerdo, num outro dia, faz calor e os dois cadarços permanecem desfeitos." E, ao comentar o período em que começou a dar ênfase a essas atividades, dizia: "Supunha-se que as pequenas coisas da vida cotidiana poderiam servir para contrabalançar as abstrações em que os 'grandes' problemas se transformam quando lhes damos um nome."

A arte poderia ser uma experimentação do olhar, do comportamento e da linguagem com situações e objetos, a partir da experiência que se adquire e se guarda com esses mesmos objetos e situações? O que acontece se produzo outros sentidos utilizando outras linguagens, outras confrontações, se *experimento* outro uso para essa *experiência*? O que seria uma *experiência* e uma experimentação em aberto?⁷⁰

peep
ex-ercícios e./e.

2021-1

1

em uma frase, d-escreva uma experiência de pausa.
quando, como, onde, em quê acontece uma pausa?
tentar escrever inscrever-escutar uma pausa.

16-03-2021

16:07 daniela: leonilson
era casado com o Edu
Brandão, um dos donos
da galeria vermelho hoje

16:08 daniela: agora,
qual casal vai junto toda
hora no banheiro do bar?
então, vai saber⁷¹

como experienciar uma pausa?

Ontem você disse que achava que, quando fazemos um trabalho juntos, partimos da afinidade, do fato de que os trabalhos que você fez até hoje poderiam ter sido feitos por mim, e vice-versa. Concordo. E ainda confesso que você me alivia. Sempre que vejo tuas exposições, penso: ufa, que bom, não preciso mais ter essa ideia e fazê-la. Mas acho que nossa afinidade maior passa pela leitura, não à toa fundamos nossa Confrar'ilha de Leitura. Por que não optamos por ser escritores?

Talvez para não competir com meus autores preferidos. Para não me decepcionar nem com eles nem comigo, deixá-los do lado de lá dos livros, ficar só com a obra... Acho que sou muito mais leitora que escritora. E tentar ser escritora para mim seria, talvez, acabar com o prazer da leitura. Acho que criamos a Confrar'ilha não só para dar uma atualizada na estante, fugir do cheiro de mofo, mas principalmente para poder compartilhar as novas histórias, criar a cumplicidade dessas novas experiências. Como quando dois amigos viajam juntos e sempre voltam mais amigos, cheios de histórias pra contar, pra rir e lembrar. É isso, acho que como não somos escritores, embarcamos nos botes alheios mais inteiros. Mas você escreve, muito mais que eu. O que você acha que não te torna escritor?⁷³

Cadeira Duke Black Okamura

Pensada para proporcionar a sensação de pleno acolhimento e bem estar. Um novo conceito de cadeira. Com exclusivo sistema Active Black que oferece o suporte perfeito para as costas e lombar durante o dia a dia de altos executivos.

R\$ 34.599,99

12x R\$ 2.883,33 sem juros

Ou R\$ 31.159,99 à vista

Adicionar ao carrinho

74

gabebe, [7 de abr de 2021 22:47:46]:

amigo

eu nao consigo nao ser a pessoa que diz pra tu sair dai

eu sinto que vc n pode assimir essa responsabilidade sabe

de provedor da familia

nao tem como

e tu tb n pode entrar nessa de sentir q vc ta abandonando sua familia

sei que executar isso não é facil mas tu n pode morrer amigo..
tu n pode deixar de lado as coisas que te fazem voce

75

Quando vou ser vacinado?

Previsão de vacinação (primeira dose): 1 ano, 6 meses e 20 dias

Você tem 24 anos e ainda faltam ser vacinadas 10.286.390 pessoas antes de você no estado do Paraná.

Quando chegar a sua vez diga SIM para a vacina. Por enquanto mantenha o distanciamento social e de preferência para máscaras PFF2/N95, encontre onde vende mais próxima de você em PFF para Todos.

Importante: As previsões podem mudar diariamente conforme a média de vacinação de cada estado, não podendo servir de base para ações de políticas públicas e estão suscetíveis a mudanças de regras e leis da federação, estados e cidades. Continue se informando nos sites dos governos e com notícias de portais confiáveis.

Como fizemos este cálculo?

Para este cálculo de previsão, estão sendo consideradas as faixas etárias da população do estado do Paraná e também os grupos prioritários (Povos Indígenas - 12.933 pessoas / Trabalhadores da Saúde - 166.481 pessoas / Prioritários do PNI (Plano Nacional de Imunização) 2.684.028 pessoas). O estado do Paraná aplicou até agora um total de 1.987.181 doses, sendo 1.458.539 como primeira e 528.642 como segunda dose. Ou seja, 12.66% da população já recebeu ao menos a primeira dose da vacina. 75.671 doses foram registradas nas últimas 24 horas, e a média de vacinação diária da primeira dose é de 18.625 doses - considerando os últimos 7 dias.⁷⁶

Life on the badlands

SONGS MY BROTHERS

TAUGHT ME, the rarely seen debut from Oscar-nominated “Nomadland” director Chloé Zhao, arrives this Friday.

A wistful tale of loss and

family ties that recalls the work of Terrence

Malick, this is a beautifully shot coming-of-

age drama set against the stark backdrop of

South Dakota’s Pine Ridge Reservation.

As empathetic as it natu-

ralistic, Zhao’s first

feature marks the introduction of a distinctive and undeniable talent.

Exclusively on **MUBI**, April 9.

[Wharch Trailer⁷⁸](#)

Que sofrimento essa esperal. Idosos são prioridade e estão inventando prioridades pra “furar” a fila... afinal, quais são as maiores vítimas dessa doença? Quando morre um jovem todos sentem e ele tem nome e rosto... acima dos 60 anos passou a ser apenas um número a mais nas estatísticas. Prioridade é para aqueles que tem maior chance de perder a vida pela COVID. Acelera Londrina.¹⁷⁷

O pé é horrível, mas o rostinho <3
A voz então, nem se fala⁷⁹

Este é o seu último ano de desconto

Sua condição de estudante está verificada até: 07/03/2022

Você atingiu a duração máxima de 4 anos do desconto para universitários, então não poderá renová-lo mais uma vez.

Ao final do período de desconto, você passará a pagar o preço normal do Spotify Premium até o cancelamento.

V o l t a r à m ú s i c a ⁸ ◦

Geração Paissandu

Vi tudo que vi, entendi como pude.
Depois, como de direito,
endureci. Agora a minha boca
não arde tanto de sede.
As minhas mãos é que coçam –
vontade de destilar
depressa, antes que esfrie,
esse caldo morno de vida.⁸¹

Confissões

- Fui me confessar ao mar.
- E o que ele disse?
- Nada.⁸²

Uma vez entrevistei o
Ferreira Gullar. Ele contou
que, no final de 68, ficou
sabendo que a Ditadura ia
endurecer. Deu o recado ao
Geraldo Vandré. “Pior que
está não pode ficar”, reagiu
Vandré. E Gullar rebateu.
“Você tá errado.
A capacidade de piorar
é infinita”. Veio o AI-5⁸⁴

Que vergonha Gabriel, não te respondi,
deixei de te dizer que está ótimo.
Desculpa, desculpa, desculpa.

Pode colocar no puxadinho
essa mensagem também,
Bjo, Sandra⁸⁵

NOTAS DE FURTO

43 Transcrição de captura de tela de 26 de maio 2020: fragmento de Kenneth Goldsmith capturado durante a disciplina “Outros espaços da arte”, ministrada por Regina Melim.

44 Transcrição de texto publicado em meu Facebook em 23 de abril de 2019.

45 Fragmento de mensagem enviada por minha irmã Ethieny para mim no aplicativo WhatsApp em 20 de março de 2020.

46 Transcrição de captura de tela de 21 de julho de 2020: fragmento de fofoca no *chat* do site Jitsi Meet durante a disciplina “Outros espaços da arte”, ministrada por Regina Melim.

47 Transcrição de captura de tela de 16 de abril de 2020: fragmento de formulário sobre o ensino remoto emergencial enviado pela UDESC.

48 Transcrição de captura de tela de 20 de maio de 2020: fragmento do meu contrato de locação da casa na Trindade.

49 Transcrição de captura de tela de 5 de maio de 2019: *tweet* do meu ex-namorado João Renato.

50 Transcrição de captura de tela de 22 de maio de 2020: Marília Garcia apresenta “Então descemos para o centro da terra” no primeiro ciclo de residências do Pivô Pesquisa 2020.

51 Transcrição de captura de tela de 2 de junho 2020: fragmento de Gilberto Gil capturado durante o seminário temático “Investigações sob(re) Proposições Sonoras”, ministrado por Raquel Stolf.

52 Transcrição de captura de tela de 2 de junho de 2020: fragmento de Gabi Bresola capturado durante a disciplina “Outros espaços da arte”, ministrada por Regina Melim.

53 Transcrição de captura de tela de 28 de julho de 2020: fragmento de e-mail recebido da loja do MASP.

56 Transcrição de captura de tela de 23 de junho de 2020: fragmento de Raquel Stolf durante o seminário temático “Investigações sob(re) Proposições Sonoras”.

57 Transcrição de captura de tela de 16 de junho de 2020: fragmento de Clarice Lispector capturado durante o seminário temático “Investigações sob(re) Proposições Sonoras” ministrado por Raquel Stolf.

58 Fragmento de mensagem enviada por Nicolas para mim no aplicativo Telegram em 14 de agosto de 2020.

59 Transcrição de captura de tela de 27 de agosto de 2020: fragmento de autoria desconhecida.

60 Transcrição de captura de tela de 8 de julho de 2020: fragmento de José Leonilson capturado durante o espetáculo virtual ao vivo “Ser José Leonilson”, idealizado por Laerte Késsimos.

61 Transcrição de captura de tela de 2 de junho de 2020: fragmento de Lucy Lippard capturado durante a disciplina “Outros espaços da arte”, ministrada por Regina Melim.

62 Transcrição do exame de DNA que fiz em 2011 para comprovar o vínculo com meu pai, que eu tinha acabado de conhecer.

63 Fragmento de mensagem enviada por Elke para mim no aplicativo WhatsApp em 29 de março de 2020.

64 Transcrição de imagem compartilhada por Miguel V. no aplicativo WhatsApp em 1 de outubro de 2020. O texto em questão foi escrito por um de seus alunos do estágio docência como resultado de um exercício de tradução/releitura do meu trabalho “Espaço para gerar espaço”.

65 Texto extraído de carta que recebi do meu ex-melhor amigo Edinan em 25 de setembro de 2020.

66 Transcrição de captura de tela de 31 de dezembro de 2020: aposta de quando joguei na Mega da Virada e cheguei perto de talvez quase ganhar.

67 Transcrição de captura de tela de 20 de janeiro de 2021: carta de Hélio Oiticica para Lygia Clark, de 11 de julho de 1974.

68 Transcrição de captura de tela de 7 de janeiro de 2021: letra de “Fashion Of His Love”, canção de Lady Gaga.

69 Transcrição de captura de tela de 14 de fevereiro de 2021: formulário em curso de formação continuada ofertado pelo Ministério da Educação sobre a disciplina de Arte na Base Nacional Comum Curricular.

70 Transcrição de captura de tela de 18 de março de 2021: Fichamento do texto “Formas de apresentação: experiência, autonomia, escritos de artista”, de Hélio Ferverza.

71 Transcrição de captura de tela de 16 de março de 2021: fragmento de fofoca no *chat* do site Jitsi Meet durante a disciplina “Espaços impressos”, ministrada por Regina Melim.

72 Transcrição de captura de tela de 11 de março de 2021: exercício de escrita/escuta da disciplina “Processos de Escrita/Escutas de Processo”, ministrada por Raquel Stolf.

73 Transcrição de captura de tela de 9 de março de 2021: fragmento da publicação “Conversas”, de Fabio Morais e Marilá Dardot, apresentada por Regina Melim durante a disciplina “Espaços impressos”.

74 Transcrição de captura de tela de 27 de janeiro de 2021: anúncio que encontrei durante minha saga em busca de uma cadeira de escritório para enfrentar o EAD.

75 Fragmento de mensagem enviada por meu amigo Gabriel para mim no aplicativo Telegram em 7 de abril de 2021.

76 Transcrição de captura de tela de 13 de abril de 2021: fragmento do site quandovouservacinado.com com a previsão da data em que eu tomaria a primeira dose da vacina contra a Covid-19.

77 Transcrição de captura de tela de 5 de abril de 2021: comentário na página do Facebook do Portal Bonde, de Londrina.

78 Transcrição de captura de tela de 7 de abril de 2021: *newsletter* com anúncio de lançamento de filme que recebi do MUBI.

79 Transcrição de captura de tela de 12 de abril de 2021: mensagem privada que recebi de um estranho no Instagram.

80 Transcrição de captura de tela de 7 de fevereiro de 2021: aviso do Spotify de que sou estudante faz muito tempo.

81 Transcrição de captura de tela de 14 de abril de 2021: texto compartilhado pelo meu ex-namorado João Renato no Instagram.

82 Transcrição de captura de tela de 23 de abril de 2021: o único poema de Lygia Fagundes Telles, segundo ela mesma.

83 Transcrição de captura de tela de 23 de maio de 2021: e-mail da minha orientadora e amiga Sandra Favero.

84 Transcrição de captura de tela de 30 de março de 2021: *tweet* publicada por Renato Terra.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Editora Argos, 2009.
- AYERBE, Julia (org.). *Terminal 10mg*. São Paulo: Edições Aurora; Mexa, 2018.
- BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*: antologia. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.
- BERNARDES, Maria Helena. *Vaga em campo de rejeito*. São Paulo: Escrituras, 2003.
- BONFIM, Gabriel. *Corpo exposto não manda recado*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.
- BRUM, Eliane. *meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- CAETANO VELOSO. Intérprete: Caetano Veloso. [S.l.]: Universal Music Ltda, 1971. Álbum musical em plataforma de *streaming*.
- CASTRO, Daniela; MORAIS, Fabio. *ARTE E MUNDO APÓS A CRISE DAS UTOPIAS*: assim mesmo, em CAIXA ALTA e sem notas de rodapé. Ilha de Santa Catarina: Plataforma Par(ent)esis, 2010.
- CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CLARK, Lygia. Carta a Mondrian. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (orgs.). *Escritos de artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- CLARK, Lygia. OITICIA, Hélio. *Cartas, 1964-74*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- COELHO, Elke. *Outras coisas de Iracema*. Londrina: Coelho Coelhos, 2020.
- COELHO, Frederico. *Livro ou livro-me: os escritos babilônicos de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- CUSK, Rachel. *Esboço*. São Paulo: Todavia, 2019.
- FRANZ, Pedro. *Minha Madrid*. Ilha de Santa Catarina: Plataforma Par(ent)esis, 2019.
- GARCIA, Marília. *Expedição nebulosa*. Revista Serrote, n. 32. São Paulo: IMS, 2019.
- GARCIA, Marília. *Parque das ruínas*. São Paulo: Luna Parque, 2018.
- GOMES, Roberto. *Crítica da razão tupiniquim*. Porto Alegre: Editora Movimento; UFRGS, 1979.
- HERKENHOFF, Paulo; HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Manobras Radicais*. São Paulo: CCBB, 2006.
- HILST, Hilda. *A obscena senhora D*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2004.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor*. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.) *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KOSOVSKI, Pedro. *Caranguejo overdrive*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.

KRAUS, Chris. *Eu amo Dick*. São Paulo: Todavia, 2019.

KRENAK, Ailton. *Idéias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEONILSON, José. *[Cheio, vazio]*. 1993. Bordado e costura sobre voile e tecido de algodão, 54 x 49 cm.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOUISE, Ganz. *Imaginários da terra: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2015.

LUISELLI, Valeria. *A história dos meus dentes*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

MAISTRE, Xavier de. *Viagem à roda do meu quarto; e, Expedição noturna à roda do meu quarto*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

MAISTRE, Xavier de. *Viagem ao redor do meu quarto*. São Paulo: Editora 34, 2020.

MARQUES, Ana Martins. *O livro das semelhanças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARQUES, Ana Martins; JORGE, Eduardo. *Como se fosse a casa: uma correspondência*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

MELODRAMA. Intérprete: Lorde. *[S.I.]*: Universal Music New Zealand Limited, 2017. Álbum musical em plataforma de *streaming*.

MICHAELSEN, Jorgen. *Porquoi o mal*. Florianópolis: Plataforma Par(ent)esis, 2011.

MIRANDA, July. *O escolhido foi você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MORAIS, Fabio. *Escritexpográfica*. Ilha de Santa Catarina: Plataforma Par(ent)esis, 2020.

MORAIS, Fabio. *Site Specific, um romance*. Ilha de Santa Catarina: Plataforma Par(ent)esis, 2013.

MORAIS, Frederico. *Contra a Arte Afluente: O Corpo é o Motor da 'Obra'*. Revista de Cultura Vozes. Rio de Janeiro, n. 1, jan./fev. 1970.

NAZEMIAN, Abdi; MARTINS, Vitor. *Tipo uma história de amor*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

NORMAN FUCKING ROCKWELL!. Intérprete: Lana Del Rey. *[S.I.]*: Polydor Records, 2019. Álbum musical em plataforma de *streaming*.

OITICICA, Hélio. *A dança na minha experiência*. São Paulo: MASP, 2020.

PEREC, Georges. *Especies de espaços*. Barcelona: Montesinos, 2001.

PEREC, Georges. *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

POP NEGRO. Intérprete: El Guincho. *[S.I.]*: Young, 2010. Álbum musical em plataforma de *streaming*.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RESPONDENDO EM VOZ ALTA. Locução de: Laurinha Lero. *[S.I.]*: Spotify, 2020. Podcast disponível na plataforma de *streaming* Spotify.

RITO DE PASSÁ. Intérprete: Mc Tha. *[S.I.]*: Elemess, 2019. Álbum musical em plataforma de *streaming*.

SAAVEDRA, Carola. *O inventário das coisas ausentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

VÁRZEA, Virgílio dos Reis. *Santa Catarina: a ilha*. Florianópolis: IOESC, 1984.

VILA-MATAS, Enrique. *História abreviada da literatura portátil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

VILLA-FORTE, Leonardo. *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; Belo Horizonte: Relicário, 2019.

WISNIK, Guilherme; MARIUTTI, Julio. *Espaço em obra*. São Paulo: Edições SESC, 2018.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas Livros, 2014.

Durante a pandemia de Sars-CoV-2 (COVID-19) esta publicação foi composta em GT America e Gramatika. O miolo impresso em Pólen Bold 90g/m² e capa em Rives Design Bright white 240g/m². Impressão e acabamento realizados pela Caseira Editora, na Ilha de Santa Catarina – 2021. Projeto gráfico realizado por Gustavo André.

